

UNQUIET



ESTADOS UNIDOS · FILIPINAS · FRANÇA · ÍNDIA

C6 Conta **Global** Dólar e euro com menos tarifas

Câmbio instantâneo 24 horas, transferência entre
contas como se fosse um Pix e câmbio programado.



Baixe o app
e abra
sua conta

C6 BANK



Para contar histórias é preciso vivê-las.

ECLIPSE CROSS

PAZ NO TRÂNSITO COMEÇA POR VOCÊ! 

Tech & Soul



4x4 É MITSUBISHI

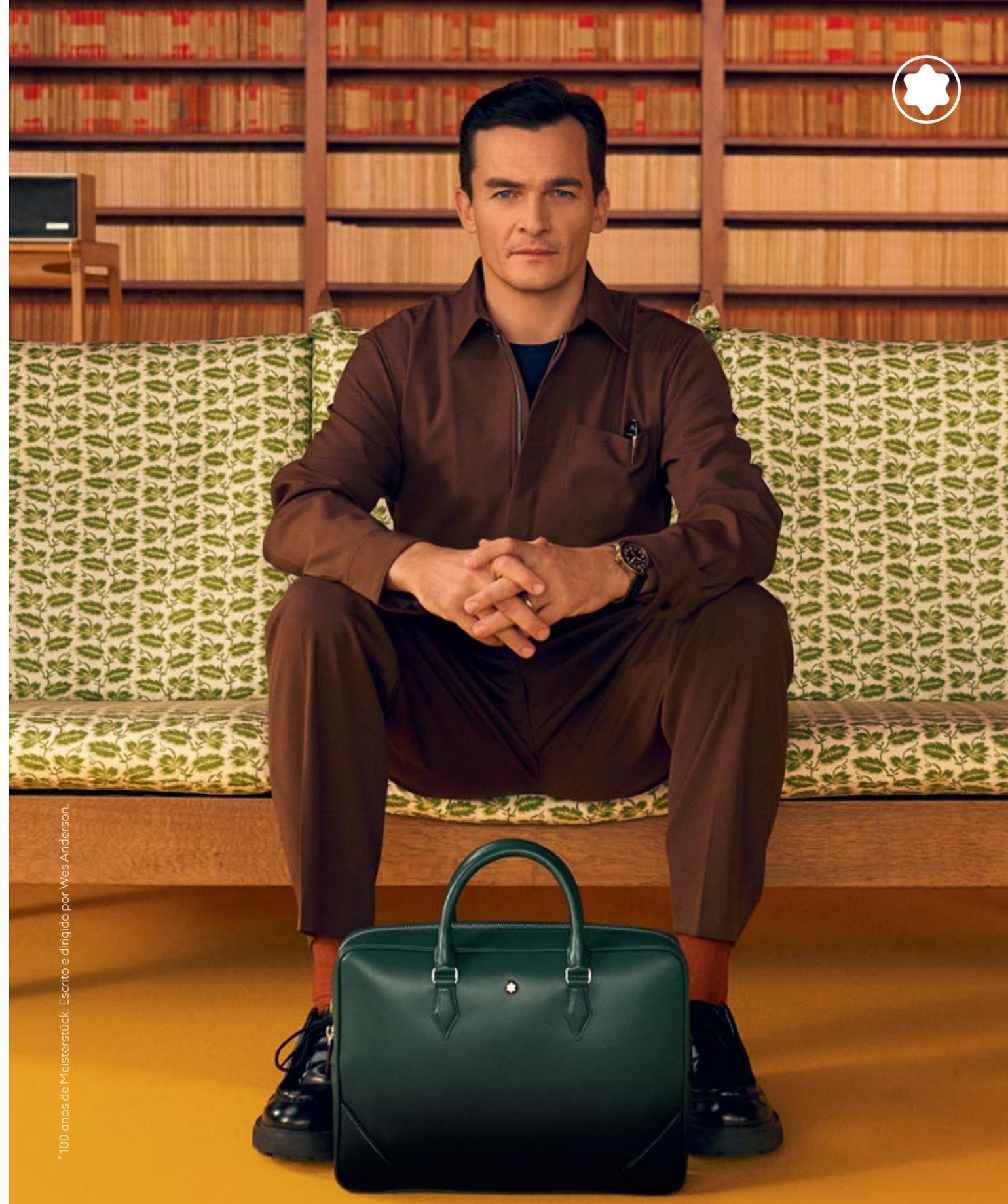
Tem sempre um lugar novo para descobrir. Uma paisagem nova para se encantar. Uma aventura nova para ser vivida. E quando esses momentos chegam, nada melhor que contar com a força de um motor turbo, a segurança de 7 airbags, a comodidade do câmbio CVT e o conforto do multimídia JBL. Porque num 4x4 Mitsubishi é assim. **Você tem a liberdade para ir e segurança para voltar quando quiser.**

www.eclipsecross.com.br



Sumário

016	360° – <i>Dolce far niente</i> à beira-mar, em um palácio ou ao prazer do vento
036	48 Horas – As raízes, os contrastes e as boas surpresas de Nairóbi
040	Biblioteca – As grandes explorações literárias de Amyr Klink
048	Check-in – Tendências e novidades para viajar consciente
054	Brasil – A volta por cima de Brumadinho por meio da cultura e da arte
066	Cultura – O roteiro de Martin Luther King Jr. por Taís Araujo e Lázaro Ramos
078	Arte – Precisão e perfeição na arte da relojoaria suíça
088	Esporte – Mergulho, kitesurfe e paisagens arrebatadoras nas Filipinas
098	Bem-estar – Uma jornada de introspecção e renovação na Índia
108	Proudly – Destinos no Mediterrâneo para viver e celebrar o orgulho
112	Ensaio – As cores e a originalidade fascinante da Índia
118	Gastronomia – Da produção do brie a um <i>tour</i> queijeiro por Paris
128	Aventura – Egito, Jordânia, Socotra e Seychelles em um cruzeiro cultural
140	Entrevista – Patrizia Zito e suas missões sociais junto à Swan Hellenic
144	Aventura Extrema – Desafios e emoções no <i>trekking</i> ao topo do Kilimanjaro
152	Crônica – Joyce Pascowitch e sua jornada transformadora pelo Atacama
154	Inspiradores – Bayard Rustin, um paladino da liberdade e dos direitos civis



*100 anos de Meisterstück. Escrito e dirigido por Wes Anderson.

MONTBLANC

100 Years of Meisterstück.
Written and directed by Wes Anderson.*
www.montblanc.com.br

“As grandes coisas acontecem quando o homem e as montanhas se encontram.”

William Blake



C6BANK

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

Diretor Editorial

Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor executivo

André Cheron

Diretora de conteúdo

Nathalia Hein

Consultor

Erik Sadao

Diretor Comercial

Ricardo Battistini

Diretor de Arte

Ken Tanaka

Editor de arte

Raphael Alves

Gerente de marketing e conteúdo digital

Luciana Lancellotti

Coordenadora digital

Patricia Poli

Produtora de conteúdo digital

Karina Perussi

Projeto gráfico

Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de contas e novos negócios

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: Corinna Sagesser, Daniel Nunes Gonçalves, Erik Sadao, Joyce Pascowitch, Juliana A. Saad, Juliana Affonso, Karina Oliani, Lázaro Ramos, Luciana Lancellotti, Manoel Morgado, Nathalia Hein e Taís Araujo

Fotos: Fernanda Carvalho, Manoel Morgado, Rapahel Calles e Tuca Reinés

Ilustração: Antonio Tavares e Humberto Campana

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Alamy / Fotoarena

Custom Editora Ltda.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Viajar para vivenciar onde a história foi escrita é um dos motivos que me levam a querer conhecer o mundo. As pessoas que encontramos no caminho são reflexos da história e nos ensinam, transformam e conectam.

Nesta edição, viajamos com os atores Taís Araujo e Lázaro Ramos para algumas das cidades norte-americanas onde o líder pacifista Martin Luther King lutou por princípios de liberdade e igualdade. Uma batalha que continua até os dias de hoje.

Fomos até Brumadinho conhecer as ações que estão revitalizando a cidade após a tragédia que devastou a região. Encontrar pessoas que decidiram ir à luta e compartilhar a cultura e a arte como uma alternativa econômica.

Embarcamos em uma aventura por países com culturas e histórias milenares, em um barco desde o Egito até Seychelles, vivenciando experiências inesquecíveis. E, em uma das expedições mais desafiadoras e transformadoras que já realizamos, fizemos um *trekking* ao topo da mais alta montanha do continente africano, o Kilimanjaro.

Um roteiro de queijos e vinhos por Paris, passando pelo coração da produção dessas maravilhas da gastronomia mundial, revela por que o queijo é uma paixão nacional francesa. Em um pacato vale próximo a Genebra, vimos de perto artistas e artesãos criando algumas obras-primas da relojoaria suíça.

Nas belas ilhas das Filipinas, descobrimos um dos mais incríveis *hotspots* do mundo para os amantes da vida marinha, velejando por entre ilhas remotas e intocadas.

Na minha primeira viagem à Índia, país com cultura e tradições milenares, passei alguns dias no Six Senses Vana, um refúgio de bem-estar com tratamentos ayurvédicos e tibetanos. Foram momentos de total reconexão e de cuidados comigo mesma.

E, para celebrar o mês do orgulho de poder amar a quem quiser, fomos a vários destinos do Mediterrâneo, trazendo dicas para a comunidade LGBTQIAPN+ aproveitar o verão e celebrar a diversidade.

Lembre-se de que parte da nossa responsabilidade ao viajar pelo planeta é cuidar dele e preservá-lo para as próximas gerações.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Stay alive.
Be UNQUIET.

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet

/revistaunquiet

/revistaunquiet

revistaunquiet.com.br

C6 Carbon Mastercard Black

Até 3,5 pontos por dólar gasto

Cashback de até 1,7%, **acesso a salas VIP
no mundo todo e muito mais.**

Simulação considerando dólar a R\$ 4,80.
Consulte condições no app do C6 Bank.



Baixe o app
e abra
sua conta

C6 BANK

Colaboradores



Atriz, apresentadora, jornalista e defensora das mulheres negras por meio da ONU Brasil, **Taís Araujo** se tornou um dos nomes mais potentes dentro e fora das telas. Seu extenso currículo acumula 13 novelas, dez

peças de teatro, dez filmes e cinco séries, além de três programas de televisão. Multitarentosa e multipremiada, Taís recebeu, ao longo dos seus mais de 25 anos de carreira, prêmios e títulos no mundo inteiro, incluindo a dupla eleição pelo Mipad (Most Influential People of African Descent), na Universidade de Columbia, com o apoio da ONU, em Nova York, como uma das 100 negras mais influentes do mundo. Ao lado do marido, Lázaro Ramos, ela assina a matéria de Cultura.

Lázaro Ramos é baiano, ator, diretor, apresentador, escritor e embaixador da UNICEF. Um dos nomes mais versáteis de sua geração, ele começou sua carreira artística no Bando de Teatro Olodum, de Salvador, coletivo teatral que se tornou um dos símbolos de resistência das artes no país. São cerca de 40 filmes no currículo, 40 peças teatrais e mais de 20 novelas, séries e programas de televisão, além de oito livros publicados – entre eles o *best-seller Na Minha Pele*. Em 2017, foi eleito pelo MIPAD um dos afrodescendentes mais influentes do mundo abaixo dos 40 anos. Com a esposa, Taís Araújo, percorreu a trajetória de Martin Luther King Jr. para a matéria de Cultura deste mês.



Amyr Klink dispensa apresentações. O navegador e escritor brasileiro soma em seu currículo mais de 2,5 mil palestras, proferidas no Brasil e exterior, nas quais relata suas experiências de viagem, que realiza desde 1984. Autor de *best-sellers* sobre suas travessias e expedições pioneiras, Amyr assina a curadoria de uma seleção de livros de grandes navegadores e exploradores mundiais para a seção Biblioteca.



BOB WOLFENSON

Um dos maiores nomes do design mobiliário mundial, ao lado do irmão, Fernando (1961–2022), **Humberto Campana** tem seu trabalho profundamente enraizado na cultura e nas tradições brasileiras. Humberto está à frente do estúdio que leva seu sobrenome há 40 anos e também do Instituto Campana, cuja missão é promover o design como uma ferramenta de transformação social. O artista é autor da ilustração da seção Crônica.



Médica e aventureira nata, reconhecida em 2023 como “uma das maiores exploradoras do mundo pelo Explorers Club de Nova York”, **Karina Oliani** contabiliza façanhas incríveis em mais de 120 países, incluindo ser a única sul-americana a escalar o Everest pelas suas duas faces e a primeira brasileira a conquistar o K2. Mergulhadora certificada desde os 12 anos, ela nos conduz em uma jornada de mergulhos e kitesurfe pelas Filipinas na seção Esporte desta edição.



Manoel Morgado é médico por formação e montanhista por paixão. Em 1992, abriu a Morgado Expedições, uma empresa especializada em levar brasileiros para *trekkings* e escaladas ao redor do mundo. Ao longo dos últimos 32 anos, já guiou 77 grupos ao campo base do Everest e outros 17 ao topo do Kilimanjaro, a montanha mais alta do continente africano, experiência que ele divide com a UNQUIET na seção Aventura Extrema.



Depois de se consagrar como um dos mais conhecidos nomes do jornalismo brasileiro ao longo de uma carreira de sucesso, que inclui colunas sociais, televisão, um grupo de comunicação, revistas, livros publicados e, atualmente, uma disputada *newsletter*, **Joyce Pascowitch** tem dedicado tempo à arte do *slow travel*, onde encontra ainda mais inspiração para criar. Da viagem recente ao Atacama, que fez a convite da UNQUIET, Joyce conta detalhes e sensações na Crônica desta edição.



Jornalista formado pela UFMG e mestre em escrita criativa pela Universidade de Sevilha, na Espanha, **Juliana Affonso** começou a se interessar por narrativas de viagem ainda na faculdade. Desde então, ela escreve sobre viagens, cultura, política e direitos humanos para diversos veículos. É idealizadora e editora da *Revista Perambula*, publicação que reúne memórias e narrativas sobre Belo Horizonte. Ela assina o texto da seção *Proudly* desta edição.



ELA AINDA RELUZ

O brilho do ouro, e do passado, continua refulgindo em Ouro Preto, a mais importante das cidades históricas mineiras

POR WALTERSON SARDENBERG S^o

Aconteceu há exato um século. Na Semana Santa de 1924, os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a pintora Tarsila Amaral e outros intelectuais ciceronearam Blaise Cendrars em uma viagem a Ouro Preto (MG). Ali, o poeta francês teve o que se chama hoje de epifania. Maravilhou-se. Em especial, com a arquitetura do barroco mineiro. Ouro Preto andava esquecida. Perdera o posto de capital de Minas Gerais havia mais de duas décadas. Cendrars ao menos reacendeu a atenção dos artistas para a antiga Vila Rica, o nome inicial de Ouro Preto. Em seu louvor despostraram poemas de Drummond, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa e Cecília Meirelles, entre muitos outros.

Mas versos podem eternizar, jamais salvar uma cidade. Salvou-a, de fato, a criação, em 1969, de uma universidade federal. Ouro Preto começava a ganhar sua face atual: a de uma linda cidade com rica arquitetura colonial e espírito estudantil, jovem. Cerca de 10% dos seus 70 mil habitantes são universitários. É ótimo vê-los, animados, nos barzinhos da Rua Conde Bobadela. Torna ainda mais adorável uma visita. E há muito o que visitar.

A começar pelas igrejas, erguidas em barroco tardio. São 12 delas e nove capelas. Resultam de um período de súbita riqueza, iniciado em 1698, quando os bandeirantes toparam com o ouro. Ao longo de sete décadas foram extraídas mil toneladas das jazidas – e

Acima, em sentido horário, a Igreja de São Francisco de Assis, o Mitsubishi Pajero Sport e placa indicando o Circuito do Ouro, ideal para uma *roadtrip*. Na página ao lado, vista de Ouro Preto

FOTOS CRETIVE COMMONS, GETTY, ISTOCK E DIVULGAÇÃO

3 milhões de quilates em diamantes. A maior parte seguiu para Lisboa e, de lá, para Londres, pois Portugal vivia entregando o ouro para os britânicos. Os veios se esgotaram em 1770. Ainda assim, sobrou muito ouro para fazer reluzir a cidade e dotá-la de belos casarões.

Vila Rica foi importantíssima para o início da integração do país. Por causa dela, por exemplo, o Rio de Janeiro cresceu para escoar a produção, enquanto o Nordeste fornecia mão de obra, e o Rio Grande do Sul, mulas. O antropólogo Darcy Ribeiro escreveu: “Agora se criava uma rede de intercâmbio comercial que teria enorme importância no futuro, porque dava uma base econômica à unidade nacional”.

Boa parte das atrações está no centro da cidade. Entre as igrejas, a de Nossa Senhora do Pilar, com as paredes internas revestidas de 300 kg de ouro. (Entende-se por que o futuro reservaria à palavra barroco um segundo sentido: o de exagero.) Já a Igreja de São Francisco de Assis foi o lugar em que o arquiteto, escultor e decorador Antônio Francisco Lisboa reinventou o estilo. Conhecido por Aleijadinho, em virtude da doença degenerativa que lhe deformou os dedos dos pés e das mãos, ele mereceu um museu com seu nome. O Museu do Aleijadinho reúne 250 peças sacras do artista.

Há pelo menos outros dois museus a serem visitados. O do Oratório é único no gênero. O Museu da Inconfidência, por sua vez, reúne peças como o relógio de bolso de Tiradentes, o homem que ousou fazer a hora da independência. Foi doado por outro mineiro cheio de pressa: Juscelino Kubitschek.

Faça os passeios a pé. Reserve o seu Mitsubishi 4x4 para as inúmeras estradinhas viciniais das redondezas. Não faltam trilhas de todo tipo. Uma das mais belas é o Caminho Velho da Estrada Real. Outro, a Ouro Preto Lavras. Há mais dicas no site Mit Drivelines (mitdrivelines.com.br). 📍

360º

A natureza em primeiro plano no novo Six Senses no Caribe, uma vila mexicana na Baja Califórnia, um lodge para amantes de kitesurfe no Nordeste, um palácio indiano em Jaipur e o resort do momento em Los Cabos

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



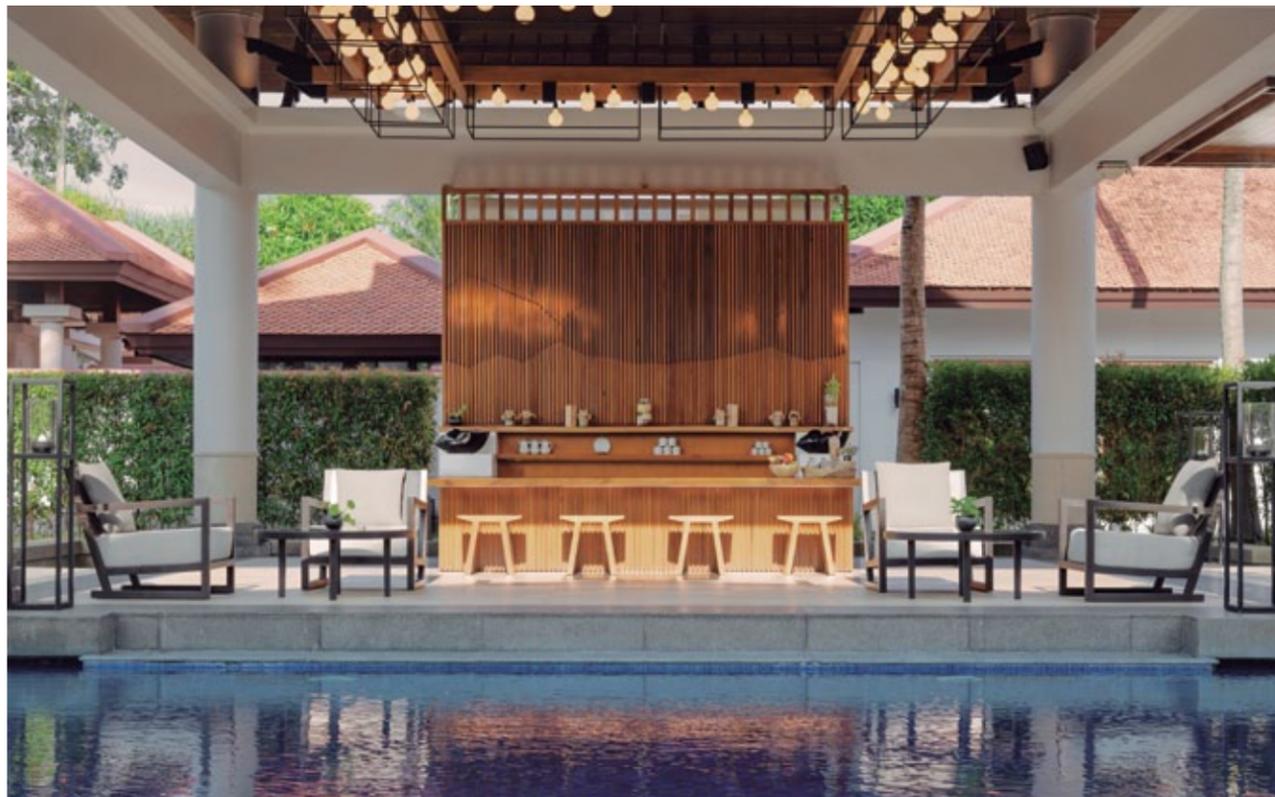
SIX SENSES LA SAGESSE

O diálogo intenso com a natureza e abordagens que tenham a saúde como ponto central são pilares essenciais do Six Senses La Sagesse. No sul da ilha caribenha de Granada, sobre uma elevação montanhosa pitoresca formada por falésias, uma costa selvagem e praias de águas límpidas e rasas, o novo *resort* foi idealizado para ser desfrutado ao ar livre. Isso porque as vilas, toda amplas e delicadamente decoradas – com um ou dois quartos, conforme a configuração, –, são marcadas por elegância e aconchego e têm seu terraço, com piscina privativa, como o grande destaque. Certamente o lugar mais convidativo para apreciar a paisagem local, dependendo da localização de cada uma: na falésia, ao lado da praia ou mais perto do centro do *resort*, com vista para a baía. O menu de atividades é repleto de alternativas, incluindo caminhadas pela floresta, passeios de barco e esportes náuticos. Como a palavra de ordem é mesmo o bem-estar, vale reservar tempo para aproveitar o Six Senses Spa

em La Sagesse, cuja arquitetura foi inspirada em uma ilha de pescadores e oferece ambientes de tratamentos, relaxamento e contemplação com protocolos exclusivos. Entre eles estão programas pioneiros, com foco em sono, movimento, ioga e longevidade. Prioridades absolutas na rede Six Senses, os projetos de sustentabilidade do hotel incluem um santuário de pássaros para salvar espécies locais e programas de proteção dos manguezais sobreviventes, além de medidas como reciclagem, compostagem, horta orgânica para abastecimento dos restaurantes e uso de mão de obra da comunidade local como prioridade.

sixsenses.com





 **BANYAN TREE VEYA VALLE DE GUADELUPE**

Sob a alcunha de “vila mexicana”, o Valle de Guadalupe, na Baja Califórnia, México, quase se confunde com o território norte-americano. Bem na fronteira com os Estados Unidos – a região fica a apenas 120 km de San Diego, por exemplo –, o lugar é marcado por uma paisagem fascinante em cores e relevos, clima e aridez peculiares e traços latentes da cultura mexicana. A localização e a cor local foram essenciais para promover a “villa” ao patamar de destino cobiçado, onde hotéis elegantes, restaurantes conceituados e vinícolas passaram a atrair um público em busca de originalidade. Recém-inaugurado, o Banyan Tree Veya Valle de Guadalupe pretende unir os conceitos de *wellness* e excelência da marca hoteleira ao clima regional, com a missão de criar um santuário de vinhedos que celebre a terra, a comunidade e a transformação sem o impacto dos tesouros regionais. São apenas 30 vilas, espalhadas entre as colinas, quase camufladas em uma paisagem dramática. Todas amplas, elas recebem hóspedes que busquem uma conexão profunda com o local, o que inclui um time de apoio de *chefs*, botânicos e outros profissionais que podem aprofundar os conhecimentos sobre a natureza e a cultura.

veya.banyantree.com





FILHO DO VENTO KITE LODGE

O lugar é literalmente onde o vento faz a curva. E esse foi um dos motivos para o Grupo Filha da Lua ter escolhido a Barra do Cunhaú para instalar o seu mais novo empreendimento. Concebido para entusiastas do esporte, o Filho do Vento Kite Lodge está em um dos principais *spots* de kitesurfe do Brasil, a apenas 25 minutos da Praia de Pipa, no Rio Grande do Norte. O projeto buscou alinhar os conceitos de alto padrão de hospedagem ao estilo relax que o esporte conclama, criando um ambiente acolhedor e elegante em total integração com a natureza no entorno, onde o rio encontra o mar e uma grande piscina natural com águas lisas é formada, o que os kitesurfistas adoram. São apenas 14 confortáveis, amplas e arejadas suítes, em estilo rústico minimalista, mas com itens de conforto necessários para uma estadia elegante, além de uma filial do restaurante Cicchetti, presente nos outros hotéis do grupo. No Filho do Vento, o restaurante celebra o frescor dos sabores do mar, com peixes e frutos do mar provenientes da vila de pescadores local e ingredientes usados nas receitas diretamente da fazenda Pachamama, propriedade que segue as práticas de biodiversidade e atende como um dos projetos de sustentabilidade do grupo. Engajada, a rede tem ainda outras duas iniciativas de aprendizado com crianças da região, um curso de formação de instrutores de *kite* e programas ecológicos. Além disso, os pilares do grupo são aventura, bem-estar, aprendizagem e culinária, tudo vivenciado no dia a dia da hospedagem.

filhodovento.com.br



DISCOVER
AUTHENTIC
BEAUTY

NAVEGUE CONOSCO PARA
MAIS DE 900 DESTINOS

Parta em uma jornada épica pelo Pacífico a bordo do novo e moderno Silver Nova. Começando em Auckland, na Nova Zelândia, você navegará rumo à Austrália, celebrando um ano novo glorioso em alto estilo. De Tauranga à Baía das Ilhas, cada destino reserva dias de exploração fascinantes. Adentre os paraísos solares de Fiji e explore as 80 ilhas exuberantes de Vanuatu. Na Nova Caledônia, desfrute da elegância francesa enquanto se maravilha com suas paisagens. Brinde ao ano novo em alto mar, com uma parada na encantadora Ilha Norfolk antes de chegar a Sydney. Uma experiência única e inesquecível aguarda você a bordo.

Silver Nova

Saída: 20/12/2024

Duração: 16 Dias

- Capacidade de 728 hóspedes
- Excursões terrestres incluídas
- 10 opções de restaurantes
- Lounges, Spa, Fitness Centre, Loja Boutique e piscina.

Itinerário

De Auckland à Sydney, visitando Tauranga, Bay of Islands, Dravuni Island, Lautoka, Champagne Beach, Port Vila, Lifou e Norfolk Island.



Saiba mais em silversea.com



RAMBAGH PALACE

Luxo, opulência e história viva. Tudo o que se espera de um autêntico palácio indiano, que já foi domínio de marajás e *maharanis*, é palpável no impressionante Taj Rambagh Palace, no coração de Jaipur, próximo ao Palácio dos Ventos. Construído em 1835 como um pavilhão de caça (e mais tarde residência principal) do marajá de Jaipur, conta com 78 quartos, de estilo contemporâneo ou histórico, ambientes onde predomina a estética clássica, com muita madeira polida, sedas e tecidos do Rajastão, vastos jardins, adornados por pavões, e um peculiar perfume do tempo impregnado em cada ambiente. De proporções imensas, esse hotel-palácio conta com várias opções gastronômicas, incluindo o requintado Suvarna Mahal, que ocupa a sala de jantar original do marajá – ainda adornada por lustres, afrescos e espelhos dourados – e serve especialidades de quatro dos antigos estados principescos da Índia (Rajastão, Oude, Punjab e Haiderabade). A ideia é evocar a ancestralidade local e preservar a cultura do Rajastão por meio da gastronomia, da arquitetura e também do serviço acolhedor e cheio de referência às culturas locais, fazendo com que cada hóspede se sinta único na ampla propriedade e sempre acolhido pelo bem-estar proporcionado pelos indianos.

tajhotels.com



BMW PROTECTION.

A ÚNICA BLINDAGEM DE CARROS HOMOLOGADA PELA BMW.



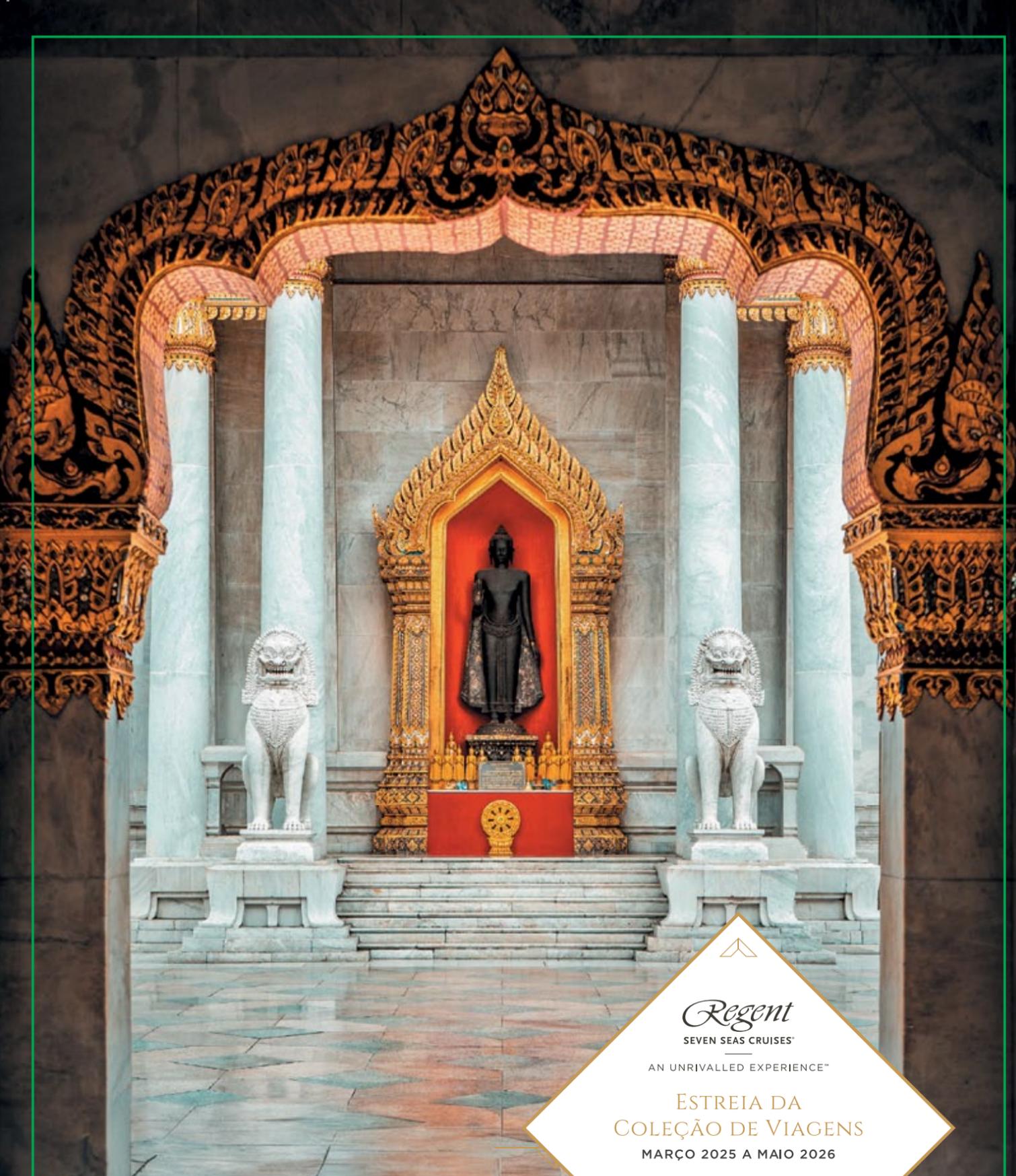
CONHEÇA AS VANTAGENS DA PROTEÇÃO DE ALTO NÍVEL DISPONÍVEL PARA O BMW X1 E O BMW IX1:

- **Nível de proteção III-A,** máximo permitido para uso civil.
- **Testes balísticos** com certificados internacionais.
- **Garantia de fábrica** para veículos e vidros.

SAIBA MAIS EM UMA CONCESSIONÁRIA BMW.

*A contratação dos serviços de blindagem deverá ser feita pelo cliente diretamente com a BMW de sua preferência. Realizada a contratação dos serviços com as blindadoras homologadas e desde que seguidas as condições descritas no manual de garantia, a BMW mantém a garantia de fábrica do veículo, exceto para as peças instaladas, substituídas, ou que tenham perdido sua originalidade no processo de blindagem. As blindadoras homologadas são exclusivamente responsáveis pelos serviços de blindagem e pelas peças não cobertas pela garantia de fábrica do veículo. Alguns dos itens, acessórios, opcionais e aplicativos contidos neste site poderão não estar disponíveis no Brasil. Consulte a Concessionária Autorizada BMW de sua preferência para mais informações e disponibilidade.





Itinerários RECÉM LANÇADOS


SEVEN SEAS CRUISES
 AN UNRIVALLED EXPERIENCE™
 ESTREIA DA
 COLEÇÃO DE VIAGENS
 MARÇO 2025 A MAIO 2026
 Itinerários
 RECÉM LANÇADOS*

A EXPERIÊNCIA REGENT ALL-INCLUSIVE

Nossa experiência incomparável abrange todas as comodidades de luxo que você pode imaginar.

Incluído

Excursões ilimitadas em Terra

Incluído

Bebidas ilimitadas, incluindo vinhos finos e destilados

Incluído

Gorjetas pré-pagas

Incluído

Restaurantes de especialidades

Incluído

Serviço de lavanderia com valet

Incluído

Wi-fi ilimitado

Incluído

Pacote de 1 noite em hotel antes do cruzeiro para suítes Concierge e superiores

Incluído

Transfer entre o hotel e o navio para suítes Concierge e superiores

Aplicam-se termos e condições. Visite [RSSC.com](https://www.rssc.com)

164 NOVAS VIAGENS | 29 NOVOS PORTOS | 124 PERNOITES EM PORTOS

DESTAQUES DE DESTINOS

- ALASCA** (MAI - SET 2025): Inclui dois NOVOS cruzeiros de 14 noites com mais de 80 Excursões em Terra. Incluído: 80 Excursões em Terra. Incluído: 80 Excursões em Terra. Incluído: 80 Excursões em Terra.
- CANADA, NEW ENGLAND & BERMUDA** (SET 2025 - MAR 2026): Primeira viagem para Bermuda. Visite Nova Inglaterra e Canadá no outono. Pernoites em Montreal, Bermuda e Charleston.
- CARIBE & CANAL DO PANAMÁ** (SET 2025 - MAR 2026): Itinerários pelo Caribe Oriental e Ocidental e duas travessias completas do Canal do Panamá. Incluído favoritos como St. Bart's, Antigua e o novo porto de St. John's das Ilhas Virgens Americanas. Pernoites em Nassau, Cartagena e Colonial. **CRUIZEIRO FESTIVO**: Cruzeiros festivos de alto nível em Seven Seas Cruiseline.
- AMÉRICA DO SUL** (DEZ 2025 - FEV 2026): Inclui dois cruzeiros panorâmicos na América e uma circumnavegação da América do Sul. Pernoites em Rio de Janeiro, Buenos Aires, Punta Arenas e Ushuaia.
- PACÍFICO SUL** (FEV - MAR 2026): Três cruzeiros para as Ilhas do Pacífico Sul. Pernoites em São Paulo, Taiti e Auckland. Novos portos: Rarotonga, Ilhas Cook.
- NORTE DA EUROPA** (MAI - SET 2025): Mais dobras maravilhosas do que nunca e NOVOS portos na Finlândia. Novos portos: Narvik (Gronelândia), Vö, Svalbard (Ilhas Lofoten), Alta, Bronnoysund e Utsi (Noruega), Bodo e Sjøveit (Islândia), Svolvær, Lønsdal e Mosjøen (Noruega), Kemi (Finlândia) e Svalbard (Islândia). Pernoites em Amsterdam, Bordéus, Oslo, Estocolmo, Berlim, Copenhagen, Amsterdã, Brno, Viena, Hamburgo, Roma e Paris.
- MEDITERRÂNEO** (MAI 2025 - ABR 2026): Cruzeiros de 7, 10, 12 e 14 noites. Novos portos: Chios (Grécia), Brno (República Tcheca), Barcelona. Pernoites em Lisboa, Barcelona, Amsterdã, Brno, Viena, Hamburgo, Roma e Paris.
- ÁFRICA & ARÁBIA** (OUT 2025 - MAR 2026): Quatro novos portos em Madagascar: Morondava, Antananarivo (Diego Suarez), Nosy Be e Tolanaro. **CRUIZEIRO FESTIVO**: Cruzeiros festivos e de alto nível na África. Pernoites em Cidade do Cabo, Seychelles, Dubai, Lima, Haifa, Safatim, Richards Bay e Durban. Mais maravilhas do que nunca nos mares.
- ÁSIA** (OUT 2025 - MAR 2026): Novos portos: Aomori e Sakai (Japão), Dalian (China). Pernoites em Taiti, Kyoto, Osaka, Cidade de Ho Chi Minh, Bangkok, Singapura, U.S.A., Yangon, Hanoi e Seul. Experimente o Japão com um cruzeiro que realmente tem tudo e volta a partir de Taiti!
- AUSTRÁLIA & NOVA ZELÂNDIA** (DEZ 2025 - MAR 2026): Novos portos: Wanganui (Ilhas Cook), Esperance, Albany e Busselton (Austrália). Pernoites em Queen, Blue Mountains, Sydney, Melbourne, Auckland. **CRUIZEIRO FESTIVO** na Austrália.



Visite [RSSC.COM/VOYAGE-COLLECTION-DEBUT](https://www.rssc.com/VOYAGE-COLLECTION-DEBUT) para saber mais ou escaneie o código QR para baixar a brochura da **Coleção de Viagens 2025-2026**. Use seu smartphone para escanear o código QR e visitar nossos tours virtuais.

A maioria dos smartphones e dispositivos vem pré-carregada com um leitor de QR code. No entanto, alguns dispositivos podem exigir o download de um leitor, que pode ser encontrado na loja de aplicativos de sua escolha.

Aplicam-se Termos e Condições. Veja em [RSSC.com/legal](https://www.rssc.com/legal)



FOUR SEASONS CABO SAN LUCAS

Aberto a tempo de estrear no verão do Hemisfério Norte, o novíssimo Four Seasons Resort and Residences Cabo San Lucas at Cabo del Sol traz uma lufada de contemporaneidade ao novo empreendimento mexicano da rede, que já conta com outros hotéis consagrados em destinos paradisíacos do país. Inspirado pelas *haciendas* mexicanas, o resort está localizado no meio do corredor hoteleiro do balneário ultracobiçado. O projeto buscou evocar o clima dos Pueblos Magicos, como são conhecidos os vilarejos de charme no México, em 96 acomodações, entre vilas, *casitas* e suítes – além de residências –, todas com vista para o azul intenso do Mar de Cortez. La Casona, a sede da propriedade, é morada de obras de artistas locais, que são celebrados por meio do programa El Taller Artisan Art Studio, que oferece residências a artistas. Na gastronomia, existem diversos restaurantes, incluindo o esperado Cayao, assinado pelo mestre da cozinha latina Richard Sandoval, que serve comida *nikkei* peruana. Além de conhecer a região e praticar esportes náuticos e aquáticos, os hóspedes são encorajados pelo hotel a se inteirar sobre a flora e a fauna locais, a exemplo do programa de observação de baleias, com o intuito de criarem ainda mais empatia pelo ecossistema local.

fourseasons.com



UNQUIET APRESENTA



Corpo e alma

A Goya Soul leva o viajante para jornadas de equilíbrio e espiritualidade

Muita gente procura um lugar para as férias a fim de descansar a mente e o corpo. Porém, com alguma frequência, é a alma que precisa de reequilíbrio. É para essa jornada interior de descoberta, e até de uma nova consciência, que a Goya by Copastur lançou um serviço inédito: a Goya Soul.

O novo produto da Goya é uma frente de trabalho voltada para um segmento de viagens voltado à conexão de corpo, mente e alma. São destinos com atividades que prolongam a longevidade das pessoas. E com qualidade de vida.

A novidade está em sintonia com uma modalidade de turismo cada vez mais alta, segundo Edmar Mendoza, CEO da Goya. “A Goya Soul é uma jornada inspiradora para o viajante embarcar no autoconhecimento e se aproximar da espiritualidade, desbravando o mundo enquanto se conecta profun-

damente com as culturas locais e vivencia momentos que tocam o coração”, explica o executivo. “Os viajantes irão descobrir o extraordinário em meio ao comum, mergulhar na essência de cada destino e de si mesmos e retornar revigorados e transformados.”

Claro, o cliente tem a liberdade de escolher o destino que mais lhe interessa ou ressoa na alma. Até porque a Goya Soul pode oferecer experiências de bem-estar, autocuidado e até espirituais em qualquer parte do mundo. Ainda assim, a empresa tem ótimas opções a oferecer. Entre elas, uma viagem ao Butão, passando o dia em um templo com monges, por exemplo. Também estão no portfólio destinos como Índia, Tailândia, Peru e Japão.

A jornada interior será de cada viajante, mas a Goya Soul pode indicar o caminho. 📍

goyatravel.com.br



CASA CHABLÉ

Na região sul de Tulum, em um dos cenários mais arrebatadores da Península de Yucatán, está o lugar frequentemente mencionado como “o portão para o céu”. A tradução para a biosfera de Si’Aan Kaan, protegida pela Unesco, faz todo o sentido: basta cravar os olhos nesse retiro ecológico, permeado de um lado pelo mar turquesa do Caribe, onde tartarugas e golfinhos são frequentes, e do outro por lagoas, cenotes, ilhas arborizadas e manguezais em estado selvagem. Inserido nesse cenário de forma discreta, o Casa Chablé coroa a região como um hotel intimista, onde o convite é para relaxamento e contemplação da natureza abundante. À disposição, os hóspedes das suítes e dos bangalôs – todos decorados com artesanato indígena (tecelagem, cestaria, esculturas) – têm uma programação que inclui meditação, ioga, *stand-up paddle*, visita e interação com a horta orgânica e outras atividades envolvendo o mar que banha a praia particular do hotel (membro da Leading Hotels of the World). Entre os esforços de sustentabilidade do grupo Chablé, além das medidas indispensáveis em economia de água, energia e o não-uso de plásticos, há medidas como o reflorestamento de manguezais, contratação de residentes da região, uso de madeira *parota* sustentável nos móveis e exaltação ao artesanato local, exibido por toda parte. Na cozinha, faz-se uso de ingredientes do *ka’anche* (horta), além de ocorrer a interação dos *chefs* com agricultores, pescadores e fabricantes com ideias semelhantes. As atividades (conversas com especialistas e saídas para a limpeza de praias) visam educar e envolver os hóspedes.

lhw.com



UNQUIET APRESENTA



Novas aventuras

Versões renovadas dos modelos Harley-Davidson Street Glide e Road Glide chegam ao Brasil para transformar as viagens em momentos memoráveis

Há mais de 120 anos, a Harley-Davidson é um estilo de vida. A cultura da marca vai além do motor, do design e da velocidade. É uma forma de cruzar o mundo a bordo de uma motocicleta e revolucionar a maneira de viajar.

Esse *lifestyle*, nascido em Milwaukee, EUA, ganhou as estradas em todos os continentes. No Brasil, legiões de fãs da marca movimentam a paixão pelo turismo estradeiro. E uma boa notícia para esses viajantes brasileiros é a chegada ao mercado nacional dos modelos da nova Família Grand American Touring – Street Glide e Road Glide, que estão mais leves, potentes e ainda mais confortáveis.

As motocicletas ganharam o novo motor V-Twin Milwaukee-Eight™117, com um sistema de refrigeração otimizado. Essa novidade traz mais conforto para o piloto, que não sente tanto o calor do motor. Além disso, o desempenho está melhor por causa do escapamento e do fluxo de admissão.

Os termos e dados técnicos apresentados pela Harley-Davidson se traduzem em uma experiência de pi-

lotagem única na estrada. É o caso da aerodinâmica. Ela foi aprimorada na Street Glide e na Road Glide em cerca de 60% para reduzir a vibração do capacete em velocidades mais elevadas. Também há mais conforto, proporcionado pelo formato do assento, em peça única, e pelos materiais acolchoados. Muito melhor para as viagens mais longas. Pilotos e garupas agradecem.

Embora seja uma montadora que transmita força, especialmente pelo ronco do motor, a Harley-Davidson nunca se descuidou da tecnologia. Nesse quesito, o destaque vai para o *infotainment*, com o sistema operacional Skyline™ OS, e sua tela sensível ao toque, de 12,3 polegadas. Esse recurso substitui os mostradores analógicos.

E a trilha sonora da jornada vai ganhar mais potência. As motocicletas têm um amplificador de áudio de 200 watts, com um par de alto-falantes montados na carenagem. Escolha a sua trilha sonora e o seu destino, porque a Harley já é uma grande parceira de viagem. 📍

[harley-davidson.com/br](https://www.harley-davidson.com/br)



UNQUIET



Antilhas.
Um paraíso azul-turquesa

contaminado pela fétida alga sargassum, que se prolifera com o aquecimento global.



Mar do Caribe, Barbados

PARA VIAJAR
PELO PLANETA,
PRECISAMOS CUIDAR DELE.



HILDO JR.

Tecnologia e inovação

A FG Empreendimentos busca parceiros e novos projetos visando a aceleração e o crescimento do mercado

Responsável por 6,2% do PIB do país, o mercado de construção civil representa 34% do total da indústria brasileira, segundo dados da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), e é um dos que mais empregam. A inovação vem acelerando esse crescimento, formando a mão de obra e otimizando os resultados. Nesse sentido, a FG Empreendimentos, uma das maiores construtoras do país, com sede em Balneário Camboriú (SC), lança uma nova plataforma, que visa conectar projetos e o mercado da construção civil.

“A construção civil é responsável por movimentar mais de 70 setores da economia. Portanto, ela visa ampliar e potencializar esses segmentos. Assim, criamos uma página para ampliar as redes de relacionamento e agilizar os processos inovadores, pos-

sibilitando para empresas, universidades e profissionais autônomos um caminho para a inserção de seus projetos no mercado”, explica a engenheira Camila Gosenheimer, coordenadora do departamento de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PDI) da FG Empreendimentos.

A nova aba do site da FG Empreendimentos (fgempreendimentos.com.br/inovacao) foi criada para facilitar o acesso ao departamento técnico e centralizar em um único meio as demandas. “Recebemos muitas solicitações, tanto de soluções quanto de situações que poderiam otimizar o segmento. Com o novo canal, também podemos otimizar o *hyperlink* com parceiros do exterior”, explica a engenheira. E mais: mesmo sem grandes ações, a página vem tendo um alto volume de acesso, bem como recebendo projetos. “Acreditamos que, com uma

A FG Empreendimentos é responsável por alguma das construções mais inovadoras do Brasil. É o caso do One Tower, em Balneário Camboriú

maior divulgação e aproximação com os *players*, ela será ainda mais benéfica e positiva para toda a cadeia produtiva”, justifica.

Vale destacar que, nos últimos anos, a FG, em conjunto com seus parceiros, apresentou diversos produtos que ganharam longa escala. Um exemplo é a primeira porta corta-fogo voltada para o mercado de alto padrão. Outro destaque é o sistema pioneiro de paredes de *drywall*. Tudo isso é baseado em princípios de sustentabilidade. A partir disso, essas novidades permitem ao futuro comprador maior desempenho acústico e térmico. Sem falar na otimização do processo construtivo, na redução da geração de resíduos e na facilidade de mudanças na planta do apartamento pelo cliente.

O sistema já é uma realidade nos empreendimentos mais recentes, como no maior residencial da América Latina, o One Tower. “Essa mudança foi um símbolo importante de inovação, reduzindo o tempo de obra, aumentando a precisão do trabalho e contribuindo com o meio ambiente”, destaca Camila Gosenheimer.

O diretor de engenharia da FG Empreendimentos, André Bigarella, destaca que a inovação é a implementação de um processo, produto, serviço e método de negócio. Isso deve ser reconhecido pelos *stakeholders* como algo novo ou significativamente melhorado, além de gerar resultados. “Temos uma equipe dedicada exclusivamente, no PDI, para o desenvolvimento e a implementação de novas tecnologias, que passam por rigorosas análises normativas e de mercado, com o desenvolvimento de protótipos e testes práticos, o que assegura a qualidade e a funcionalidade dos sistemas – sempre visando a redução de custo de manutenção para nossos condomínios. Com a nova interface, pretendemos ter ainda mais agilidade, ampliar as alternativas e possibilitar o desenvolvimento e o crescimento de toda a cadeia produtiva”, finaliza André Bigarella. 📍

fgempreendimentos.com.br/inovacao



Um brinde à Suíça

Seis regiões vinícolas do país produzem rótulos de qualidade, que são uma raridade no exterior. O jeito é viajar até lá

A Wine Spectator definiu bem o vinho suíço: “Um tesouro a ser descoberto”. E o melhor lugar para encontrar um desses rótulos é ir direto à fonte. Até porque apenas 1% dos quase 100 milhões de garrafas produzidas ao ano é destinado à exportação. Os vinhos suíços podem ser considerados como mais um chamariz – entre tantos – para o turismo, sempre sustentável e eficiente em todas as áreas graças ao programa Swisustainable.

Mais da metade dos vinhos produzidos são tintos. E o campeão é o Pinot Noir. Porém uma dica importante é buscar as cepas nativas. Delas, a maior estrela é a Chasselas, uma variedade branca que origina exemplares leves e refrescantes. Também conhecida como Fendant, ela é consumida geralmente jovem e se harmoniza com *fondues*. Sobre ela, a crítica de vinhos britânica Jancis Robinson deu uma dica de ouro: “Encorajo a ter pelo menos um gostinho de um Chasselas ou Fendant suíço bem-feito”.

Todos os 26 cantões suíços produzem vinho. São 1,5 mil produtores, em seis regiões. Confira aqui as características e a importância de cada uma delas.

VALAIS (SUÍÇA ALEMÃ)

Um terço da produção de vinhos da Suíça vem de Valais. Localizado ao longo do Rio Rhône, a região dos vinhedos se estende por 100 km com até 1.100 metros de altitude. O selo AOC Valais autoriza 31 variedades brancas e 24 tintas. No caso das primeiras, quem puxa a fila são Chasselas, Petite Arvine e Heida. Nas demais, o destaque vai para Pinot Noir, Syrah, Cornalin e Humagne Rouge. Entre os pontos turísticos, vale muito visitar o Wine Museum e Les Celliers de Sion – este com passeios de *bike*, visitas ao maior lago subterrâneo da Europa e degustações.

VAUD (SUÍÇA FRANCESA)

A região é a vice-líder em produção vinífera e mantém uma tradição de mais de mil anos. Está dividida em seis sub-regiões e oito áreas AOC. O frescor e a mineralidade da Chasselas também reinam por aqui. Lavaux, com seus vinhedos em terraças, é um Patrimônio Mundial da Unesco. Lá o vinhedo mais famoso é Dézaley, que produz um disputado Grand Cru. Não deixe de conhecer ainda o Lavaux Vinorama Wine Experience, um centro de descobertas, visitas e degustações do vinho local.



No alto, o Castel de Daval, em Sierre, em Valais. Na sequência, vinhedo às margens do Lago de Genebra, em Vaud, e degustação em Terreni alla Maggia, em Ticino. Na página ao lado, o Château d'Aigle, em Vaud



Descubra as regiões vinícolas da Suíça com a Grape Escapes. Hospede-se em acomodações de luxo cercadas por vinhedos deslumbrantes.

SUÍÇA ALEMÃ

A medalha de bronze das regiões é dessa extensa parte do país que “spricht Deutsch” e compreende 17 cantões. O lugar tem várias zonas climáticas, influenciadas pelos lagos, rios, encostas e ventos quentes. As uvas tintas respondem por 70% da produção. A campeã é a Blauburgunder (outro nome da Pinot Noir). Entre as brancas, a Completer é uma das mais importantes. Pode colocar na lista de lugares para visitar Haus des Weins St. Gallen, Haus des Bündner Weins e Vinorama Schaffhausen.

GENEBRA (SUÍÇA FRANCESA)

De que forma uma cidade e áreas cultivadas vivem em harmonia? Genebra mostra que isso é possível. Os vinhedos da Chasselas frutificam a menos de 10 km da sede das Nações Unidas. Vale destacar ainda a presença da cepa tinta Gamay, que proporciona vinhos bem estruturados. Visitas a vinhedos e *tours* de bicicletas estão entre os programas mais procurados pelos enófilos.

TICINO (SUÍÇA ITALIANA)

Aqui temos um toque italiano. Localizada ao sul dos Alpes, a região de Ticino se beneficia da maior proximidade com o Mediterrâneo e de longas jornadas de sol. A uva Merlot domina a área. Ainda assim, Ticino é conhecida por seus vinhos produzidos à base de Pinot Noir e Bondola, com a qual é produzido o rótulo Nostrano. Vale ainda provar a Grappa local e visitar a bela cidade de Morbio Inferiore, com seu *terroir* e o restaurante adjunto.

TRÊS LAGOS (SUÍÇA ALEMÃ E FRANCESA)

Biel, Murten e Neuchâtel são os lagos que dão o nome à região, com vinhedos em encostas em três áreas bem distintas. Pelo menos 20% da produção local é orgânica, e Neuchâtel é a área com a produção mais ecológica da Suíça. Os rótulos brancos de Chasselas são famosos por aqui. Porém vale ainda brindar com os espumantes premiados à base de Chardonnay. Dica para a sua viagem: a rota de bicicleta próxima ao Lago de Neuchâtel passando por vilarejos e vinhedos. 📍

[switzerland.com/pt](https://www.switzerland.com/pt)

48 HORAS

NAIRÓBI

Uma Miscelânea Cultural

Traços de modernidade, a raiz das culturas Maasai e Kikuyu e a natureza suprema em um giro pela capital do Quênia

POR CORINNA SAGESSER

Naíróbi, a capital do Quênia, é uma das minhas cidades preferidas no mundo, para onde viajo todos os anos. É a maior cidade da África Oriental, com muitos contrastes entre o desenvolvimento crescente e a tradição dos povos Maasai e Kikuyu, e ainda com vestígios da colonização inglesa. Nairóbi, que no idioma maasai significa “águas gélidas”, vem despontando como um dos mais prósperos centros africanos e ampliando sua influência regional. Além de ser uma cidade vibrante e muito rica culturalmente, é um *hub* para algumas das melhores experiências em solo africano.

Sheldrick Wildlife Trust: o orfanato de bebês elefantes é o mais bem-sucedido projeto de resgate e reabilitação do mundo. Fundado por Daphne Sheldrick em 1977, em memória de seu marido, David, é um lugar emocionante e um dos meus programas favoritos. São realizadas duas visitas por dia, com hora marcada, para o encontro com os animais. É possível adotar um elefante bebê e passar a colaborar com o projeto.

Parque Nacional de Nairóbi: ao lado da Sheldrick Foundation, o parque proporciona safáris para encontros com elefantes, rinocerontes, leões, zebras e girafas.

Mercado Maasai: nesse mercado, original e cheio de cores, é possível encontrar o autêntico artesanato das diversas etnias regionais. Há objetos de madeira, cestas, colares, pulseiras de miçangas e uma grande variedade de tecidos coloridos. O mercado é a céu aberto e acontece todas às terças-feiras na parte da manhã.



Em sentido horário, prato do restaurante Cultiva, visitação aos elefantes resgatados do Sheldrick Wildlife Trust, a casa que abriga o Museu Karen Blixen e o colorido e vibrante artesanato africano. Na página ao lado, o contrastante skyline de Nairóbi

Restaurante Cultiva: como mantém sua própria horta, os pratos que chegam à mesa são sempre saborosos, fresquinhos e com ingredientes superorgânicos. O ambiente é muito charmoso e aconchegante e conta ainda com uma padaria, com deliciosos pães e doces feitos artesanalmente.

Museu Karen Blixen: quem assistiu o filme *Out of Africa* (vencedor de sete Oscar em 1984), com Meryl Streep e Robert Redford, vai lembrar que essa foi a casa da escritora Isak Dinesen durante os anos em que ela viveu no Quênia. No momento em que você entra na propriedade, é impossível não se sentir imerso na atmosfera desse clássico do cinema mundial.

Hemingways Nairobi: esse hotel boutique, com arquitetura inglesa, no bairro residencial de Karen, tem suítes espaçosas e elegantes em meio a um jardim com plantas típicas da região. Serve um delicioso café da manhã na beira da piscina e conta com um

spa, com tratamentos feitos com produtos locais.

Restaurante Tamarind: esse delicioso restaurante de frutos do mar fica aberto todos os dias e não tem horário fixo para os almoços e jantares, que podem ser servidos ao ar livre. Há também uma carta com deliciosos drinks para um *happy hour* animado.

Kobe Tough: aqui é possível encontrar bijuterias feitas por mulheres Maasai, com a proposta de melhorar a renda de suas famílias. Antes das compras, é feita uma visita guiada para conhecer o processo de criação e produção das peças. Uma autêntica aula sobre a cultura Maasai.

Utamaduni: trata-se da loja com o melhor da arte e do artesanato africanos. Há roupas, cestas, brinquedos, bijuterias, cerâmicas, tecidos, objetos para a casa e antiguidades. Tudo incrível e com ótima qualidade! A Utamaduni tem a proposta de ajudar pequenos produtores, comunidades e ONGs de toda a África. 📍

Descubra o poder da aromaterapia
para revigorar mente, corpo e alma.



TROUSSEAU

São Paulo • Rio de Janeiro
Belo Horizonte • Brasília • Miami

TROUSSEAU.COM.BR



Navegar é preciso...

Autor de grandes sucessos literários, como Cem Dias entre Céu e Mar e Paratii, Amyr Klink faz sua curadoria inspirada por livros de grandes exploradores dos mares – e do mundo – em depoimento à UNQUIET



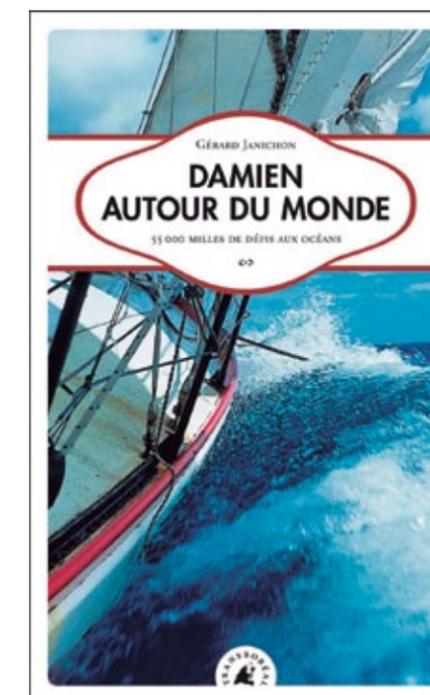
O ÚLTIMO LUGAR DA TERRA por ROLAND HUNTFORD

“Neste livro, que considero uma obra importantíssima, o Roland Huntford faz uma reconstituição da história da exploração polar desde os primórdios. Ele foi um adido britânico que se apaixonou pela história da corrida aos polos: pela busca pelo Polo Norte e depois pelo Polo Sul, na Antártica, onde os dois principais personagens foram Robert Falcon Scott e Roald Amundsen. O Amundsen, que era norueguês, foi secretamente concorrer com o Scott nessa ‘corrida’ e acabou chegando 35 dias antes ao Polo Sul. O livro percorre a rivalidade entre o norueguês, que, sem recursos, mas apaixonado pela neve, pelo esqui, venceu uma expedição gigantesca, e o britânico. Mas a verdade só é descoberta muito depois. Isso porque, ao chegarem lá, os ingleses encontraram a barraca do Amundsen, provando a vitória norueguesa nessa corrida. Os ingleses morreram no retorno. E ninguém ficou sabendo, até que um ano depois a equipe de base britânica foi à região resgatar os corpos dos ingleses e, juntamente com o corpo de Scott, encontraram um rolo de filme. Essa equipe voltou à Inglaterra e continuou afirman-

do a supremacia britânica sobre os noruegueses, a quem chamavam de ‘bando de pescadores pobres, amadores, sem raça suficiente para vencer o Império Britânico’. Até que, ao revelar o filme, um ano mais tarde, eles se depararam com a foto dos cinco ingleses da expedição original, incluindo Scott, na frente de uma barraca com a bandeira da Noruega – o que provou a chegada prévia do norueguês ali. É um livro polêmico, mas muito bem escrito e que mostra por que os ingleses fracassaram por arrogância e prepotência, embora ele mesmo, o autor, seja inglês.”

DAMIEN AUTOUR DU MONDE por GÉRARD JANICHON

“Outro livro de que eu gosto muito, *Damien Autour du Monde* foi escrito por Gérard Janichon quando ele e o amigo Jérôme Poncet, aos 22 anos, partiram em um barquinho de madeira de La Rochelle, na França, para uma jornada de cinco anos de volta ao mundo. Nessa embarcação, que nem um barco era exatamente, eles foram do extremo norte do Ártico ao extremo sul da Antártica. Ao longo da viagem, os dois acabaram escrevendo três livros, recentemente reunidos nesta edição. *Damien* era o nome do barco, que se tornou lendário. O livro, além das aventuras em si, conta a história de dois jovens que partilham uma formidável aventura humana, cheia de descobertas e grandes ideais. Eles influenciaram toda uma geração de jovens nos anos 1960 e 70: criaram uma espécie de diáspora na França, já que, depois dos livros deles, houve uma geração inteira que começou a construir barquinhos no quintal de casa para sair pelo mundo. E de fato saiu. Infelizmente eu não conheci o Janichon, que era um grande intelectual. Mas sou muito amigo do Jérôme e da mulher dele, a Sally, que também escreveu um livro que me marcou profundamente.”

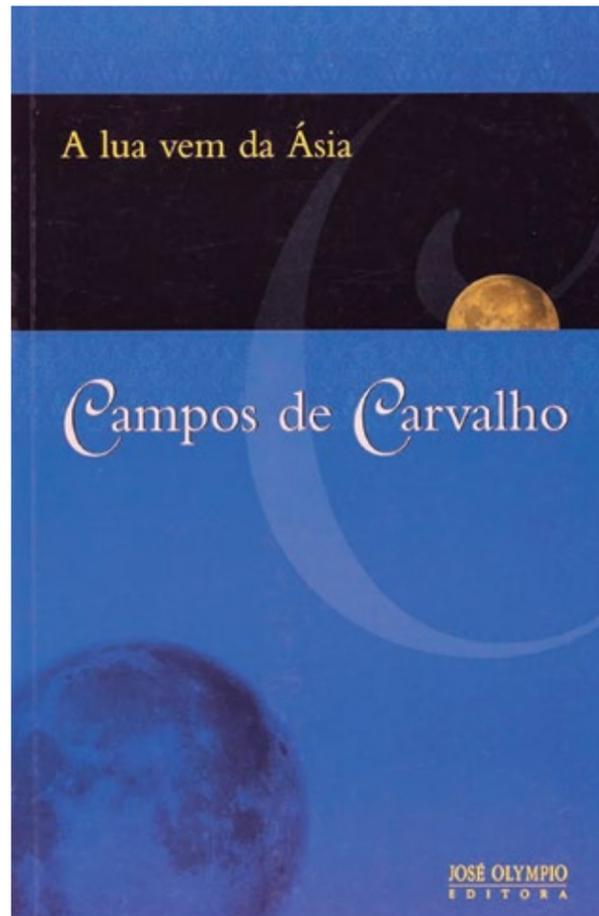


LA LONGUE ROUTE por BERNARD MOITESSIER

“Este livro influenciou fortemente a cultura francesa. Trata-se de um navegador meio aventureiro, que fazia contrabando, chamado Bernard Moitessier. Ele participou da primeira regata em que um jornal em inglês ofereceu um prêmio ao velejador que conseguisse contornar a terra sozinho, sem fazer escalas, saindo de pontos diferentes da Europa. Na verdade, só um velejador chegou, e não foi o Bernard: ele era pobre, precário, só que amava estar no mar. Quando ele atravessou o Oceano Índico, o Pacífico e finalmente entrou no Atlântico de novo – sem rádio, sem equipamento nenhum –, pensou: ‘Os ingleses todos já devem estar tomando cerveja, celebrando a vitória, e meu barco tão lento aqui’. Nesse momento, ele continuou navegando e fez mais três quartos de uma volta ao mundo, até que acabou parando num atol no Pacífico, onde viveu até morrer. Foi lá que Moitessier escreveu uma série de livros interessantes, e o primeiro deles foi justamente *La Longue Route*, que narra esse episódio. Foi um livro que eu adorei ler porque é muito bem escrito e tem um conteúdo filosófico muito forte.”



Ram® é marca registrada da Stellantis-FCA US LLC.
Paz no trânsito começa por você.



A LUA VEM DA ÁSIA
por CAMPOS DE CARVALHO

“Com um texto extremamente ácido e inteligentemente cômico, Campos de Carvalho escreveu diversos livros muito interessantes. Na minha opinião, a *Lua Vem da Ásia* é sua obra-prima em língua portuguesa, um livro sobre um viajante imaginário, um texto absolutamente espetacular – que foi prefaciado pelo Antônio Prata na última edição, pela José Olympio Editora. É uma obra sobre viagens do absurdo. Ele narra passagens absolutamente surrealistas, mas com um humor refinado, sempre por meio de viagens inventadas com um viés muito instigante. Para quem gosta do universo, da temática de viagens, este é um livro que vale a pena ler, mesmo que sejam viagens saídas de dentro da cabeça do autor.”

ENSAIO SOBRE AS CONSTRUÇÕES NAVAIS INDÍGENAS DO BRASIL
por ANTÔNIO ALVES CÂMARA

“O autor foi um almirante brasileiro, Antônio Alves Câmara, que viajou o Brasil inteiro como oficial de marinha. Pelos idos de 1885, ele ficou chocado quando leu num noticiário inglês uma crítica falando sobre a precariedade das embarcações brasileiras. Ele já tinha viajado pelo mundo e conhecia o Brasil como ninguém. Foi quando resolveu contestar os ingleses e mostrar que o Brasil era o país que tinha a maior diversidade de barcos regionais do planeta. Foi assim que ele escreveu um livro que dá orgulho a nós, brasileiros, quando se lê. Esta obra era para ser o início de uma série de livros sobre a riqueza naval autóctone brasileira, e na verdade virou a bíblia sobre o tema. Ao lê-lo, percebe-se um patrimônio cultural absolutamente único e do qual quase não se fala. E o Alves Câmara dá uma descrição muito bonita, e até mesmo poética em alguns momentos, sobre uma arte que quase desapareceu.”



RAM. O PODER INIGUALÁVEL DA ÚNICA MARCA PREMIUM E EXCLUSIVA DE PICAPES DO BRASIL.

Estabelecer novos padrões de luxo para as picapes no Brasil tem sido uma obsessão para a Ram. Um objetivo que reúne inovação, para desenvolver e oferecer as mais modernas tecnologias, e a força da tradição, para produzir as mais potentes, capazes e exclusivas picapes do país.



R A M . C O M . B R



@ramdobrasil @ramdobrasil (31) 2123-8000



RAM
PODER INIGUALÁVEL

UNSTOPPABLE

A DINAMARCA FOI O PRIMEIRO
PAÍS DO MUNDO A REALIZAR
UM CASAMENTO ENTRE PESSOAS
LGBTQIAPN+, EM 1989.

Uma homenagem da UNQUIET àqueles
que tornam o mundo um lugar mais plural.

PROUDLY UNQUIET

UNLIMITED

O URUGUAI FOI O PRIMEIRO PAÍS DA AMÉRICA LATINA A LEGALIZAR A ADOÇÃO DE CRIANÇAS POR CASAIS LGBTQIAPN+, EM 2009.

Uma homenagem da UNQUIET àqueles que tornam o mundo um lugar mais plural.



CHECK-IN

O MUNDO EM SUAS MÃOS

Viajar pode ser um ato ecológico e nosso radar para as tendências e novidades em gadgets de viagem sustentáveis coloca você na vanguarda dessa experiência consciente

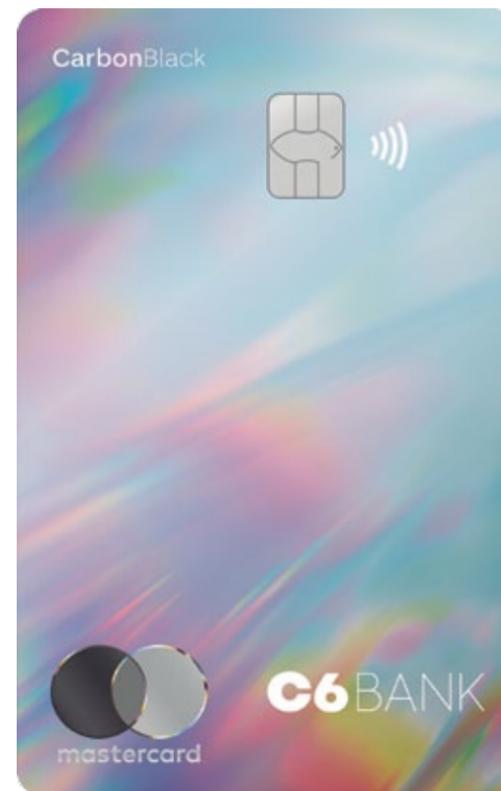
POR LUCIANA LANCELOTTI



O TEMPO NÃO PARA

Mais do que um acessório, o relógio pode ser uma declaração de como vivemos e viajamos. É o caso da versão mais recente do GMT-Master II, apresentado na feira Watches and Wonders 2024, em Genebra. O novo modelo da Rolex celebra a evolução do GMT-Master, lançado em 1955 com um segundo fuso horário e adotado posteriormente pela tripulação da Pan Am. Já denominado GMT-Master II, o modelo ganhou novas interpretações em 1982 e 2014. A leitura recém-lançada tem calibre 3285 de ponta – um coraçãozinho que bate forte por tecnologia e precisão – e preserva a luneta Cerachrom de cerâmica cinza e preta (agora de aço Oyster Steel), trazendo a cor verde nas letras GMT-Master II e no ponteiro 24 horas com ponta triangular. Tudo muito bem embalado no conceito Perpetual, da marca suíça. Um aceno à durabilidade e às práticas sustentáveis.

[rolex.com](https://www.rolex.com)



ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Além de ser o primeiro banco brasileiro a permitir o uso de nome social no cartão, o C6 Bank também lançou um cartão que celebra a comunidade LGBTQIA+, com um acabamento furta-cor que remete às cores do arco-íris.

O cartão Rainbow foi apenas o símbolo da estratégia de responsabilidade social do C6 Bank: promover discussões e conversas sobre diversidade, ao mesmo tempo em que realiza ações concretas com impacto direto na sociedade.

O inquestionável sucesso do cartão com as cores do arco-íris – entre os mais solicitados do banco – abriu as portas para que outros projetos e iniciativas fossem acolhidos pelo C6 Bank.

Este é o caso, por exemplo, de ações como o projeto Orgulho do Meu RG, que retifica os nomes de pessoas trans (com mais de 55 pessoas beneficiadas até o final do ano), do programa Cartilha Diversidade, com cinco publicações sobre inclusão e diversidade, além de campanhas de letramento, concursos culturais, fóruns para discussões e outras iniciativas.

Mais uma importante ação é a doação anual voluntária do banco no valor de 120 mil reais para a ONG Instituto Mais Diversidade, cuja colaboração também é incentivada aos clientes através de doações pelo app do banco.

[c6bank.com.br](https://www.c6bank.com.br)

BANHO DE RESISTÊNCIA

Novidade da Victorinox, a Spectra 3.0 é uma mala de bordo produzida com polycarbonato reciclado de alta performance. Ainda que você não queira despachá-la, saiba que ela encara de frente o tratamento nada delicado dos carregadores de bagagem dos aeroportos mundo afora. Além de linda, tem bolsos de fácil acesso e sistema de expansão, sem contar seus oito rodízios, que fazem muita diferença em termos de mobilidade. O design revela ainda uma abertura para o compartimento frontal, na medida certa para acessar o seu laptop e outros itens.

[victorinoxstore.com.br](https://www.victorinoxstore.com.br)



ECO-SOUNDS

Os fones de ouvido sem fio Redemption ANC 2, da House of Marley, reúnem o melhor de dois mundos: tecnologia de ponta e responsabilidade ambiental. Resistentes à água e ao suor, são produzidos com materiais ecológicos, como bambu, composto de fibra de madeira e silicone reconduzido, e destacam ainda cancelamento de ruído, carregamento sem fio e reprodução impressionante, de até 24 horas. A House of Marley defende a continuidade do legado do cantor Bob Marley, de amor pela música e pelo planeta.

[thehouseofmarley.com](https://www.thehouseofmarley.com)



VISÃO ECOLÓGICA

Três desejos: pedalar com lentes de grande desempenho, ajudar a preservar a consciência ambiental e, claro, ser *cool*. Feito! Inspirados nas silhuetas clássicas da década de 1980 e produzidos com 85% de redes de pesca recicladas, os novos óculos de sol Watchtowers, voltados aos ciclistas, não só oferecem proteção contra os raios UV e resistência a estilhaçamento, como também representam a vanguarda da moda sustentável. A marca sueca Vallon é respeitada pela forma ecoamigável de produzir seus óculos, de estilo clássico atemporal, com lentes desenvolvidas em parceria com a Zeiss. Belíssimos aliados para suas pedaladas ao ar livre.

vallon.com



LEVE E DESIMPEDIDA

A Black Hole® Wheeled Duffel, da Patagonia, consegue transformar uma viagem em uma elegante expedição, seja fugindo para um fim de semana de aventura, seja navegando por longas jornadas no melhor estilo “não sei o que levar, então vou levar tudo”. Produzida com tecido 100% reciclado, a sacola/mala enfrenta com um sorriso as mudanças climáticas, munida de múltiplos bolsos e alças reforçadas, com cintas e compressão internas, que firmam bem a carga, evitando o temido efeito “avalanche” ao abrir a bagagem. Para completar, rodas robustas prometem que seu único esforço será decidir entre a praia e a montanha.

patagonia.com

E X
P L O
R A

The surface
is everywhere.

go deeper with Explora

explora.com

check availability

Atacama Desert, Chile

Experiências e vivências transformadoras em viagens pela Ásia.

- ✓ Índia
- ✓ Emirados Árabes
- ✓ Butão
- ✓ Nepal
- ✓ Omã
- ✓ Sri Lanka



3EHOLIDAYS.AE

@3E_HOLIDAYS

*consulte seu agente de viagens sobre os roteiros.

BRASIL

“Brumadim, Muito além de Inhotim

Uma viagem de carro por Brumadinho para conhecer as pessoas que estão revitalizando a cidade — e o que há de novo no grande museu de arte contemporânea ao ar livre do país

TEXTO DANIEL NUNES GONÇALVES
FOTOS TUCA REINÉS



A

recepção foi a mais calorosa que um visitante poderia ter. “Sejam bem-vindos, lelê, sejam bem-vindos, lalá, paz e amor pra vocês, que vieram nos visitar!”, cantaram em rimas as quatro mulheres sorridentes do

Quilombo de Ribeirão que nos receberam no quintal de casa, nos confins de Brumadinho, a pouco mais de uma hora de carro de Belo Horizonte. Nossas anfitriãs, Mena, Maurina, Deusdeth e Cleusa, batiam palmas ao som de um violão e cheias de orgulho. Naquela divertida manhã de sol, entre as montanhas pacíficas de Minas Gerais, nos deliciamos com a feijoad caseira da família Braga, feita com ingredientes da roça, em uma mesa coletiva na varanda.

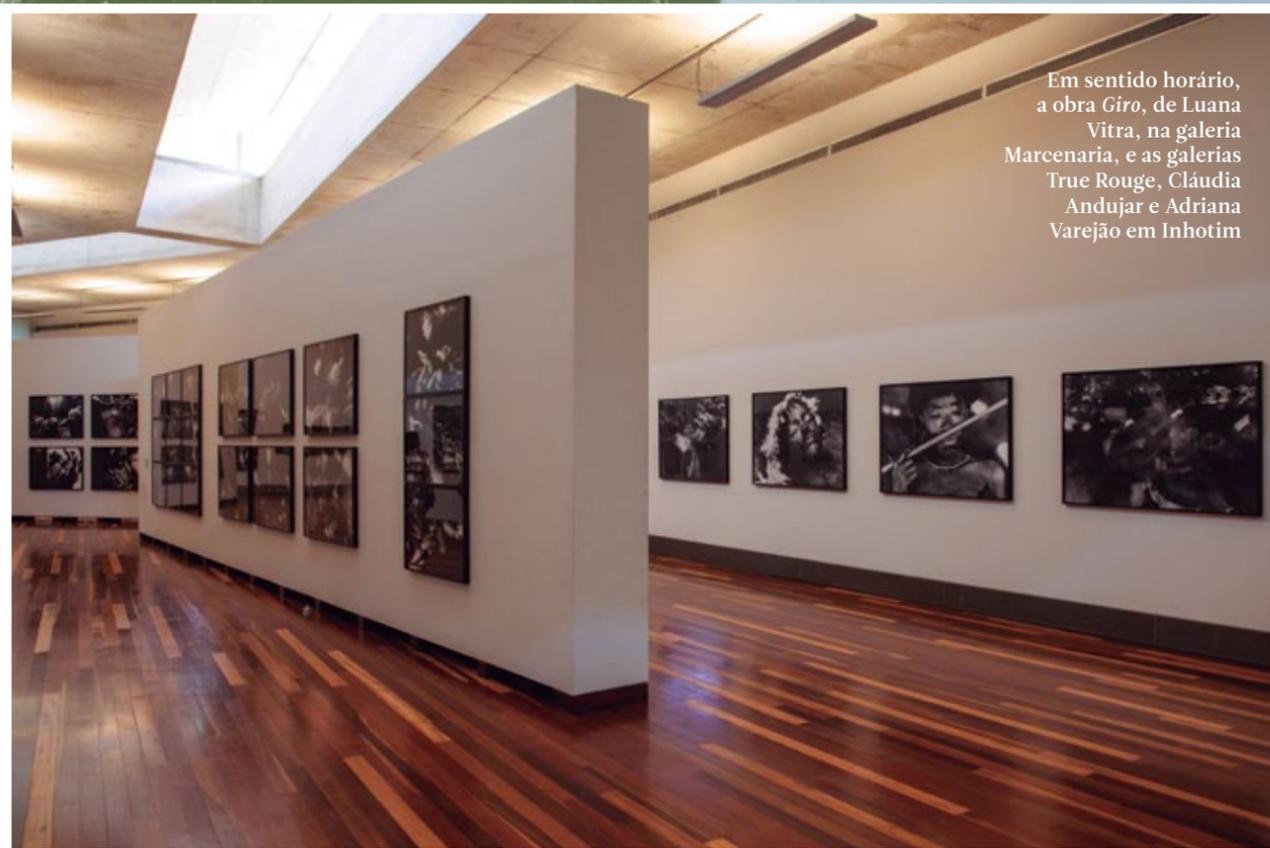
E tivemos um bom exemplo de como o turismo rural e comunitário está renovando a cidade.

TUDO COMEÇA EM INHOTIM

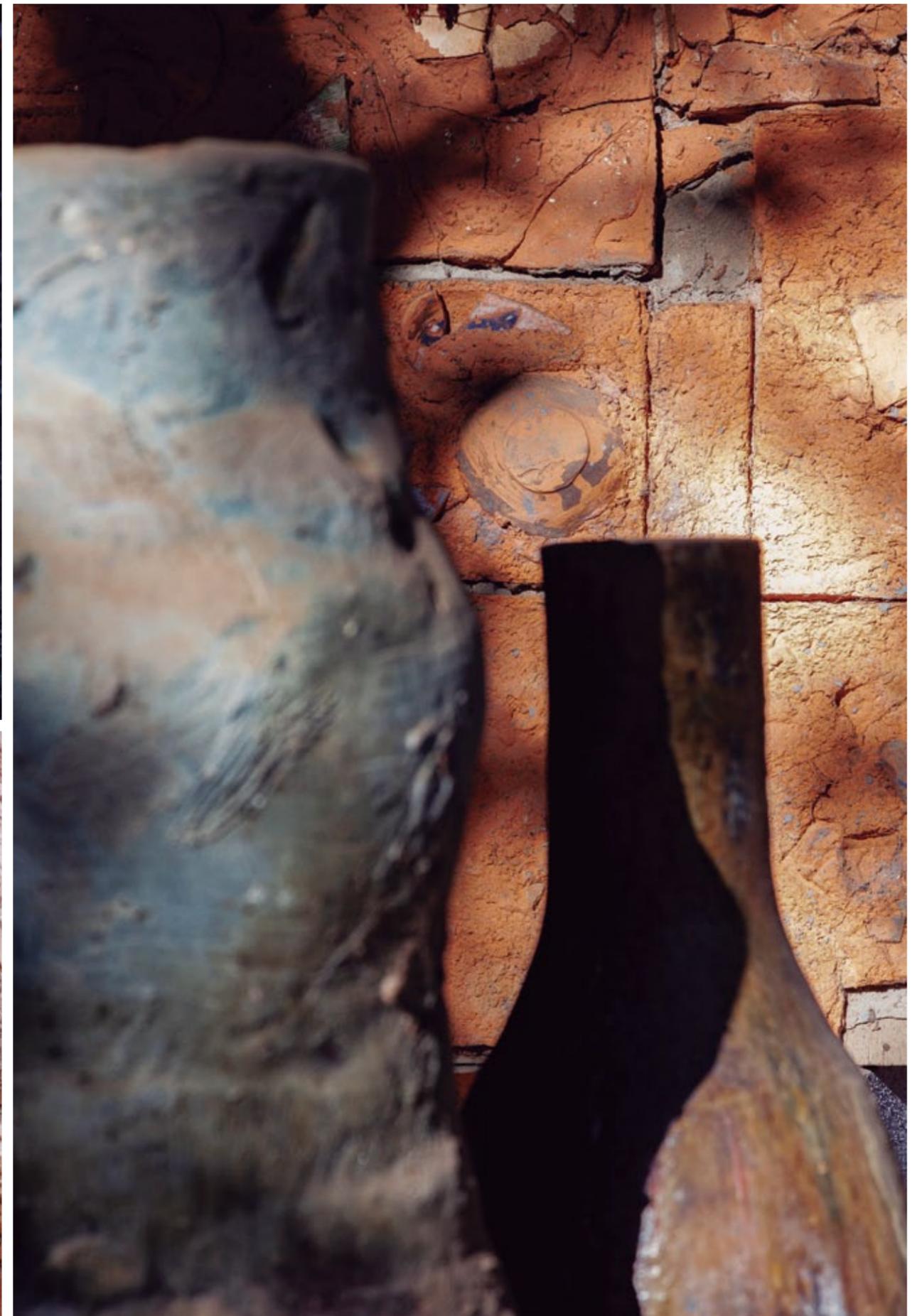
Era o nosso terceiro dia viajando de carro, em uma potente Mitsubishi Pajero Sport, entre paisagens cênicas, como a Encosta da Serra da Moeda, o Parque Rola-Moça e o Mirante Topo do Mundo, de onde os aventureiros costumam saltar de parapente. Tínhamos quatro dias para descobrir as mudanças locais, além das novidades da atração mais famosa, Inhotim, o museu de arte contemporânea ao ar livre que em 2006 colocou Brumadinho no mapa de quem aprecia a natureza e a arte. E é justamente o turismo que vem ajudando a reerguer esse município, farto em minério, depois de um acontecimento dos mais marcantes: o trágico rompimento, em 2019, de uma barragem da Vale, que vitimou 270 pessoas.

DO LUTO À LUTA

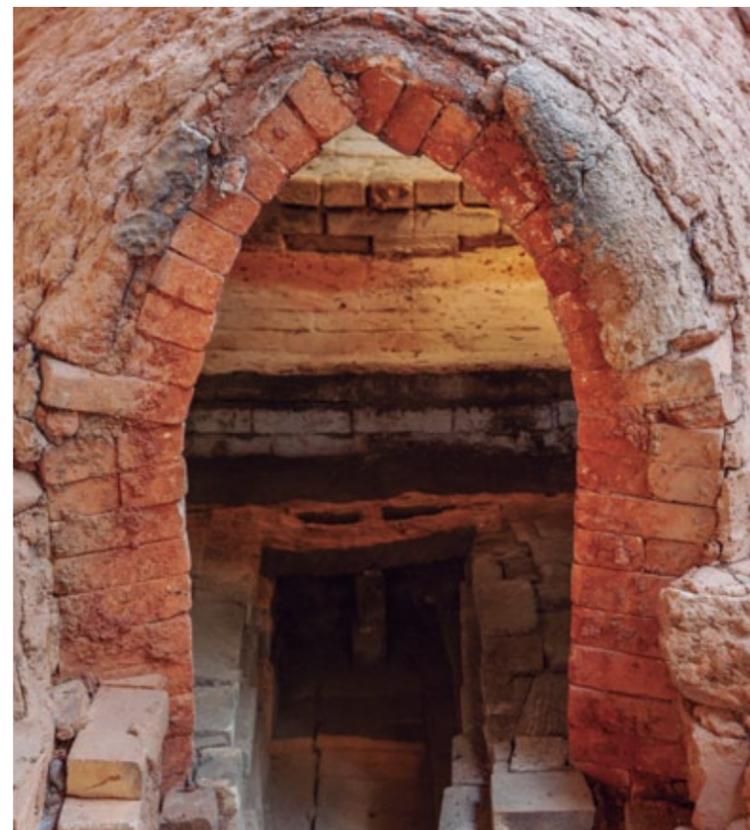
A recepção calorosa em uma das quatro comunidades quilombolas de Brumadim, como dizem os mineiros, encurtando as palavras, confirmava que existe uma transformação em curso. “Depois do rompimento da barragem, decidimos ir à luta para buscar alternativas para gerar renda”, contou Jaime Braga, guia do Quilombo de Ribeirão. “Mostrar nossa cultura aos visitantes tem mudado a nossa vida para melhor.” Depois da música, do almoço e do tour no quilombo, fomos apresentados ao artesanato em bordado, que a comunidade desen-



Em sentido horário, a obra *Giro*, de Luana Vitra, na galeria Marcenaria, e as galerias True Rouge, Cláudia Andujar e Adriana Varejão em Inhotim



Em sentido horário, peças incandescentes no forno de Eny Amorim, o forno e detalhes do ateliê de Adel Souki, incluindo as fotos de sua mestra, Toshiko Ishii, pioneira na região. Na página ao lado, peças em cerâmica no estúdio do mesmo artista





Acima, os sabonetes de leite de cabra produzidos artesanalmente na região. Na página ao lado, a confecção de cerâmica e a gastronomia são parte da economia criativa que impulsiona o turismo local



volveu em parceria com Ronaldo Fraga. O estilista mineiro foi o principal curador dessa e de outras 38 experiências do projeto Céu de Montanhas, criado depois do acidente pela Rede Terra para fomentar o turismo sustentável no município.

O PRAZER DOS ENCONTROS

Com uma área vasta, Brumadinho não tem suas atrações concentradas em um lugar só. Um carro é essencial para encarar, às vezes, meia hora de estrada até os locais onde alguns anfitriões oferecem encontros marcantes. Na Ecovila Coração da Mata, fizemos um piquenique sentados em balanços, como crianças, com a dançarina Bárbara Pessali. Tivemos uma mostra do Mercado Cultural anual da Villa Rica Pousada e Boutique, provando os queijos de cabra Chèvremón, de Ramon Fiuza, e a comida de roça da agrofloresta da Fazenda Sertão, de Lucas Sigefredo. E no bistrô caseiro A Alquimista, da chef e mixologista molecular Marcela Azevedo, degustamos um inusitado “jantar de drinques”, que mescla a cachaça com alimentos locais. “Ao apresentar o território e nossos saberes, mostramos que nosso povo está mais forte depois da tragédia”, disse Marcela.

AS NOVAS GALERIAS DE INHOTIM

Inhotim também vive seu momento de renovação. Ao completar 18 anos de vida, o ousado empreendimento do empresário mineiro Bernardo Paz atinge a maioria respeitado mundialmente e prestes a abrir um hotel, em parceria com a Clara Resorts. No espetacular museu ao ar livre, são mais de 500 obras, de 56 artistas, representando 18 países, espalhadas em 24 galerias, lindamente dispostas em sete jardins temáticos e quatro lagos. Entre as novidades estão os pavilhões permanentes de artistas como a japonesa Yayoi Kusama e a brasileira Claudia Andujar, além do crescimento das exposições temporárias em seis das galerias.

TEMÁTICAS PARALELAS

Um dos prazeres da nossa imersão cultural em Brumadinho foi constatar os temas em comum que inspiram tanto a arte contemporânea dentro de Inhotim quanto a arte regional fora dele. Ao mesmo tempo que quilombos como os de Ribeirão e de Sapé reafirmam sua autoestima, ao compartilhar a cultura e a conscientização com os viajantes, também cresce a representatividade de afrodescenden-

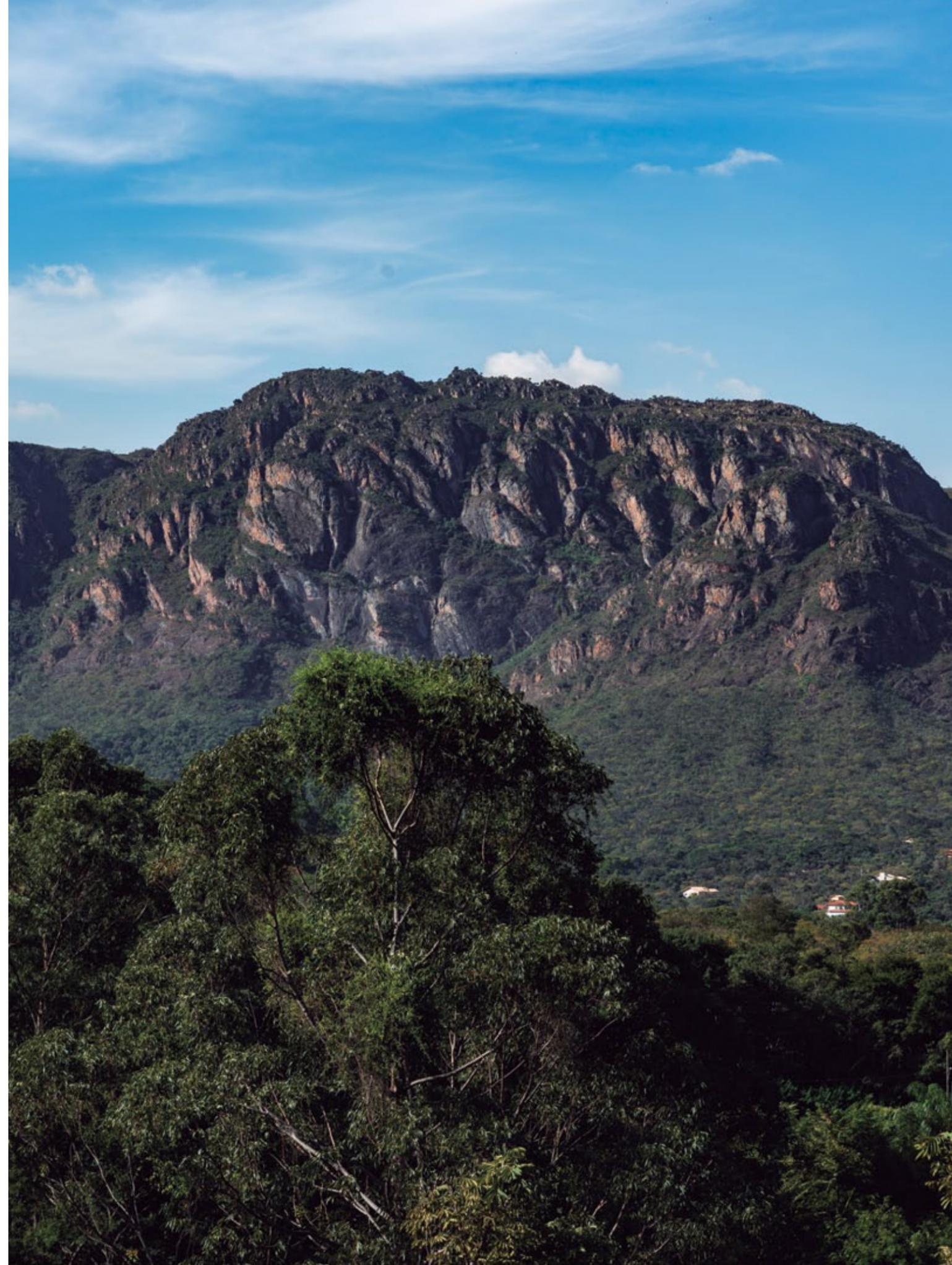
O turismo rural e comunitário está revitalizando a cidade após o rompimento da barragem

tes na curadoria de Inhotim. Em abril foram abertas exposições da portuguesa Grada Kilomba e do mineiro Paulo Nazareth. “Ainda não temos um pavilhão permanente para um artista negro, mas temos que celebrar o aumento da pluralidade”, disse a educadora Christiane Avelino, que nos guiou por obras como a de Luana Vitra, uma mulher negra como ela.

DIÁLOGO COM O TERRITÓRIO

Em sua obra *Giro* (2023), que ocupa temporariamente todo o pavilhão Marcenaria, a mineira Luana Vitra dialoga com as paisagens das montanhas do entorno, ao mesmo tempo que discute a exploração industrial dos minérios. Um dos elementos materiais com que Luana trabalha são vasos de cerâmica produzidos em parceria com artistas da região, como Benedikt Wiertz. Tivemos o prazer de conhecer esse alemão, radicado há 28 anos em Brumadinho, em sua casa-cozinha-pousada nos arredores, o Ateliê Xakra 88. É ali que ele e sua mulher, Joseane Jorge, proporcionam uma experiência singular, que mescla os trabalhos no torno de barro dele com as criações gastronômicas inventivas dela.

O reservatório-mirante
do Córrego do Feijão.
Na página ao lado,
a Serra do Rola-Moça





Ao lado, o Quilombo de Ribeirão e a recepção musical das anfitriãs Mena, Maurina, Deusdeth e Cleusa



POLO DE CERÂMICA

Brumadinho reúne mais de 30 artesãos de cerâmica, que movimentam o município em eventos como o Circuito de Cerâmica, em abril, quando os ateliês abrem suas portas para vendas e *workshops*. Entre os ceramistas que conhecemos estava a premiada Adel Souki, uma das discípulas da japonesa Toshiko Ishii, uma pioneira da região. Enquanto Adel usa um forno *anagama* à lenha, sua colega Eny Amorim queima cerâmica no forno *raku* a gás ao ar livre, em um lindo contraste de peças incandescentes com o entardecer no alto da Serra da Moeda. Da sua loja-ateliê, no hotel Estalagem do Mirante, dá para admirar, sobre os morros, a bruma leve que batiza Brumadinho.

RESSIGNIFICAR O PRESENTE

Nos deslocamentos por Brumadinho, paramos para conferir a revitalização do Córrego do Feijão, a área mais afetada pela lama da barragem. O lugarejo foi todo renovado com obras como o novo Centro de Cultura e o Mercado Central Ipê-Amarelo. A memória de um passado tão triste, notamos ali, jamais vai ser apagada. Mas a hospitalidade afetuosa das pessoas que nos proporcionaram tantas experiências autênticas mostrou ser possível dar um novo sentido à vida em meio ao céu de montanhas de Brumadim. 📍

Acima, o novo Mitsubishi Pajero Sport em ação na *roadtrip*, que explorou a região, e capela do quilombo de Sapé



CULTURA

ROTA DA LIBERDADE

Ao visitar a história dos direitos civis norte-americanos e refazer os passos de Martin Luther King Jr. por Chicago, Memphis, Atlanta e New Orleans, Taís Araújo e Lázaro Ramos revivem um passado marcado por muito preconceito, luta, resistência, potência e vitória

POR TAÍS ARAUJO E LÁZARO RAMOS





Na busca por onde passaríamos as férias, sem as crianças, nos nossos quase 20 anos de casados, pensamos em muitos destinos: Cabo Verde, Alemanha, Holanda... Até que Lázaro teve a ideia de fazermos uma pesquisa sobre a luta pelos direitos civis norte-americanos e aproveitar para captarmos parte do documentário sobre *O Topo da Montanha*, peça que começamos em 2015.

Documentamos todo o processo de ensaio, a estreia, as turnês, mas faltava passar em Memphis, mais precisamente no Motel Lorraine, local onde o protagonista da peça, Martin Luther King Jr., foi assassinado.

O enredo é sobre o que supostamente teria acontecido momentos antes do atentado contra um dos homens mais importantes da história contemporânea mundial.

Decidimos, então, eleger algumas cidades dos EUA para refazermos os caminhos dos direitos civis e descobrimos muito mais do que isso. Descobrimos um país com uma história de luta, violência, resistência, diplomacia e arte, muita arte, na conquista dos direitos civis do seu povo.

Escolhido o tema da viagem, partimos para escolher as cidades. Além de Memphis, no Tennessee, nos interessava saber também sobre o norte dos EUA – o grande responsável pela pressão para a emancipação das pessoas escravizadas, que agiu e recebeu as pessoas, já livres, vindas do sul escravagista.

ARTE E GASTRONOMIA EM CHICAGO

Começamos por Chicago, a cidade dos arranha-céus, da arquitetura, da modernidade, da arte. Chicago nos recebeu com um céu azul, sem nenhuma nuvem! Ficamos hospedados no Hotel Peninsula. Adoramos essa rede porque os quartos são sempre amplos, o café da manhã é uma delícia, os profissionais do hotel são supergentis e os restaurantes muito, mas muito bons! Destaque para o Shanghai Terrace, um excelente oriental, onde tivemos um jantar com *dumplings* deliciosos! Outro restaurante em Chicago que consideramos imperdível foi o Girl and The Goat, onde tivemos um jantar memorável: comemos os melhores legumes que já provamos na vida. Foi das melhores experiências gastronômicas que vivemos.

O Peninsula é um entusiasta das artes e, para nossa sorte, na semana em que estávamos lá, o hotel estava recebendo uma exposição da Pizzuti Collection e fomos impactados por mais de 15 obras de artistas contemporâneos norte-americanos, africanos, europeus e latino-americanos.

Voltando à luta pelos direitos civis, tivemos a honra de conhecer Troy Malone, um professor de história aposentado, que nos levou a Bronzeville, que fica a meia hora de Chicago. Bronzeville foi o bairro onde as pessoas negras, que tinham sido escravizadas no sul do país, foram viver pós-emancipação. Hoje é um bairro totalmente gentrificado, os antigos moradores da região já não habitam tanto a



Acima, em sentido horário, o Harold Washington Cultural Center, em Bronzeville, estátua de um músico na Martin Luther King Street e a fachada do hotel The Peninsula, em Chicago. Na página ao lado, o Millennium Park, cartão-postal da cidade



região como antes, mas a história está lá, em cada calçada, nos monumentos, no portal onde o bairro começa. Tudo conta quem foram as pessoas que construíram o bairro cheio de casas e recheado de história. Uma aula de cultura afro-americana! Nomes como Quincy Jones (produtor musical), John Johnson (fundador da *Ebony*, a maior revista negra norte-americana), Louis Armstrong (músico) e Ida B. Wells (jornalista negra e ativista, que, anos antes de Rosa Parks, negou-se a sentar no local direcionado a pessoas negras no trem, combatendo assim a segregação) habitam as memórias do bairro. Muitas pessoas, muitos nomes e muitas cabeças pensaram e agiram na conquista pelos direitos civis.

MEMPHIS, CIDADE DA MÚSICA E DA RESISTÊNCIA
Próxima parada, Memphis. A cidade era, até aquele momento, o destino mais desejado. Não sabíamos ainda as surpresas que a viagem nos ofereceria.

Memphis é a cidade onde se passa *O Topo da Montanha*, um lugar sobre o qual falamos desde o início da montagem, em 2015, de lugares como o Motel Lorraine, onde Martin Luther King estava hospedado quando levou o tiro fatal, e sobre o Templo de Mason, onde ele fez o seu último discurso. Portanto, esses eram os principais destinos para nós ali.

Tínhamos poucos dias, a missão de realizar filmagens para serem incluídas no documentário e

o desejo de que sobrasse tempo para conhecermos outros pontos dessa cidade, que é conhecida como um lugar para viajantes apaixonados por música, fãs de história ou aventureiros à procura de novas experiências.

Será que daria tempo de conhecer um pouco mais sobre Johnny Cash, Elvis Presley e Jerry Lee Lewis? Será que conheceríamos a Rua Beale, que marcou nosso coração depois de assistirmos o lindo filme *Se a Rua Beale Falasse*, dirigido por Barry Jenkins e baseado no livro do genial James Baldwin?

Nós nos hospedamos na parte antiga da cidade, no surpreendente Central Station Hotel, instalado em uma antiga central de bonde transformada em hotel. O edifício foi remodelado com uma decoração inspirada na força musical da cidade, a recepção tem caixas de som antigas e um lindo quadro do cantor Isaac Hayes. Ao chegar ao quarto, espaçoso e bem iluminado, comentamos que, provavelmente, aquela seria a estação pela qual King chegou à cidade. Ainda não sabíamos que surpresa teríamos.

Malas no quarto, era a hora de partir para a primeira atividade: conhecer o Studio Sun Records, que ficou célebre por lançar artistas como Elvis Presley e Johnny Cash e que, portanto, é reputado como o lugar onde nasceu o rock and roll.

Demos uma volta pela cidade, regressamos ao hotel para organizar as filmagens e num piscar de olhos



Acima, a guirlanda na varanda do Motel Lorraine, que sinaliza o local onde Luther King caiu após ser baleado (o motel foi transformado no National Civil Rights Museum), e o Central Station Hotel em Memphis. Na página ao lado, placa do mesmo museu

Hoje transformado em museu, o Motel Lorraine mantém intacto o quarto onde Luther King passou sua última noite

anoiteceu. Jantamos nos fundos do Motel Lorraine: foi só nesse momento que descobrimos que era muito próximo do nosso hotel. Pura surpresa e emoção.

No dia seguinte, demos uma volta e compramos lembranças na Rua Beale, a casa do blues, como é conhecida. Fomos à loja do BB King e chegamos ao Rock and Soul Museum. Aí foi um deleite. Ali encontramos a história do soul e do rock muito bem contada por meio de fotos, áudios com programas de rádio, gravações de músicas, figurinos clássicos de quem construiu essa história, instrumentos musicais originais e o cruzamento mais do que justo da luta pelos direitos civis e da arte.

Depois da incursão musical, estava na hora de partirmos para o Motel Lorraine. Esse lugar histórico foi transformado no National Civil Rights Museum. Para a filmagem, decidimos não planejar muito, apenas captarmos nossas reações ao estar frente a frente com algo que só conhecíamos por fotos e livros, como a varanda, que está lá com uma coroa de flores no local onde o corpo de Luther King caiu.

Fomos recebidos pela equipe do museu, que nos abriu as portas para um *tour* inesquecível, multimídia e sensorial. Há uma reprodução do ônibus onde Rosa Parks se recusou a se levantar, numa época em que negros não podiam sentar-se na parte da frente do veículo. O quarto onde Luther King dormiu sua última noite permanece do mesmo jeito, incluindo sua pasta e o livro que estava lendo. Tudo ali, e principalmente a história contada pelo ponto de vista da resistência e da potência, nos fez sair de lá mais informados e fortalecidos.

Pausa para respirar num charmoso café e seguir para o Stax Museum, que foi um complemento perfeito de tudo o que vimos no Rock and Soul Museum. O lugar é imperdível e traz informações



sobre o programa *Soul Train*, Tina Turner, Motown, James Brown, Aretha Franklin e outros grandes nomes. O Stax Museum fica onde era a gravadora Stax, responsável por lançar vários cantores e bandas de soul, blues e jazz.

O tempo estava acabando, mas ainda conseguimos fazer um agradável passeio de bonde pela cidade, ir ao Templo de Mason, conhecer o púlpito do famoso discurso do reverendo King e comer um bom *biscuit*. Agora tínhamos a certeza de que a viagem ainda nos reservaria mais surpresas, prazeres e aprendizados. Refizemos as malas e partimos para Atlanta.

ATLANTA, O PORTO DAS MEMÓRIAS E DO AMOR DE LUTHER KING

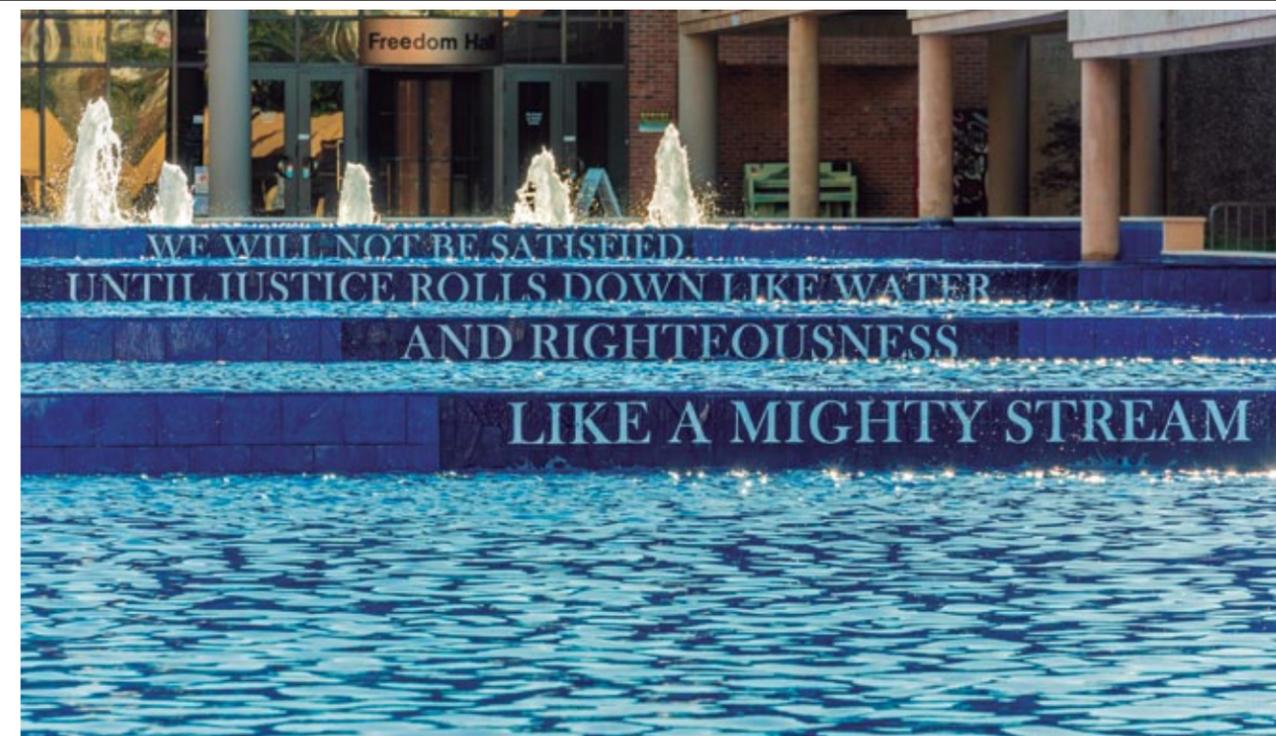
Atlanta é o principal centro cultural, econômico e político do estado da Geórgia, e morada da família Scott King desde muito cedo. Foi ali que Luther King e sua companheira, Coretta Scott, escolheram permanecer, já que, numa época de segregação e de luta por igualdade, viver em uma cidade que se proclamava “sem tempo para odiar” parecia uma opção segura. Além disso, Atlanta tinha o legado do pai de Luther King Jr.

Chegamos ao hotel Clermont, que nos recebeu de braços abertos, e na mesma noite descobrimos seu restaurante delicioso. Estávamos animados para

fazer o circuito do Parque Histórico Martin Luther King, mas nossa ansiedade tinha que ser controlada, já que esse seria o “sabor final” da viagem à Atlanta.

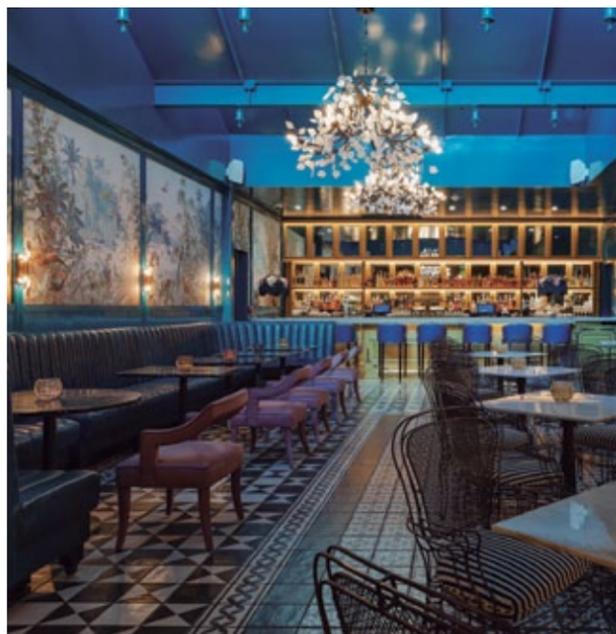
Fomos conhecer as opções gastronômicas no Ponce City Market, que fica inserido na Beltline. A Beltline agrega 35 km de trilhas para corredores, ciclistas e pedestres. Claro que não fizemos todo o percurso, mas vimos zonas encantadoras, com belas paisagens, paramos em locais com restaurantes e aproveitamos mesmo o Ponce City Market, onde foi difícil escolher um lugar para comer, pois as opções eram variadas e, a cada passo, um aroma diferente, ora café fresco, ora comida oriental, ora italiana, ora doces, nos convidava... Foi um momento leve, que aproveitamos para brindar a viagem.

Na manhã seguinte, fomos ao ponto de encontro marcado: a escadaria do memorial a Martin Luther King Jr. do instituto The King Center. Chegamos um pouco mais cedo e já demos de encontro com um mural que tinha incrustados na parede de cimento os seis passos para a não-violência. Passamos pelo templo onde os Luther King, pai e filho, pregavam e planejavam. Também vimos a casa onde a família morou. Nessa mesma rua, havia outras casas que acolhiam quem precisasse de abrigo. O *tour* terminou no The King Center, onde fomos às lágrimas ao ver o terno que ele usava e o último buquê de flores que Dr. King ofereceu a Coretta.



Acima, estátua em homenagem a Rosa Parks, no National Civil Rights Museum, em Memphis, e monumento na entrada do King's Center, em Atlanta. Na página ao lado, o edifício do Clermont Hotel e a placa do Martin Luther King Historic Site, em Atlanta

New Orleans é uma cidade leve, musical e divertida, embora carregue o peso da história e de grandes tragédias



PAUSA PARA NOTA:

No espetáculo, contamos que Luther King sempre dava uma flor para Coretta a cada vez que viajava. Uma semana antes de morrer, deu-lhe pela primeira vez flores artificiais. Ela estranhou e perguntou por quê. Ele disse que era para durar mais tempo. Imagina o que significou para nós ver esse buquê?

De volta ao hotel, brindamos com vinho ao pôr do sol. Foi a primeira vez que bebemos na viagem, pois a ocasião merecia. Muitos beijos e a decisão de colocar um terno e um vestido bem lindo para jantar e celebrar.

NEW ORLEANS, BERÇO DO JAZZ E ESTEIO DE GOOD VIBES

Nossa primeira impressão sobre New Orleans foi: “Meus Deus, aqui tem uma mistura de Rio com Bahia!” Pode parecer um comentário um pouco inusitado, mas o fato é que New Orleans é uma cidade feliz, leve, apesar de tanta tragédia já vivida. Parece um estado de espírito.

Tivemos a sensação de que se pode escolher a maneira de experienciar a cidade. Você pode ir só para festa, zoeira, bebidas e tudo aquilo que a nós, que somos a mistura do Rio com a Bahia, conhecemos bem: você pode experimentar vivenciar a cidade através da história, da música, da cultura.

Chegamos a Nola, a maneira carinhosa como a cidade é conhecida, na hora do almoço. Já disse que de comida a gente entende e estávamos ansiosos para conhecer o tempero *cajun*, a comida *criole* de New Orleans, e procuramos logo saber onde se comia bem. Nos indicaram o restaurante *Pêche*, e a partir daí nasceu uma história de amor entre nós e o gum-

bo, uma espécie de ensopado à base de quiabo, camarão, frango e linguiça! No meio do prato tem um bolinho de arroz branco, tudo bemquentinho, e a delícia é ir comendo colheradas de arroz com aquele caldo espetacular. Optamos por nos hospedar no *Kimpton Fontenot*, um hotel *boutique* com excelentes restaurantes para todos os gostos.

Já na nossa primeira noite, fomos explorar a famosa Bourbon Street, que estava lotada, mas lotada mesmo! Feche os olhos e imagine o Carnaval de Salvador, junto com o do Rio, numa única rua, cheia de jovens, música alta saindo de cada porta de cada bar, um ao lado do outro. Tudo muito vivo e divertido.

No dia seguinte, tivemos uma vivência daquelas inesquecíveis! Fomos ao Dew Drop Inn para um *brunch* ao som do melhor jazz, com comida típica do sul: *biscuit*, um pão que derrete na boca feito à base de muita manteiga! Bacon, ovos, linguiça, batata assada. Delícia! A banda que tocava jazz era um luxo! *Kermit and the Barbecue Swingers* era seu nome, o líder, *Kermit Ruffins*, é uma lenda viva da cidade. Uma estrela! Ele faz parte do elenco de *Tremé*, uma série de sucesso, que fala sobre a reconstrução de New Orleans após a passagem do furacão Katrina. O som da banda é impecável, e tivemos uma manhã-início de tarde daquelas em que saímos inebriados de tanta beleza e riqueza cultural. O Dew Drop Inn originalmente era um hotel da época da segregação que recebia pessoas negras para descansar, cortar os cabelos, se alimentar e até assistir um belo show de jazz. Se o hóspede fosse um artista, ou simplesmente gostasse de cantar e tocar, ali era o lugar onde ele teria a chance de se apresentar. Se for para New Orleans, não perca esse passeio!



Acima, em sentido horário, o movimento no famoso French Quarter, um *bowl* com *gumbo*, receita típica de New Orleans, desfile de Mardi Gras na St. Charles Avenue e Tais e Lázaro curtindo a cidade. Na página ao lado, o bar do hotel *Kimpton Fontenot*



Acima, placa sinaliza a Congo Square, ponto de encontro histórico de africanos dentro do Louis Armstrong Park, e a entrada do mesmo parque, em New Orleans

Agora vamos falar de arte! New Orleans nos deu umas das experiências mais incríveis de nossa vida! Tivemos a chance de visitar algumas galerias de arte, com destaque para a Jam-Nola, que mistura o tradicional com o contemporâneo de forma interativa, afetuosa e divertida. Outra dica, então anote este nome: BMike. Esse artista tem um galpão com obras extraordinárias, dessas que te provocam, te fazem pensar e te tiram do conforto. Ficamos impressionados com tamanha preciosidade e com a importância do trabalho desse homem.

Foram dias muito intensos e recheados de saberes. Uma das coisas que mais nos alimentam é aprender. Amamos estudar e tivemos uma verdadeira aula durante o passeio que fizemos à Praça Louis Armstrong. Como guia tivemos a companhia de uma mulher muito interessante, Mikhala Iversen, uma cantora dinamarquesa que faz uma mistura de jazz com reggae. Ela deixou a Dinamarca quando foi fazer shows em New Orleans, apaixonou-se pelo lugar e decidiu ficar.

Nesse *tour* aprendemos muito sobre a origem da cidade, que tem fortes influências francesas, espanholas e africanas. Aprendemos também sobre o nascimento do jazz, ouvimos e cantamos muita música boa – Mikhala cantou lindamente durante o passeio! O que nos emocionou demais foram os marcos de resistência dos povos escravizados, todo movimento feito por essas pessoas numa época tão violenta, toda a sua inteligência, música, dança e estratégia. Tudo vivenciado ali, na Praça do Congo. Saímos de lá mais inteligentes e mais fortes.

Nola é uma cidade excelente para bater perna, com muitas coisas que podem ser feitas caminhando. Vale também um passeio pela Riverwalk, andar no French Quarter, comer o famoso sanduíche *po-boy*, tomar uma cerveja gelada e terminar a noite ouvindo jazz de excelente qualidade nos bares da Frenchmen Street. New Orleans é inesquecível!

Chegamos ao fim da nossa viagem. Foi lindo demais, depois de quase 20 anos juntos, descobrimos juntos tantas coisas novas – e tivemos também a chance de nos reencontrar. Obrigada, UNQUIET! Que venha a próxima viagem! 📍

Acima, escultura celebra a vocação musical e o jazz em New Orleans, no Louis Armstrong Park

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



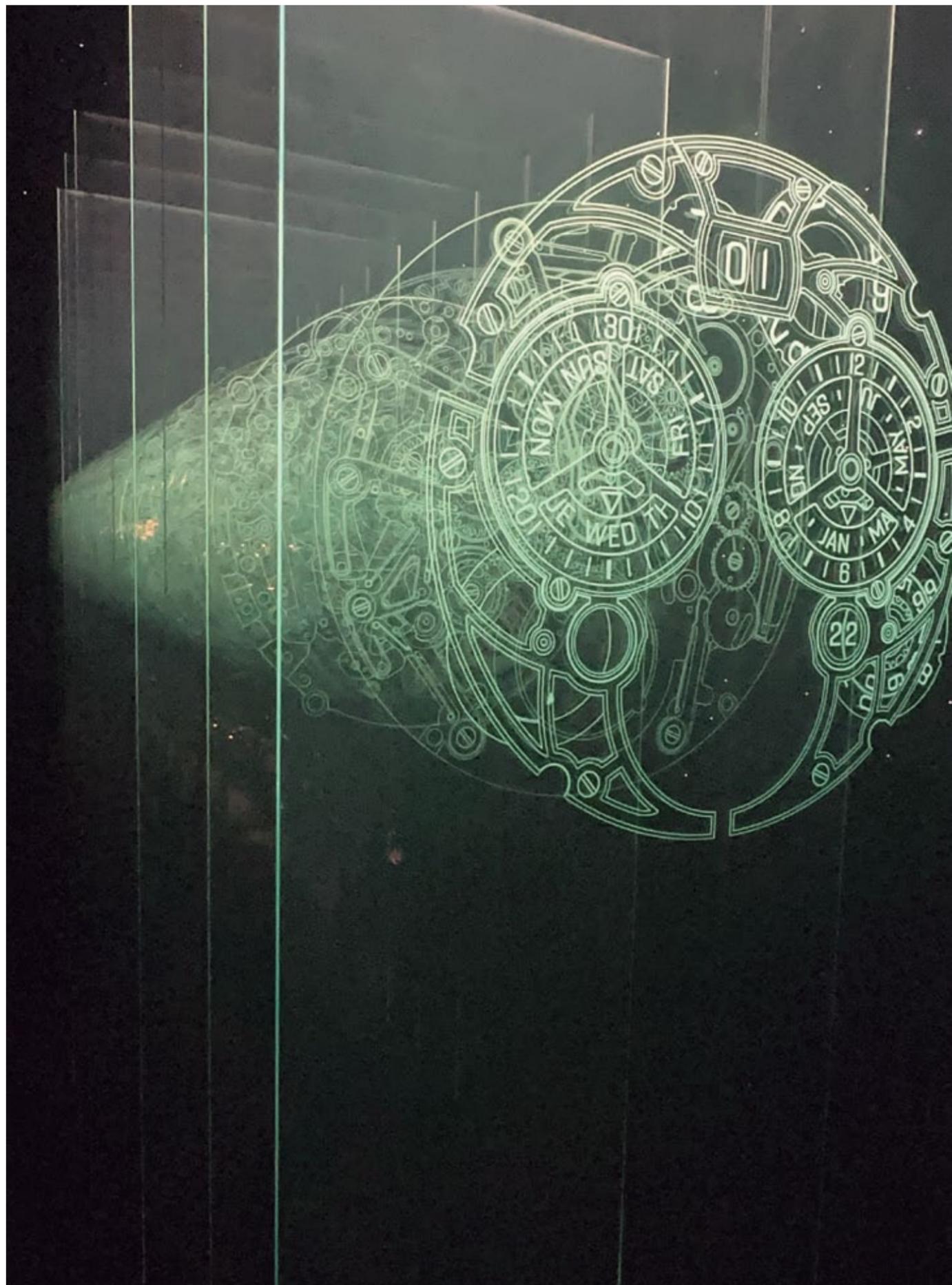
ARTE

Mestres do *Temp*Ⓢ

Nos arredores de Genebra, Le Brassus é morada da jornada de arte perfeita da relojoaria suíça, onde os mais esmerados relojoeiros do mundo investem sua devoção, talento e conhecimento na criação de cada peça produzida

POR ERIK SADAO





N

Na serenidade de um ateliê de relojoaria, o tempo assume uma dimensão particular. Cada movimento é um ritual meticuloso, uma dança de técnica e arte que transcende a mera medição de horas e minutos. Em Le Brassus, uma aldeia no Vale do Joux, próxima a Genebra, o tempo se desdobra em camadas de paciência e precisão. A fabricação de um único relógio se torna uma jornada de arte zen, uma busca pela perfeição em cada detalhe.

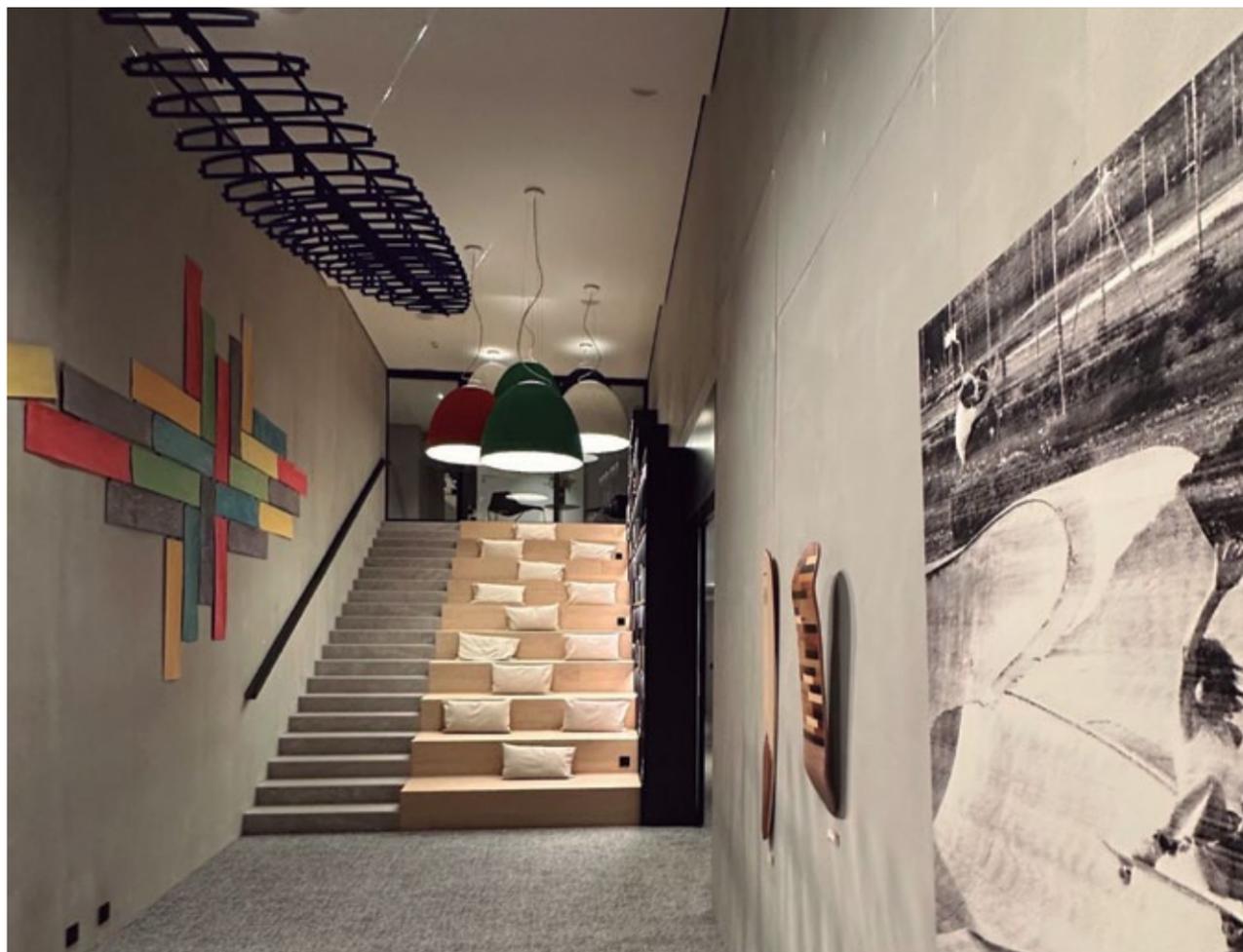
A história dos relógios suíços remonta ao século XVI, quando protestantes franceses, fugindo da perseguição religiosa, estabeleceram-se em Genebra, trazendo consigo habilidades em relojoaria. No século XVII, a indústria relojoeira se desenvolveu a rápidas passadas e Genebra experimentou uma bonança econômica impulsionada pelas exportações de seus produtos para todo o mundo.

Alguns dos artistas e artesãos mais habilidosos da Europa migraram para aldeias adjacentes a Genebra, como Le Brassus, transformando pacatas comunidades rurais, cercadas por montanhas cobertas de pinheiros, nos centros de excelência na produção de relógios. Em uma dessas migrações, no auge da revolução industrial do século XIX, dois jovens relojoeiros, Jules-Louis Audemars e Edward-Auguste Piguet, se uniram, em 1875, para fundar a marca sinônimo de relojoaria de alto padrão.

Acima, os relojoeiros Jules-Louis Audemars e Edward-Auguste Piguet e o primeiro relógio criado pelos fundadores da marca. Na página ao lado, instalação da exposição temporária *Simply Complicated*, do Musée Atelier Audemars Piguet



O impressionante salão principal do Musée Atelier Audemars Piguet



Ao lado, a arquitetura futurista e sustentável marca o estilo dos ambientes do impecável Hôtel des Horlogers, a exemplo do lobby. Na página ao lado, a biblioteca do hotel



PIONEIRISMO E INOVAÇÃO

Combinando habilidades artesanais tradicionais com inovações técnicas, Audemars e Piguet foram pioneiros em muitas técnicas de relojoaria, incluindo a criação do primeiro relógio de repetição de minutos com cronógrafo em série, ainda em 1882, ganhando o reconhecimento mundial por seu design inovador.

Até hoje, no melhor *state of art*, o processo de fabricação de um relógio Audemars Piguet começa com a seleção dos materiais mais finos: ouro, platina e aço inoxidável, entre outros. Cada peça é escolhida com atenção aos detalhes, buscando-se a harmonia entre a beleza e a funcionalidade. Os componentes são delicadamente usinados e esculpidos à mão, utilizando técnicas tradicionais transmitidas de geração a geração.

IMERSÃO PARA APAIXONADOS

Na visita ao incrível QG e museu da marca é possível testemunhar relojoeiros trabalhando em estado de concentração meditativa, imersos no silêncio do ateliê, onde o tique-taque do relógio é o único som que quebra a tranquilidade. Cada movimento é executado com uma calma deliberada, cada detalhe é observado com uma atenção reverente. O tempo parece se estender e encolher ao redor do relojoeiro, que está imerso em seu próprio universo de criação.

À medida que o relógio toma forma, o relojoeiro mergulha em complicações, aquelas funções adicionais, além da simples indicação de horas, minutos e segundos. Complicações como cronógrafos, calen-

Inspirado nas caixas de relógios da marca, o Hôtel des Horlogers é uma homenagem ao passado da região

dários perpétuos e fases da Lua exigem um domínio completo do ofício e uma compreensão profunda da mecânica do tempo. Cada complicação é um desafio que demanda meses, às vezes anos, de trabalho dedicado, ajustes meticulosos e testes exaustivos.

Quando o relógio finalmente ganha vida, é mais do que uma simples máquina de medição do tempo. É uma obra-prima de engenharia e arte, um testemunho do talento e da devoção do relojoeiro. E quando os ponteiros do relógio começam a se mover, eles não apenas marcam o tempo, mas também contam a história de um processo de fabricação que é verdadeiramente uma arte zen.

EXPERIÊNCIA HOTELEIRA STATE OF ART

O Hôtel des Horlogers, uma obra-prima arquitetônica concebida para transformar a visão de excelência artesanal da marca em uma experiência imersiva, é o primeiro projeto hoteleiro assinado pelo renomado escritório de arquitetura dinamarquês Bjarke Ingels Group (BIG), em colaboração com o suíço CCHE, com sede em Lausanne.

Harmoniosamente instalado em algumas das mais belas paisagens naturais de Le Brassus, com o design contemporâneo inspirado nas caixas de re-

lógio immortalizadas por Audemars Piguet, o Hôtel des Horlogers é uma imensa homenagem ao passado lendário da região.

É interessante que a pacata Le Brassus tenha sido, ao longo dos séculos, o local onde fabricantes se encontraram para discutir parcerias. Audemars e Piguet, por exemplo, forneceram a técnica de seu cronógrafo para muitas outras marcas conhecidas, em troca do conhecimento de outras complicações, acelerando a evolução de técnicas que permitiram o desenvolvimento dos relógios que conhecemos hoje.

O Hôtel des Horlogers está instalado no mesmo local que outrora abrigou um restaurante onde segredos industriais que revolucionaram a indústria dos relógios pessoais foram trocados. Durante a minha visita, fui informado de que a filha de um dos nomes mais famosos da relojoaria mundial estava no novíssimo La Table des Horlogers, assinado pelo *chef* Emmanuel Renau, para uma dessas reuniões com a peculiar discricção suíça.

Concebido para ser completamente sustentável, o hotel não utilizou sequer tintas e solventes nas paredes de todo o prédio. Em vez de canetas, um lápis foi desenvolvido com sementes de tomilho -



A excelência artesanal e a inovação tornaram a Suíça o berço da arte da relojoaria no mundo

ou *thyme* – em uma cápsula na ponta, para que, ao ser descartado, possa-se “plantar *thyme*”, em um trocadilho tão criativo quanto algumas das complicações desenvolvidas pela marca.

PONTEIROS QUEBRANDO CONVENÇÕES

Como toda forma de arte, a relojoaria não é imune à necessidade de inovação para se manter relevante e inspiradora ao longo do tempo. Em 1972, quando lançou o icônico Royal Oak, projetado pelo lendário designer Gérald Genta, a Audemars Piguet quebrou as convenções estabelecidas ao apresentar o primeiro relógio esportivo fabricado com aço inoxidável. Sua estrutura octogonal, inspirada nos tradicionais escotilhões de navios de guerra, introduziu ao mundo uma estética ousada e inovadora.

O Royal Oak foi equipado com um movimento mecânico de alta precisão, reforçando a relação da marca com a excelência técnica, que não só desafiou as normas da indústria relojoeira, mas também estabeleceu um novo padrão para relógios de luxo.

O relógio aberto é um dos exemplares históricos expostos no museu



Ao lado, obra que remete ao coelho de Alice no País das Maravilhas no museu

Ao combinar elegância, resistência e desempenho excepcionais, o novo relógio cativou imediatamente os entusiastas em todo o mundo e consolidou a reputação da Audemars Piguet como uma das mais inovadoras e influentes.

Desde então, a marca ousa e desafia as expectativas, introduzindo uma série de outras criações revolucionárias, como o Royal Oak Offshore, uma versão mais robusta e esportiva do Royal Oak, lançada em 1993. Outras inovações incluem o uso de materiais avançados, como cerâmica e carbono forjado, e o desenvolvimento de movimentos altamente complicados, como o calibre de cronógrafo de corda automática.

Como compromisso contínuo com a preservação da arte tradicional da relojoaria, a Audemars Piguet investe em programas de treinamento e educação para garantir a continuidade das habilidades artesanais que tornaram a marca famosa. Juntos, esses elementos históricos e contemporâneos destacam a importância de Genebra e Le Brassus na história da relojoaria suíça, enquanto celebram a excelência artesanal e a inovação que tornaram a Suíça o berço da arte da relojoaria no mundo. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

P A R A Í S O

P E R D I D O

Ainda desconhecido por muitos, o imenso Arquipélago das Filipinas é um verdadeiro convite aos esportes de aventuras, especialmente o mergulho e o kitesurfe

POR KARINA OLIANI





Para mim, há alguns conceitos que definem uma viagem como sendo “memorável”. A combinação de lugares lindos, conceitos de sustentabilidade, boas companhias e aventuras que fujam do óbvio são elementos capazes de tornar qualquer experiência inesquecível.

Um lugar que reúne todos esses predicados, além de ser o destino ideal para viajar com os amigos, em casal ou em família, o Arquipélago das Filipinas conta com mais de 7 mil ilhas e muitos tesouros escondidos para quem gosta de ecoturismo. Embora não seja um destino muito procurado pelos brasileiros, seu potencial turístico para a aventura é enorme, quase inesgotável em termos de aventuras e desafios. Esse arquipélago-país do Sudeste Asiático é cercado de belíssimas praias, cachoeiras, florestas, vulcões, águas cristalinas e recifes de corais. Um paraíso em todos os sentidos da palavra.

Viajar nem sempre é simples, mas é uma fonte inesgotável de ensinamentos e descobertas. Por isso, em nossas experiências com a Epic Trips, procuramos não só roteiros que saiam do comum, mas que também estimulem a sustentabilidade e o espírito de aventura nos exploradores. Por isso, faço aqui um agradecimento especial ao grupo que viajou comigo às Filipinas: todos foram parceiros e juntos descobrimos na prática que são os caminhos difíceis e naturalmente cheios de imprevistos que levam aos lugares mais bonitos do planeta. Foi delicioso viajar na companhia de vocês!

AZUL DA COR DO MAR

O foco dessa *trip* foi o kitesurfe, mas, como as Filipinas fazem parte do Triângulo de Coral, não poderíamos deixar de fazer alguns mergulhos épicos no Pacífico Oeste. Logo no início, a primeira coisa que nos surpreendeu foi a receptividade do povo. Apesar da enorme distância, ele é muito parecido com os brasileiros, talvez pelo clima tropical, pela cultura e pelo passado colonial. Difícil acreditar, mas por lá existe até o “jeitinho filipino”, por meio do qual se acha uma solução para tudo. E foi nesse clima de irreverência que desembarcamos na Ilha de Cebu, a nossa primeira parada no arquipélago.

É incrível como o tempo passa rápido. Em 2024, completo 30 anos como mergulhadora autônoma. Desde então, já mergulhei ao lado de tubarões, crocodilos, golfinhos, tartarugas, baleias e outros animais incríveis. Mas confesso que nunca tinha visto um cardume tão impressionante como o que testemunhei nas águas de Moalboal, um lugar que só posso definir como “abençoado”. A vida marinha prospera por ali porque a região faz parte do Triângulo de Coral, uma área que concentra 75% das espécies de corais do planeta. Em um de nossos muitos mergulhos, presenciamos de perto o maior cardume de sardinhas do mundo.

Nessa região, nos hospedamos no *dive resort* Kasai Village, onde muitos operadores também estão envolvidos em esforços de conservação para proteger esse ecossistema tão vul-

Acima, chegada à Ilha de Liwagao. Na página ao lado, kitesurfe em frente à Ilha de Mindoro



nerável. Isso inclui práticas de mergulho responsável, participação em limpeza de praias e conscientização sobre a importância dos recifes.

Fiquei impressionada com o respeito pelo meio ambiente e pela qualidade dos mergulhos realizados por lá. O Kasai Village possui um centro de mergulho técnico de alto padrão e com atividades para todos os níveis, do iniciante ao profissional. Também realizei um mergulho noturno, um dos melhores que já fiz, além de um *drift diving* incrível na Ilha Pescador. Para quem não sabe, o *drift diving* é uma modalidade mais avançada de mergulho, na qual o mergulhador se deixa levar pelas correntes até encontrar o barco em outro ponto.

DE VENTO EM POPA

Passados os dias de mergulho, chegou a vez de encontrar outra maneira de me conectar com a natureza e desfrutar de toda a beleza natural das Filipinas. Turma linda, *vibe* boa, muito vento e água turquesa: era tudo que precisávamos para iniciar nossas expedições de *downwind*, uma modalidade do kitesurfe em que velejamos por vários quilômetros, sempre a favor do vento. Além de toda a adrenalina que o esporte proporciona, o *downwind* é uma prática totalmente limpa, já que percorremos grandes distâncias usando apenas a prancha, a pipa e a força do vento.

Fugiu da turística e badalada Ilha de Boracay, a mais famosa (e óbvia) para os kitesurfistas das Filipinas. Optamos pela Ilha de Mindoro, um verdadeiro paraíso perdido para essa modalidade de esporte. Ela ainda é muito preservada, um cenário de praias desertas de areias brancas, montanhas intocadas, selvas tropicais e lindas cachoeiras. Com as temperaturas da água por volta de 26 °C, muito sol e ventos constantes, fica ainda mais fácil se apaixonar pelo local.

Abundante em vida marinha, a região de Moalboal concentra 75% das espécies de corais do planeta

Acima, a praia em frente ao lodge Kitesurf Mindoro. Na página ao lado, vista panorâmica de Bulalacao





Kite nas águas
límpidas da Ilha
de Suguiçay

A região é propícia à prática de *downwind*, modalidade do kitesurfe em que se veleja sempre a favor do vento

Com o apoio da agência Kitesurf Mindoro, o nosso primeiro *downwind* contou com ótimas condições: um dia inteiro de Buktot para a Ilha de Suguiçay e de lá para o nosso *lodge*. O lugar oferece a sensação de total exclusividade, já que a região não é nada explorada pelos turistas. Também foi muito legal ver como a Kitesurf Mindoro está engajada em ajudar a comunidade. Além de só empregarem pessoas locais, eles oferecem cursos de capacitação em várias áreas e com isso mudam a vida de muitos filipinos.

No dia seguinte, o *downwind* passou por Liwagao, onde tivemos a linda surpresa de ouvir dezenas de crianças Filipinas cantando e dançando – foi emocionante. Na sequência, seguimos velejando para Nagubat, duas ilhas quase selvagens, sem eletricidade e água encanada, onde se destaca uma enorme lagoa de água rasa. Nagubat é uma atração à parte, com suas palmeiras e apenas um homem e três cachorros morando por lá. E nós éramos os únicos visitantes.

Nosso último *downwind* foi contornando a Ilha de Maasin, um velejo mais desafiador, com direito a assistir ao nascer da lua cheia ainda no mar. Na chegada, fomos recebidos ao melhor estilo filipino: luau, fogueira, música boa e um churrasco com comidas típicas, como o peixe na folha de bananeira, ritual que nos fez recuperar as energias rapidamente. Nossos *downwinds* saíram melhores do que o esperado e com certeza Mindoro é um lugar que estará em breve no mapa dos destinos sustentáveis ao redor do mundo para as *kitetrips*.

Ao final desses dias sob e sobre o mar mágico e cristalino das Filipinas, fica o gosto de quero mais.



AMANPULO

Na ilha de Pamalican, um enclave rodeado por praias de areia branquíssima e banhado pelo mar azul-turquesa povoado por recifes de coral e diversa vida marinha, o Amanpulo é um daqueles lugares que se pode, sem sombra de dúvida, chamar de paraíso. A proposta do luxo rústico é levada às últimas consequências na hospedagem, que pode acontecer nas *casitas* - versões modernas das tradicionais casas filipinas - ou em espaçosas vilas. Todos os hóspedes contam com um buggy à disposição para explorar a ilha. Os restaurantes do hotel, de cozinha filipina e de frutos do mar, honram a tradição do grupo Aman no compromisso com a sustentabilidade e o bem-estar, utilizando ingredientes provenientes da horta orgânica do hotel e de pescadores locais.



Acima, em sentido horário, vista aérea do resort Kitesurf Mindoro, mergulho em frente ao The Kasai Village, na Ilha de Cebu, e a Big Lagoon, em El Nido

Acima, vista da Ilha Pamalican, onde fica o Amanpulo, e uma das vilas do hotel

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



BEM-ESTAR

Just Being

A experiência de bem-estar no Six Senses Vana, no sopé dos Himalaias indianos, é um mergulho profundo no momento presente, em uma jornada de introspecção e renovação para a mente e o corpo. Acompanhe o diário de uma vivência transformadora em um dos mais respeitados refúgios de wellness do mundo

POR CORINNA SAGESSER





Após uma longa viagem pela Índia, conhecendo o Golden Triangle (como é chamado o circuito que conecta Délhi, Agra e Jaipur), entre muitas caminhadas por palácios e templos grandiosos, além de outras tantas viagens de carro, trem e avião, era chegada a hora de simplesmente descansar o corpo e a mente.

Minha viagem terminaria no norte do país, na região montanhosa de Dehradun, no sopé do Himalaia, passando alguns dias no Six Senses Vana. A partir do aeroporto Jolly Grant, o trajeto cênico de uma hora até o hotel me fez percorrer uma sequência de vales, com vistas que alcançavam, de longe, o sagrado Rio Ganges.

“Just being” foi a saudação de boas-vindas que ouvi assim que cheguei. “Apenas seja” é o significado da expressão. É uma forma de encorajar os hóspedes (aqui chamados de *vanavasis*) a deixar de lado as preocupações externas durante a estadia e se envolver plenamente com a experiência ali dentro, focada na introspecção – o que pode ser desafiador. Ao mesmo tempo, nenhuma frase teria soado melhor aos ouvidos de uma hóspede como eu, fanática por massagens e tratamentos, do tipo que,

assim que chega ao hotel, quer logo saber onde fica o spa. Ali descobri mais do que isso: encontrei um verdadeiro santuário de bem-estar.

PROCOLOS DE PAZ

A estrutura do Six Senses Vana impressiona, com quatro centros de tratamento (um deles de medicina tibetana, com profissionais formados pelo Instituto de Medicina e Astrologia, fundado em 1916 pelo 13º Dalai-lama), e uma atenção meticulosa aos detalhes. Durante minha chegada, por exemplo, fui informada de que o uso do celular seria restrito ao quarto, para não incomodar os outros hóspedes. Outra recomendação: não fotografar as áreas comuns. Também recebi um traje de algodão orgânico para usar durante toda a estadia – uma calça clássica indiana confortável, com cintura de elástico, e uma bata por cima, de toque macio, que eles chamam de *kurta*. Achei incrível a sugestão, porque nos livra da preocupação sobre o que vestir durante o dia e a noite – seu uso é também uma marca de igualdade entre os *vanavasis*. Além disso, pude escolher o travesseiro para as minhas noites no hotel, em um menu que incluía tecidos como seda e algodão,

Localizado no sopé dos Himalaias, o Six Senses Vana é cercado por belas florestas e colinas



em diferentes espessuras e densidades, considerando inclusive a posição ao dormir. Fiz minha escolha, coroada com o aroma de lavanda. Ao ser envolvida por tantos cuidados, percebi que abandonar as preocupações do mundo exterior poderia ser mais fácil e rápido do que eu imaginava. Eu simplesmente não via a hora de mergulhar em tantos espaços para meditação, terapias, reflexão e contemplação.

IMERSÃO NA NATUREZA

A conexão com o ambiente natural é parte essencial da experiência. Por isso, a localização do Six Senses Vana é tão inspiradora quanto seus tratamentos: o hotel fica numa reserva de 85 mil metros quadrados. É um mundo à parte, no meio de uma imensa floresta, onde os únicos sons audíveis são os dos pássaros, dos macacos e da natureza. O clima temperado é outra grande vantagem da localização, longe das temperaturas de verão avassaladoras no norte indiano. Apesar de minha estadia ter acontecido justamente nessa estação, encontrei um clima agradável, com dias mais longos e temperaturas entre 15 e 25 °C. No inverno, a média costuma oscilar entre 5 e 22 °C.

Também me chamou a atenção o projeto arquitetônico, do escritório espanhol Esteva i Esteva. É perceptível a preocupação em retratar a sensação de harmonia e paz, com linhas minimalistas e cores claras. A sustentabilidade é outro destaque: está presente desde os materiais usados na construção e na manutenção do hotel, com a ausência total do uso de plásticos, até o foco nos alimentos orgânicos, que vêm da horta local e de fornecedores próximos.

Minha primeira experiência foi uma consulta com um médico ayur-

Envolvida por tantos cuidados, foi fácil abandonar as preocupações com o mundo exterior

Acima, o Cinema Paradiso, onde acontecem sessões de filmes ao ar livre todas as noites. Na página ao lado, músico toca *sitar*, instrumento símbolo musical da Índia, e detalhe da gastronomia do restaurante Anayu, de culinária ayurvédica



veda, com quem descobri meu *dosha* predominante: Pitta, que combina fogo e água, responsável por processos como a digestão e a absorção de nutrientes. Os *doshas* são três energias fundamentais (os outros dois são Vata e Kapha), que, segundo o ayurveda, regulam as características físicas, emocionais e mentais de um indivíduo.

Com ele, também revi meu histórico de saúde. A partir dessa consulta, recebi todas as recomendações de tratamentos que deveria fazer. Assim começaram meus dias de puro relaxamento e introspecção no hotel.

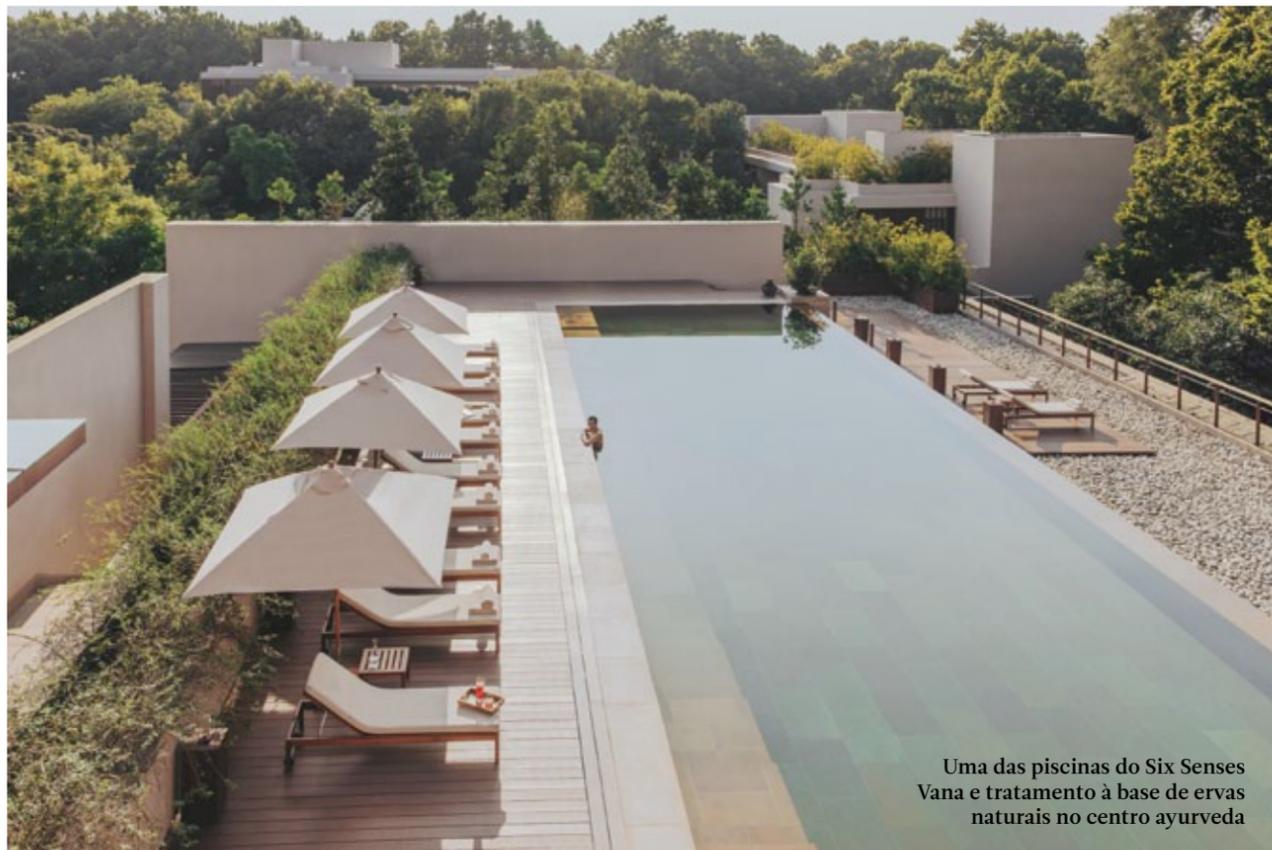
DESPERTAR DOS SENTIDOS

O primeiro tratamento aconteceu já no dia da minha chegada: uma massagem Hor Gyi Metsa, feita com óleo aquecido, à base de ervas naturais e sementes como gergelim, noz-moscada e cominho, o que me fez dormir como há tempo não acontecia, para acordar revigorada, pronta para os exercícios de alongamento com técnicas de ioga, a *Yogayam*. Fiquei sob os cuidados de uma terapeuta, que conseguiu destravar vários pontos de tensão e me fez sair da sessão com a sensação absoluta de bem-estar.

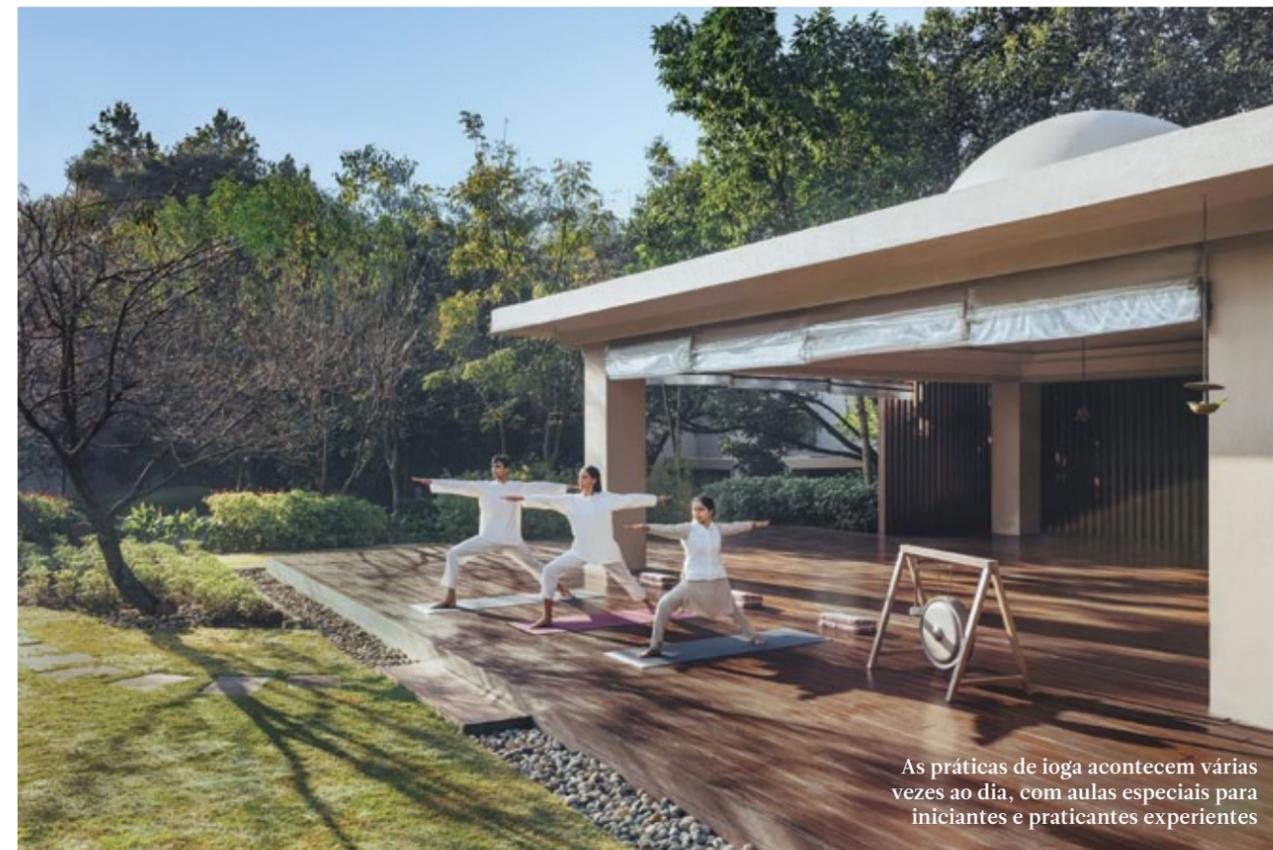
Na sequência, passei por vários tratamentos, incluindo outra massagem ayurvédica, a *Abhyanga*, conduzida por dois terapeutas simultaneamente. Eles usaram diferentes óleos medicinais envoltos numa trouxinha, fazendo movimentos focados nos pontos de tensão do meu corpo. Por último, uma massagem facial, a *Sooth & Enrich*, anti-idade, para hidratar e restaurar o rosto.

Terminei o dia com um jantar delicioso à luz de





Uma das piscinas do Six Senses Vana e tratamento à base de ervas naturais no centro ayurveda



As práticas de ioga acontecem várias vezes ao dia, com aulas especiais para iniciantes e praticantes experientes

velas, seguido por minutos de meditação na varanda do meu quarto, sob um silêncio delicioso. E pronta para mais uma noite de sono tranquilo.

RELAXAMENTO PROFUNDO

Explorar os quatro pilares do Six Senses Vana – sabedoria, bem-estar, conexão e muito aprendizado – foi parte fundamental da minha jornada. Cada atividade realizada no segundo dia refletiu esses prin-

cípios de formas diferentes. A manhã teve um lindo céu azul, ideal para caminhar na mais pura conexão com a natureza, trazendo em seguida experiências diversas das do dia anterior. Após um café da manhã com frutas e sementes da região, fui até o Aqua Fitness para o meu primeiro tratamento na água, o Watsu. Caí nos braços de uma terapeuta indiana que me fez flutuar na piscina, com água na temperatura do meu corpo, alongando meus braços e pernas com movimentos suaves. Em algum momento, a sensação de relaxamento foi tão intensa que a impressão foi a de ter ido parar em outra dimensão e só retornei quando o sino tibetano me despertou, me chamando de volta para o planeta. Foi uma experiência sensacional e inesquecível.

A prática seguinte foi uma meditação guiada, a Madhyan Dhyan Sound Healing, em que sons das tigelas tibetanas me levaram a um estado de relaxamento profundo. Nesse segundo dia, também pude entender *in loco* o porquê de a alimentação ser um dos pontos fortes do Six Senses Vana, ao participar de uma aula de culinária no hotel, em que aprendi a fazer um risoto de couve-flor e brócolis preparado unicamente com ingredientes orgânicos, locais e sustentáveis. Na Índia, a comida é entendida como uma oferta ao divino.

Seguindo a filosofia de que “menos é mais”, os

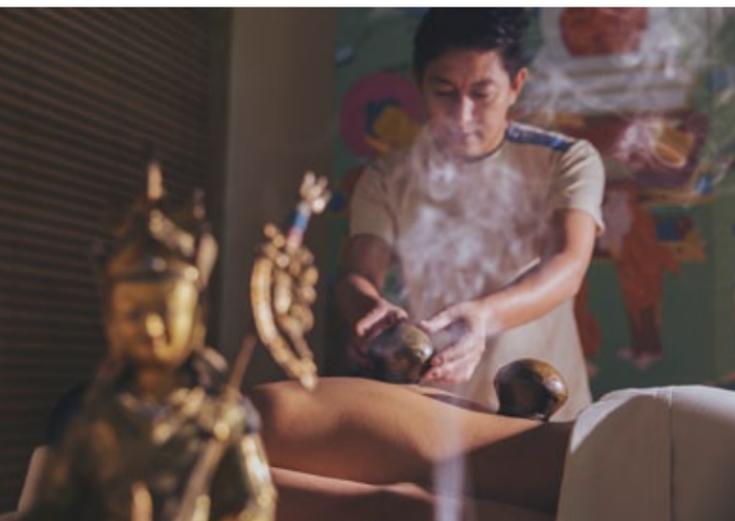
pratos, salgados e doces, são ao mesmo tempo descomplicados e lindamente apresentados, com *curries* perfumados, sem ser excessivamente temperados, servidos em bufê no almoço e *à la carte* no jantar. E tudo é feito com ingredientes da estação, o que garante os nutrientes e o sabor necessários para alimentar e curar. Nesse dia, almocei no Anayu, um dos restaurantes do hotel, com pratos baseados no ayurveda e em sua tradição de mais de 4 mil anos. O menu era especial para o meu *dosha*, Pitta: leve, natural e com um sabor incrível. O outro restaurante, o Salana, tem cardápio inspirado em diferentes culturas, com base na alimentação orgânica e natural. Os menus são democráticos, com todas as informações nutricionais sobre os pratos e opções antialérgicas, vegetarianas e veganas, além de peixes e aves de origem sustentável.

Satisfeita, segui feliz e serena para receber mais um tratamento facial, o Wild Kashmir, que restaura a vitalidade da pele do rosto com óleos à base de rosas e ervas vindas das montanhas do Himalaia. Para terminar o dia, além da prática de ioga, tive um jantar delicioso, finalizado com uma xícara reconfortante de chá com especiarias, para mais uma noite de sono maravilhosa. No quarto, há ainda biscoitos e barras deliciosos, preparados no próprio hotel com cereais orgânicos, acompanhados de sucos naturais.

RESPIRAÇÃO CONSCIENTE

Acordei envolta por uma serenidade renovada, pronta para meu último dia naquele santuário de bem-estar. Dessa vez, a meditação aconteceu numa caverna iluminada com velas, onde a prática Madhyan Dhyan Yoga Trataka foi de atenção à respiração. Refleti sobre como negligenciamos esse aspecto vital em nosso dia a dia – dentro do ayurveda, respirar corretamente é essencial para a manutenção do *prana* (a energia vital), porque ajuda a equilibrar os *doshas* e promove uma saúde física e mental harmoniosa. O passo seguinte foi outra massagem, a última, Kunye and Dhugs, conduzida por uma terapeuta tibetana, novamente utilizando trouxinhas recheadas com ervas medicinais e óleo aquecido.

Mesmo com todos os procedimentos terapêuticos e massagens a que fui submetida, posso dizer que quatro dias não foram suficientes para aproveitar tudo o que o hotel oferece em termos de tratamentos e atividades. Eu poderia ter ficado mais algumas semanas por lá, passando por outros tipos de terapia, ioga e meditação. Sem contar as aulas de cerâmica, de produção artesanal de cremes e xampus orgânicos e de velas naturais, além de piscinas, cinema ao ar livre, academia de ginástica, quadras e campos para remo, badminton, tênis e das imersões musicais. Há também os passeios: dali é possível





Em sentido horário, suite em meio à floresta, o centro de terapias ayurveda e uma das salas de meditação. Na página ao lado, o Rio Ganges, avistado no caminho que leva ao hotel, e o Watsu, um tratamento feito na água

partir em diferentes trilhas de *trekking* pela região, assim como seguir de carro, em uma programação do próprio hotel, até Rishikesh (a capital mundial da ioga, um lugar sagrado às margens do Rio Ganges), fazer visitas a templos milenares, ao santuário de elefantes e ao Parque Nacional de Rajaji, que abriga tigres, leopardos, elefantes e cervos.

A convicção que eu trouxe é a de que os dias que passei ali me fizeram muito bem. Foi uma combinação de equilíbrio, aprendizado e serenidade, proveniente de vivências profundas e intensas. O estado ideal para terminar uma viagem inesquecível, em que também fiz novas e queridas amizades, como Rajiv e Rashna, da agência 3E Holidays, que me levaram a conhecer um país mágico, repleto de sabedoria e histórias. Além da decisão de incorporar novos hábitos à minha rotina, ficou também a certeza de que ano que vem retornarei para mais um capítulo dessa jornada, com novas descobertas e experiências na mais pura forma de existir: “just being”. 📍

3eholidays.ae



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



Destinos no Mediterrâneo para ter orgulho

Lugares para a comunidade LGBTQIAPN+ aproveitar o verão europeu e celebrar a diversidade

POR JULIANA AFFONSO

Em junho, começa o verão no Hemisfério Norte. É tempo de sonhar com drinques refrescantes em uma praia de areia fina e mar azul-turquesa. Para os membros da comunidade LGBTQIAPN+, encontrar o destino ideal pode não ser tão simples, mas, com o avanço da luta por igualdade e inclusão, muitos locais têm se preparado para acolher a diversidade sexual e de identidade de gênero. E essa abertura se manifesta com ainda mais força durante as festividades que celebram o Orgulho LGBTQ+. Aqui você encontra alguns dos melhores destinos no Mediterrâneo para aproveitar a temporada e ostentar o orgulho de ser quem se é.

Acima, o clima festivo nas cores do arco-íris da comuna de Bosa, na Sicília



De cima para baixo, vista sobre a linda praia de Ghajn Tuffieha, em Malta, o porto de Molyvos, na Ilha de Lesbos, na Grécia, e estátua da poetisa Safo, na mesma ilha

MALTA: esse arquipélago, encravado no Mediterrâneo, possui a legislação mais avançada em relação aos direitos LGBTQ+ entre os países europeus, ocupando o primeiro lugar da Rainbow Index da ILGA-Europe. Malta possui um litoral de encher os olhos, e as praias mais frequentadas pela comunidade *queer*: as vizinhas Riviera Bay, Gnejna Bay e Golden Bay. Para conhecer a cultura local e sua arquitetura milenar é só buscar a Queer Tours Malta. A cena noturna é forte na capital, Valletta, e na cidade de Saint Julian's, onde está a boêmia Paceville, com bares e *nightclubs* para todos os gostos.

MYKONOS, GRÉCIA: famosa por estar sempre em clima de festa, em agosto a ilha recebe o XLSIOR, um dos maiores festivais LGBTQ+ de música do mundo. Entre as praias frequentadas pela comunidade *queer* estão Elia, Agrari e Super Paradise, todas com *beach clubs* com estrutura completa. Enquanto Mykonos é um destino certo para homens gays, em uma ilha não muito distante está um dos únicos vilarejos lésbicos do mundo: Skala Eressos, em Lesbos, terra da poetisa Safo, que escreveu sobre seu amor por mulheres entre 630 a.C. e 570 a.C. O local é a sede do International Eressos Women's Festival, que acontece em setembro. E, sim, Lesbos é o lar da palavra "lésbica" (que é também o gentílico das pessoas que nascem na ilha).



BARCELONA E ILHAS BALEARES, ESPANHA: diversa, inclusiva, vibrante. Não é por acaso que Barcelona é um dos destinos mais acolhedores do mundo para a população LGBTQ+. Ao longo de seus quase 5 km de praias está Mar Bella, a mais popular entre a comunidade *queer*. O fervor é no bairro Eixample, apelidado de Gayxample pela quantidade de lojas, saunas e bares. Barcelona é anfitriã do maior festival LGBTQ+ do mundo, o Circuit Festival, que atrai 60 mil pessoas por ano. Já na Ilha de Maiorca, é a variedade de cenários que chama a atenção: é possível ir da capital, Palma, aos vilarejos da Serra de Tramuntana em menos de uma hora. Em agosto, acontece o Festival Internacional ELLA, com atividades para mulheres lésbicas, transgênero e não binárias. Sua irmã, Menorca, é de uma natureza exuberante! Entre as praias preferidas do público LGBTQ+ estão Son Bou e Macarelleta – provando que as Ilhas Baleares têm mesmo um dos mares mais azuis do Mediterrâneo.

SARDENHA, ITÁLIA: cada letra que compõe a sigla LGBTQIAPN+ tem seu lugar ao sol na deslumbrante Sardenha. Basta ver a diversidade dos eventos que acontecem no verão, como o Rainbook, um festival de literatura *queer*, o LesBeach, para mulheres lésbicas, o Sardegna Bear Weekend, para homens gays que se denominam ursos, e, claro, a Salento Pride. O viajante encontra tudo mastigado no Sardinia Friendly, portal que reúne atrações e estabelecimentos comprometidos com o acolhimento do público LGBTQ+. Tudo isso cercado por praias de areia branca e água transparente.



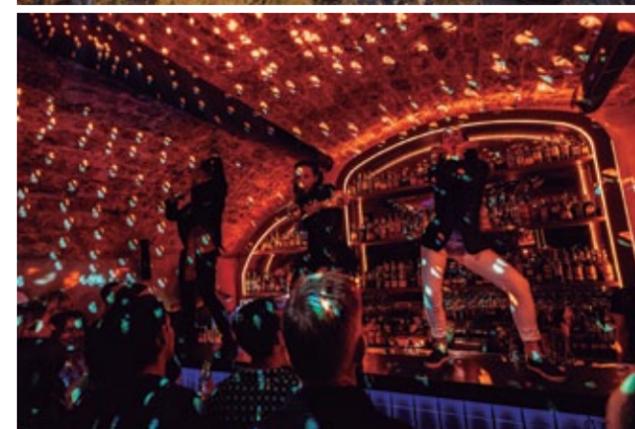
Em sentido horário, a orla de Barcelona, a beleza de Cala Macarella, em Menorca, o agito do Circuit Festival e o Rainbook, festival de literatura *queer* na Sardenha



Acima, sala do Love Stories Museum, em Dubrovnik. Ao lado, passeio de bike às margens do Lago Ohrid, na Macedônia do Norte, e a noite animada do Milk, primeiro bar gay da Croácia



DUBROVNIK, CROÁCIA: “A pérola do Adriático”. Assim é conhecida Dubrovnik, a mais bonita das cidades croatas – e a mais acolhedora para a população LGBTQ+ no país. Ao caminhar pela cidade, vale visitar o Love Stories Museum, com itens de todos os tipos de histórias de amor. À noite, tem-se um encontro marcado no Milk, o primeiro bar oficialmente gay do país. A dez minutos de barco está a Ilha de Lokrum, uma reserva natural conhecida por ter a melhor praia *gay-friendly* nua da Croácia.



MACEDÔNIA DO NORTE: um sopro de novidade no continente europeu. Esse é o anseio de viajantes que embarcam rumo à Macedônia do Norte – mesmo cientes da falta de uma cena LGBTQ+ expressiva. A capital, Escópia, esbanja história, com monumentos que remontam à era bizantina. A zona boêmia está no bairro Debar Maalo, com restaurantes, bares e *nightclubs*. Já a cidade de Ohrid, banhada pelo lago de mesmo nome, é a queridinha do verão, com suas praias de águas doces e cristalinas. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



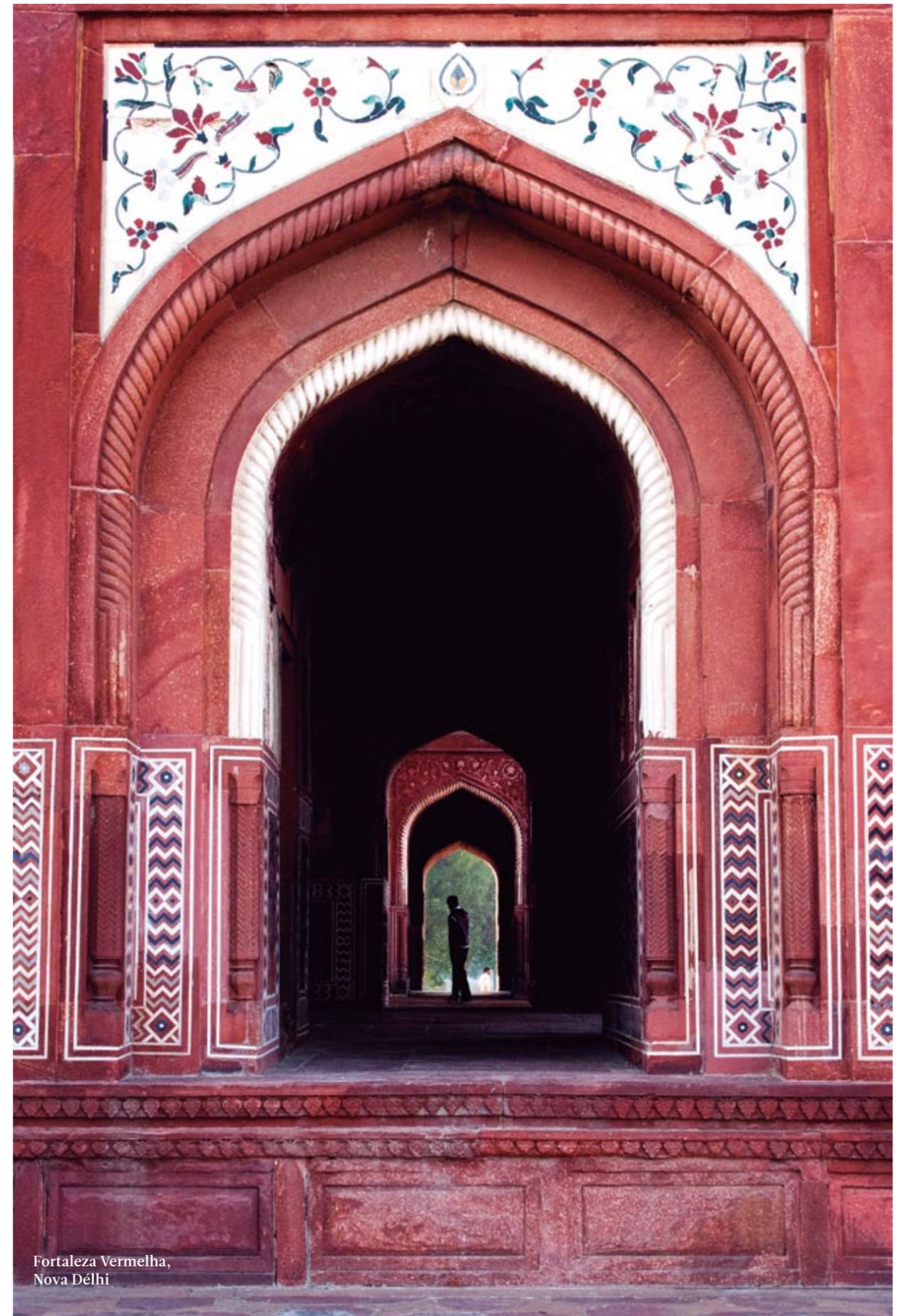
Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ENSAIO

Olhar Colorido

*A beleza original e milenar da Índia visitada
pelas lentes de Fernanda Carvalho*

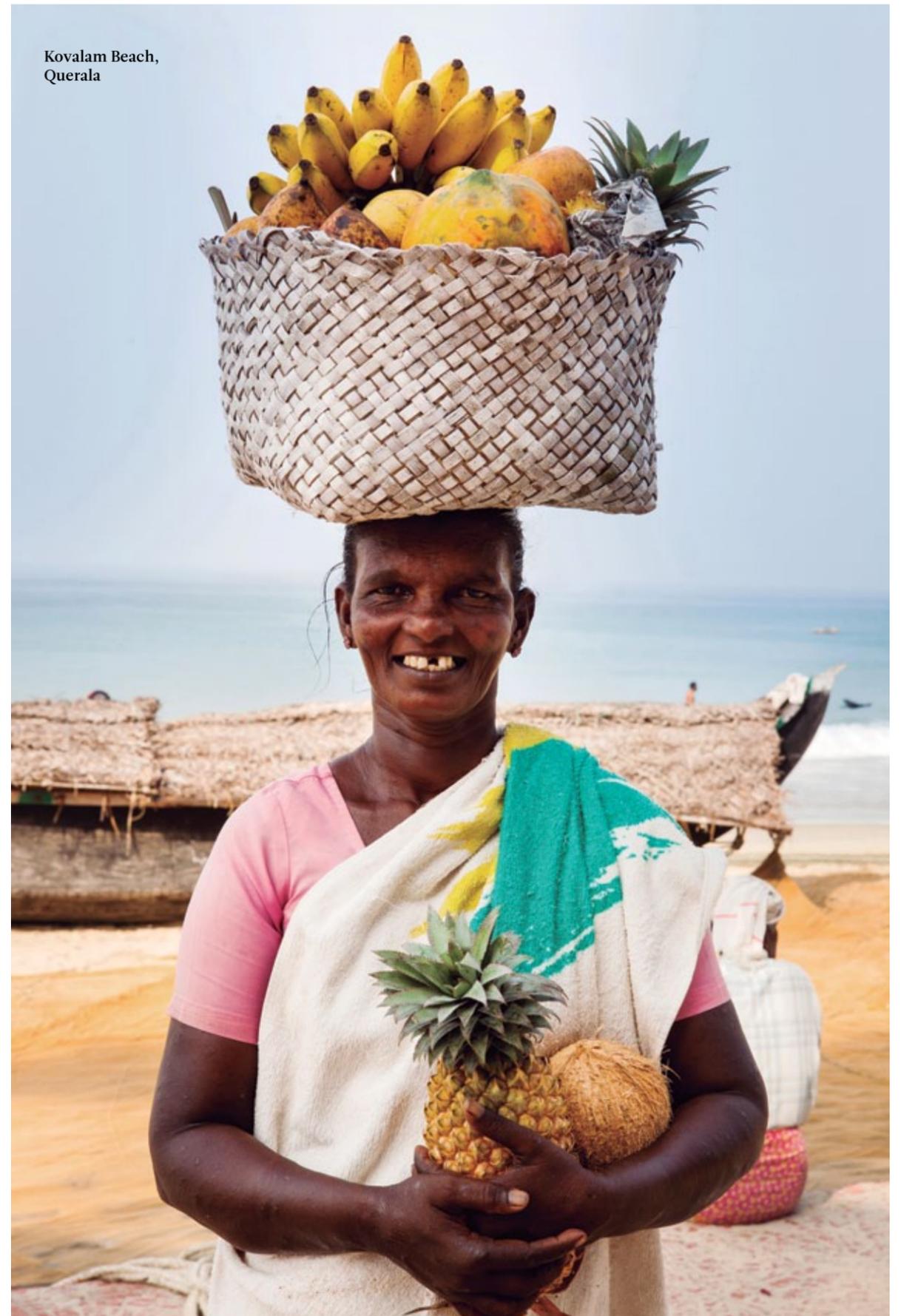


Fortaleza Vermelha,
Nova Délhi

Palácio em Jaipur,
Rajastão



Kovalam Beach,
Querala

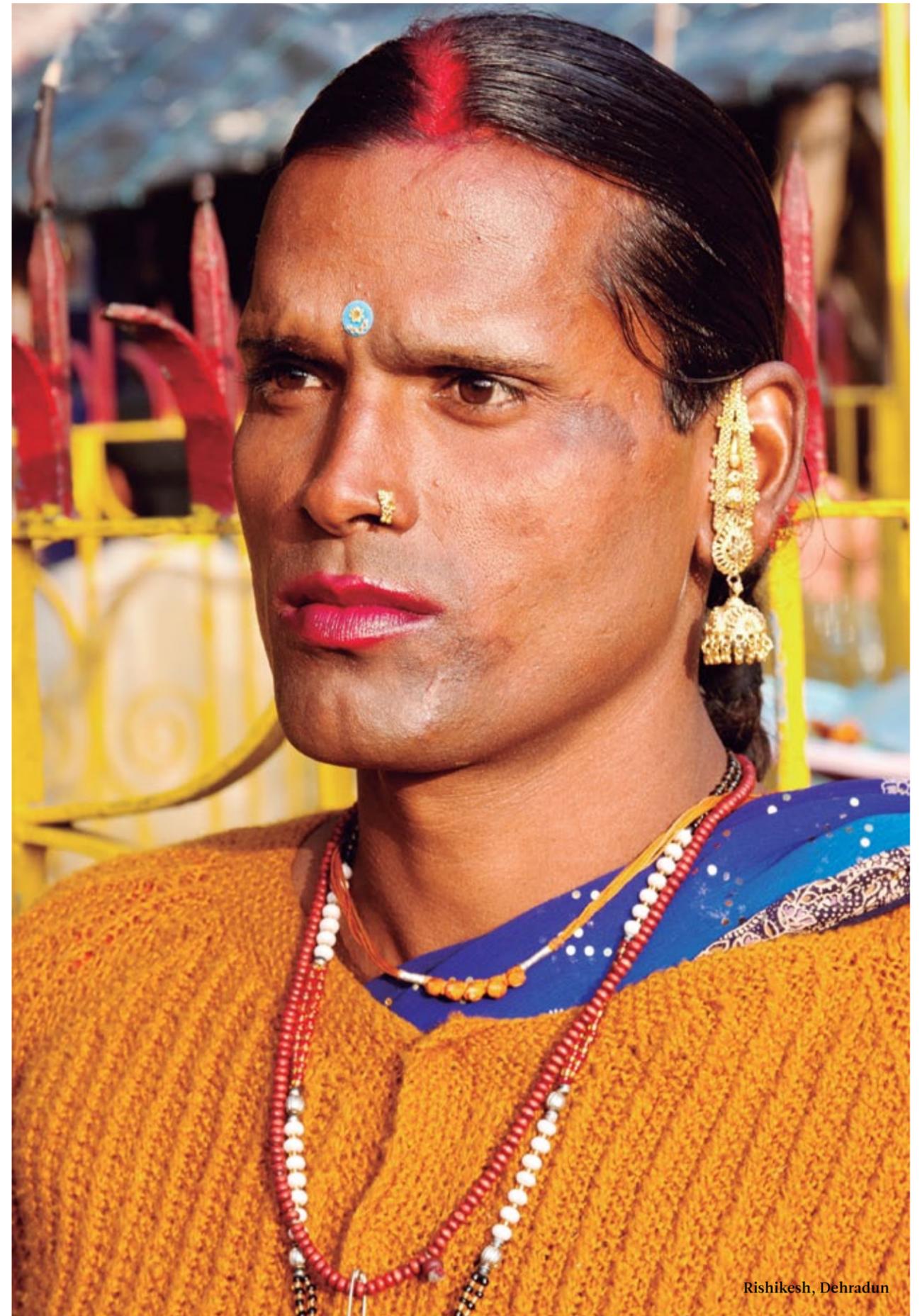




Jaipur, Rajastão

O mundo visto pelo visor de uma câmera transformou para sempre o olhar de Fernanda Carvalho. Ela ainda era criança quando visualizou as primeiras imagens pelas lentes de uma máquina fotográfica de plástico e rolo de filme. Esse momento moldou o que ela chama de “olhar fotográfico”.

Em 1997, ela decidiu incursionar pela profissão. Fez um curso na Escola Panamericana de Artes e logo começou a trabalhar com um fotógrafo, como assistente. “Comecei estagiando e fui ganhando bagagem e apurando o meu olhar.” Alguns anos depois, abriu seu próprio estúdio, onde conseguiu incluir trabalhos autorais. “Viajar sempre foi muito importante porque nos coloca diante de novas formas, cores, pessoas e culturas”, explica ela, que tem seu trabalho inspirado pela geometria e pelo grafismo. “As formas me atraem, assim como as cores. As portas da Índia, publicadas neste ensaio, são um bom exemplo”, diz. “Não existe nenhum lugar no mundo como a Índia, com sua gente, os cheiros, as comidas, as cores. Tudo me inspira.” 📍



Rishikesh, Dehradun

GASTRONOMIA

France au Fromage

*Motivo de grande orgulho e onipresente à mesa,
o queijo é uma paixão nacional na França.
O mais famoso deles, o brie, é produzido pertinho
de Paris, onde a nova tendência é, claro,
fazer tours queijeiros pela cidade*

POR NATHALIA HEIN



Alvo de constante cobiça – e água na boca –, a gastronomia francesa é celebrada em suas mais diversas referências, sejam elas baseadas no famoso foie-gras da região do Perigord, na succulenta receita do Boeuf Bourguignon da Borgonha ou na delicadeza do Bouillabaisse da Provença. A cozinha francesa é diversa, multicultural e cada dia mais afeita a influências estrangeiras. Um ingrediente, no entanto, é comum a todas elas, indispensável do início ao fim do serviço de qualquer refeição e parte fundamental da tradição gastronômica francesa: o queijo. Onipresente à mesa dos franceses, ele aparece em todas as etapas, desde o aperitivo, quando, em geral, é apreciado com pão e harmonizado com vinho branco ou espumante. Depois, pode ser o acompanhamento de um primeiro ou segundo prato, o ingrediente de um molho, por exemplo, ou por fim estar em uma tábua, que encerra a refeição. Sem queijo, não tem graça.

Para entender um pouco mais essa essa paixão nacional, viajei para a região de Brie, em Île-de-France, a pouco mais de 40 minutos de Paris. Obviamente famosa pela produção do queijo francês mais popular do mundo, ao lado do camembert, seu primo-irmão, Brie é bucólica e simpática. A proposta do roteiro, feita pela CNIEL (Centre National Interprofessionnel de l'Économie Laitière, a associação dos produtores de queijos da França), era justamente apresentar uma experiência completa, “*de la ferme à la table*”, ou “da fazenda à mesa”, cobrindo todo o processo de produção do queijo brie, o símbolo incontestável do mais famoso acepipe francês.

BRILHO NOS OLHOS

A zona rural é povoada por imensas áreas de pastos verdes, fazendas e cidadezinhas que vivem à base da agricultura, especialmente a leiteira. Sobre a produção do queijo

A simpática Coulumiers é morada de queijarias incríveis e está na disputa pela própria AOC há 15 anos





brie “original”, é importante saber que há apenas dois tipos com AOP (*appellation d’origine protégée*, ou denominação de origem controlada), o brie de Meaux e o de Melun, ambos, claro, produzidos nessa região. A certificação atende a uma série de requisitos ultra rígidos de manufatura e qualidade, incluindo o *terroir* (o fator essencial da produção), a raça das vacas, o tratamento adequado dos animais e o uso do leite fresco (cru) para a produção, o que garante sabor e cremosidade especiais aos queijos.

Ao percorrer a Ferme de Moneuse, uma das fazendas certificadas, e depois visitar a Fromagerie Ganot, uma queijaria com 130 anos de tradição, ficou bem claro que a relação entre o produtor e o produto vai muito além de um simples negócio quando o assunto é queijo. Há paixão, segredos passados de geração em geração e brilho nos olhos, desde o tratamento das vacas pelo nome até o “carinho” diário que Isabelle Hedin, proprietária da Ganot, faz para checar a consistência de cada um dos queijos que estão em maturação.

Dali, em alguns minutos, chegamos à simpática Coulummiers, cujo brie também é famoso e está na disputa pelo reconhecimento de sua AOC há 15 anos. As diferenças entre eles são sutis. Em comum, claro, o fato de serem queijos de massa mole e de “casca florida”, nome que se dá ao aspecto aveludado e esbranquiçado que se forma em volta do brie pela ação do fungo comestível *Penicillium camemberti* (sim, o mesmo bolor responsável pelo camembert, que só difere do brie pela região em que é produzido, a Normandia, por seu tamanho e pelo tempo de fermentação).

A pequena Coulummiers é repleta de queijarias e seu passeio principal conta com um mercado semanal, uma espécie de feira coberta,

onde é possível encontrar uma enorme variedade de queijos, além de frutas, compotas, escargôs e outros acepipes da gastronomia local. O orgulho dos feitos queijeiros na região é tamanho que a Confraria do Brie de Coulummiers vai inaugurar, em 2025, um espaço cultural dedicado às artes e ao brie: a Maison des Arts et du Brie.

A GRANDE FESTA DO QUEIJO

De volta a Paris, após dois dias bem rurais, uma nova imersão no universo queijeiro me faria realmente ficar impressionada. Ao visitar o Salon du Fromage, uma espécie de feira dentro do Salon International de l’Agriculture, o maior evento agrícola da Europa, que acontece bianualmente, foi possível entender o tamanho do mercado queijeiro do país. São 1,2 mil tipos de queijos franceses catalogados e 46 AOPs concedidas.

No salão, claro, havia os produtores “gigantes”, caso de marcas como Isigny Sainte-Mère, um famoso produtor de diversos tipos de queijos, que podem, inclusive, ser encontrados no Brasil (é o caso de seu brie). A diferença, no entanto, lhe custa a AOC (assim como a todos os outros exportadores): apenas queijos feitos com leite pasteurizado podem entrar no Brasil (e na maioria dos países), o que, claro, não desmerece a qualidade do brie (o original: produzido na França, e na região determinada).

TOUR DU FROMAGE

Como as tradições são levadas a sério pelos franceses, nada mais justo do que celebrar seu maior símbolo gastronômico com uma cena toda voltada para ele. Em Paris, é possível dedicar seu tempo apenas ao

A produção do brie envolve paixão, segredos passados de geração em geração e a dedicação artesanal de cada produtor

Acima, seleção de diversas variedades de brie de uma vitrine em Coulummiers. Na página ao lado, a entrada, a sala de maturação e um dos queijeiros em ação na Fromagerie Ganot



Acima, banca do Coulummiers Marche, mercado semanal da cidadezinha, e uma das queijarias de Laurent Dubois

queijo, entrando e saindo de queijarias, uma mais linda e repleta de delícias que a outra. Caso da Fromagerie Grifon, uma butique aberta há dez anos e que ostenta mais de 250 variedades (ela fica entre Les Invalides e a Torre Eiffel), ou uma das badaladas filiais do premiado mestre queijeiro Laurent Dubois – incluindo uma na Galerie Printemps e outra no Boulevard Saint-Germain, onde também está a moderninha COW (Cheese of the World).

A cada incursão, uma nova explosão de sabores. Embora sejam os mais famosos mundialmente, nem só de brie e camembert vivem os franceses, e maravilhas com sabores pronunciados e texturas marcantes, como o comté, o roquefort e o chabichou, só para mencionar alguns (são 1,2 mil, lembra?), estão sempre frescos para serem degustados nessas lojas.

Se a ideia é ir atrás do conceito de *la ferme à la table* na Cidade Luz, há diversas opções, como o descolado La Grande Crèmerie, com um cardápio voltado apenas para vinhos naturais e biodinâmicos, embutidos e queijos. Tudo muito fresco e orgânico, recebido diariamente de produtores independentes dos arredores da cidade.

A grande moda para celebrar o queijo são mesmo os chamados *bar à fromage*, que tomaram conta



Protagonistas à mesa dos franceses, o país tem 1,2 mil tipos de queijos catalogados e 46 AOPs (Apelação de Origem Protegida) concedidas

Ao lado, o famoso brie de Coulummiers. Abaixo, as vinhas da Vigne Envie, que produz vinhos naturais e biodinâmicos na região de Brie





da capital francesa e têm, é claro, os queijos nacionais como protagonistas do cardápio – sempre acompanhados de uma ótima carta de vinhos. Vale lembrar que os vinhos são considerados a companhia indispensável para o acepipe. No Formaticus, um bar de queijos derivado da lendária Fromagerie Lincet, há mais de 80 tipos, que podem ser apreciados em um ambiente charmoso e acolhedor e harmonizados com charcutarias e rótulos selecionados. Intimista, o La Vache dans les Vignes é perfeito para pedir uma tábua variada de lácteos e saborear entre amigos. Na famosa região do SoPi (South Pigalle), o Pigalle Fromage Club atrai pela novidade de combinar queijos com saquês – uma composição inusitada, que pode surpreender o paladar. Mas quem se importa? Na França, os queijos cabem em qualquer ocasião e vão bem com qualquer acompanhamento e companhia. 📍

Acima, o premiado mestre queijeiro Laurent Dubois. Ao lado e na outra página, uma de suas queijarias em Paris, que podem ter mais de 250 variedades de queijos



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

VWL



VISA Infinite

VIAJE COM VISA INFINITE

Descubra Paris com os benefícios do cartão para quem ama viajar.

- Acesso a Salas VIP em aeroportos pelo mundo.
- Seguro para Emergência Médica Internacional.
- Proteção para as suas compras em Paris e outros destinos.
- Acesso expresso ao raio X no Aeroporto Internacional de São Paulo com o Visa Infinite Fast Pass.

Conheça esses e outros benefícios:



A Visa não é provedora de seguros. Seguros oferecidos pela AIG Seguros do Brasil S.A. Consulte Termos e Condições em: www.visa.com.br/viajecomvisa

O MUNDO É INFINITE. DESCUBRA O SEU

AVENTURA

VIAJEM ÉPICA

*Ao desbravar mares e destinos remotos com elegância,
a Swan Hellenic redefine as grandes jornadas marítimas
em aventuras recheadas de exploração pelo mundo*

POR JULIANA A. SAAD



Em uma jornada de 31 dias, embarquei no navio *SH Diana*, partindo de Limassol, em Chipre, explorando o Mediterrâneo, o Mar Vermelho e o Oceano Índico, com paradas em destinos como Egito, Jordânia, Djibuti, Seychelles e Socotra, no Iêmen – o *SH Diana* foi, aliás, o primeiro navio de expedição a aportar nesse remoto arquipélago, tornando a viagem ainda mais especial. Lançada ao mar em maio de 2023, a embarcação tem capacidade para 192 hóspedes, em 96 espaçosas cabines e suítes. A dedicada equipe proporcionou um serviço personalizado, em um ambiente elegante e acolhedor, com instalações como sauna panorâmica, piscina, jacuzzi, spa, academia e *lounges* para palestras e relaxamento. A experiência gastronômica foi excelente, com dois restaurantes oferecendo uma variedade de pratos e uma seleção de vinhos cuidadosamente escolhida. Com todas essas comodidades e uma equipe excepcional, o *SH Diana* foi nossa nave-mãe, um porto seguro na exploração dos mares do mundo. Eu, que nunca fui superfã de navios, adorei a experiência. Viajar é sempre uma nova chance de conhecer, vivenciar – aprender e respeitar as diferentes culturas – e entender as pessoas e lugares do caminho.

EGITO – TOMB RIDER FEELINGS

De Chipre, navegamos até o Egito e atracamos em Port Said, o ponto de partida para explorar o Cairo. Visitamos o Mercado Khan al Khalili, o Museu da Civilização Egípcia, o Museu Egípcio e o Mena House, enquanto nos hospedamos no Four Seasons Cairo. Esses dias foram culturalmente enriquecedores, caóticos e divertidos, com destaque natural para as monumentais pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos e a Grande Esfinge, de Gizé.

Depois atravessamos o Canal de Suez até o Golfo de Aqaba. Em Naama Bay, desfrutamos de um passeio de barco e mergulhamos no Mar Vermelho em Sharm-El-Sheikh, um dos melhores locais do mundo para o esporte, com uma rica fauna e flora marinhas. Em Luxor, começamos nossa jornada no imponente templo de Karnak e depois penetramos nos mistérios do Vale dos Reis, do Vale das Rainhas e do singular Templo de Hatshepsut, descendo pelos corredores escuros em direção às câmaras mortuárias – uma experiência fascinante.

Acima, a máscara mortuária do faraó Tutancâmon, exposta no Museu Egípcio do Cairo, e uma mesquita no deserto, às margens do Canal de Suez, no Egito. Na página ao lado, a Grande Esfinge de Gizé



Acima, a fachada com imensas colunas de Al Khazneh e a fenda de Al Siq, que termina na cidade antiga de Petra

JORDÂNIA - NA CIDADE ROSA

Cruzamos desfiladeiros até chegar a Petra, a cidade perdida do ano 312 a.C., que se revelou muito mais incrível do que eu imaginava. O famoso sítio arqueológico foi a capital do Reino Nabateu e fica no sudoeste da Jordânia, em meio a cânions e montanhas escarpadas no deserto. Petra já foi um próspero centro comercial das rotas entre a Arábia, o Egito e o Mar Mediterrâneo. A chegada é superemocionante. Anda-se muito até um estreito cânion chamado Al Siq, que exhibe palácios, templos, tumbas, depósitos e estábulos esculpidos em penhascos de arenito rosa, o que lhe valeu o apelido de Cidade Rosa.

Viajar é sempre uma nova chance de conhecer, vivenciar, aprender e respeitar diferentes culturas e pessoas

DJIBOUTI - NOVOS DESAFIOS

Djibouti, no Chifre da África, de importância estratégica entre o Mar Vermelho e o Golfo de Aden, nos recebeu calorosamente com uma festa no porto. Navegando entre culturas e idiomas como francês, árabe e dialetos dos povos nômades, exploramos a cidade com nosso guia, Hamada, aprendendo sobre as fissuras das placas tectônicas na Junção Tripla de Afar. No Lago Assal, 155 m abaixo do nível do mar, experimentamos sua água salgada, dez vezes mais salgada que a do Mar Morto.

Nesta foto, cena no deserto em Djibouti. Acima, palácio esculpido em pedra, em Petra





SOCOTRA – BELEZA SURREAL

Mais do que um ponto longínquo em meio ao Oceano Índico e o Mar da Arábia. Mais do que a terra das Dragon Blood Trees, cavernas, colinas pontuadas por pedras, rochas clivadas, picos bordando o horizonte, homens de sarongue e turbante e mulheres de chador. Mais do que o inacreditável mar azulado de águas transparentes e areia fininha, o que me pegou em Socotra foram as pessoas e sua gentileza, o misto de timidez, inocência e curiosidade. Chegar lá pela primeira vez em um navio de expedição foi um feito histórico, capitaneado por Patrizia Zito (*leia a entrevista nesta edição*).

Conhecida por suas paisagens deslumbrantes, seu isolamento levou à evolução de mais de 800 espécies endêmicas, incluindo a lendária Dragon Blood Trees, cartão-postal desse destino surreal, com seus troncos retorcidos e uma coroa de folhas que parecem um guarda-chuva. Elas produzem uma resina vermelho-sangue com propriedades para usos medicinais, e algumas vivem mais de mil anos. É uma experiência única caminhar entre essas árvores milenares e sentir a atmosfera mística do lugar, um Patrimônio Mundial da Unesco.

Uma vez ali, pode-se optar por acampar ou passar o dia em Socotra e dormir no navio. Escolhi a primeira alternativa e curti ver as estrelas e vivenciar o lado mais rústico de dormir em uma barraca e acordar ao nascer do sol para explorar a região com os guias.

Acima,
a impressionante
Dragon Blood
Tree, árvore
endêmica
de Socotra.
Na página ao lado,
crianças brincam
com caranguejos-
-azuis em praia
no mesmo
arquipélago



O azul intenso e límpido do Oceano Índico,
que banha Socotra





SEYCHELLES - VIBE FRANCO-AFRICANA

O *SH Diana* aportou em Mahé, a principal ilha do arquipélago no Oceano Índico, na África Oriental, após três dias de navegação em alto-mar. A influência francesa e a ginga africana encontram o cenário perfeito ali e o *mood relax* e caloroso entra na pele – junto com as cores naturalmente saturadas, que parecem filtro. Depois de um rolê *fashion* e *fun* em Port Victoria, seguimos para a Praia de Grand Anse, onde almoçamos, demos um mergulho e observamos os pescadores de atum à beira-mar. No dia seguinte, acordamos em frente a uma joia de ilha deserta: Bijoutier, que justifica o nome e redefine o conceito de ilha perfeita. Faz parte do Atol Alphonse e foi a nossa primeira parada após deixarmos Mahé.

OFF GRID - NATUREZA RARA

Após quase um mês no mar, o itinerário nas Seychelles tornou-se cada vez mais NatGeo, com ilhas e atóis remotos, ricos em flora e fauna preservadas e de vital importância para o planeta.

Visitamos lugares como Astove, Cosmoledo e o Atol de Aldabra, pelo qual Darwin e Cousteau se encantaram. Um dos maiores atóis de coral do mundo, é um anel de quatro ilhas envolvendo uma lagoa tropical rasa, protegida por um enorme recife. Para chegar a ele é necessária uma autorização exclusiva, para minimizar o impacto ambiental a esse Patrimônio Natural da Unesco. Ninguém fica mais do que algumas horas em Aldabra, onde um time da Seychelles Islands Foundation cuida e monitora o atol e seu entorno, o lar de cerca de 3 mil espécies de vida selvagem, incluindo tartarugas gigantes, fragatas e drongos – numa prainha deserta, esses pássaros voavam sobre nossa cabeça enquanto o sol pintava o horizonte, transformando a paisagem e as cores do dia.

A intensidade da viagem, repleta de descobertas, conhecimento, intenção e conexão, foi uma experiência que jamais será esquecida.

As *hashtags* da Swan Hellenic fazem jus ao que vivi a bordo: #SeeWhatOthersDont. 📍

Acima, o navio *SH Diana*, da Swan Hellenic. Na página ao lado, em sentido horário, a beleza arrebatadora da Ilha de Bijoutier, em Seychelles, onde os passageiros do navio chegam de bote, as tartarugas do Atol de Aldabra e um templo em Port Victoria, em Mahé

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





ENTREVISTA

R atrizia ito

*Navegar por destinos remotos
e causar impacto social são os motes
da consultora da companhia
de cruzeiros de expedição
cultural Swan Hellenic*

POR JULIANA A. SAAD

Filha de mãe brasileira e pai italiano, que se conheceram a bordo de um navio, Patrizia Passalacqua Zito nasceu no Rio de Janeiro e cresceu na Itália, onde se formou em economia marítima. Sua conexão com o oceano moldou sua vida e carreira. Ao testemunhar as disparidades sociais em suas viagens, a determinação em mudar o que via a fez agir e criar iniciativas sociais, impactando comunidades pelo mundo afora. Na companhia de cruzeiros Swan Hellenic, além dos projetos especiais, a consultora traça roteiros inusitados e recheados de aventura, como o que levou os passageiros do *SH Diana* a uma travessia nunca antes realizada até a remota Socotra – fazendo dele o primeiro navio de expedição a aportar no arquipélago iemenita, onde foi realizada uma ação social numa escola pública da capital, Hadibo. Abaixo, um resumo da entrevista que fiz com Patrizia a bordo.



Acima, Patrizia participa de ação social em uma escola em São Tomé, capital de São Tomé e Príncipe, na África, e distribui material escolar em uma escola em Madagascar. Na página ao lado, outra ação em Madagascar e o carinho de Patrizia com crianças da vila de Canhabaque, em Guiné-Bissau

UNQUIET _ O que motivou você a exercer esse papel social nos destinos que percorre?

Patrizia Zito: Ao visitar a África Ocidental, especialmente o Arquipélago dos Bijagós, em Guiné-Bissau, senti a necessidade de fazer mais do que apenas ser turista. Não podia ficar impassível diante das inúmeras dificuldades das comunidades que visitava. Por isso, busco contatar organizações locais e encontrar maneiras de contribuir. Todos podemos fazer a diferença.

Pode falar um pouco mais sobre essa visão?

Em vez de *birdwatching*, muita gente faz “human watching”, desce em um destino, faz fotos do lugar e das pessoas e vai embora. Para mim, isso é impossível. Não dá para ver crianças com fome, tirar uma foto e voltar para o navio de luxo.

Como são as suas ações sociais nos destinos?

Além de doar materiais escolares, roupas e itens para a casa, crianças e bebês, realizamos projetos maiores, como o que fizemos no Arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau, onde ajudamos na dessalinização da água e fornecemos 50 toneladas de água potável e 5 toneladas de arroz. Meu compromisso vai além das doações: busco parcerias locais e projetos duradouros, convidando os passageiros a participarem ativamente. Essas iniciativas ocorrem em diversos destinos, como Socotra, Djibuti, Moçambique, Zanzibar, Quênia, Congo e Gabão.

Tem histórias que a marcaram? Conheci uma garotinha, a Matilde, na Ilha de Bijagós, onde o simples pedido por uma escova de dentes me fez perceber que algo básico para nós pode ser crucial para outros. Outras histórias tocantes foram a de um menino que sonhava em ser médico para salvar seus pais e a de um casal de irmãos que revelou os

desafios enfrentados por famílias em comunidades rurais. Essas experiências reforçam meu compromisso em continuar fazendo a diferença aonde quer que eu vá.



Conte sobre sua formação e sua profissão

Graduei-me em economia marítima em Gênova, Itália, e trabalhei por 15 anos na Costa Cruzeiros e na Silversea. Atualmente, sou consultora da Swan Hellenic Cruises, ajudando na divulgação da marca e organizando roteiros incomuns.

Fale de suas raízes e sua vida pessoal

Sou brasileira por parte de mãe. Nunca morei no país, mas sempre o visitei durante as férias. Cresci na Itália, porém amo tanto o Rio de Janeiro que todos dizem que sou mais carioca do que muitos locais. Tenho uma paixão profunda pelo Brasil, onde espero passar mais tempo, pois recentemente comprei um apartamento no Rio. Resido em Mônaco, onde fica o escritório principal da Swan Hellenic. Sou casada há 30 anos com Andrea Zito, CEO da companhia, e temos dois

filhos: Tommaso, engenheiro naval, e Niccolo, que trabalha no mercado financeiro. Além disso, sou louca por animais e tenho três cachorros, um deles adotado em Trancoso.

Quantos países conhece e quanto tempo fica a bordo?

Eu me apaixonei por navios quando viajava com meu pai pelo mundo. Ele trabalhou a vida inteira a bordo, e comecei a viajar com apenas 1 mês de vida. Já visitei 126 países. Só falta uma parte da Austrália e alguns lugares da Ásia. No ano passado, passei mais de sete meses embarcada, e 2024 promete ser igualmente movimentado. Sou bastante exigente e gosto de receber as pessoas, verificar pessoalmente se os novos itinerários estão bem organizados e se tudo está em ordem.

Quais os lugares de que mais gosta no mundo e aonde gostaria de ir?

Além do Brasil, adoro roteiros exóticos e difíceis, como a Antártica. A África Ocidental me encantou, assim como os 16 países africanos fora da rota turística que visitei recentemente. Gostaria de explorar mais a Austrália e o Arquipélago de Raja Ampat, na Indonésia, mergulhando em sua biodiversidade marinha, que é única.

Tem projetos futuros?

Vários! Estou animada em lançar a Fundação Swan Hellenic para apoiar organizações locais em nossos destinos, inclusive no Brasil. Além disso, planejo expandir nossos roteiros e incluir a Amazônia e outros lugares no país. Acredito que o futuro dos cruzeiros está em unir o luxo com a responsabilidade social, proporcionando experiências significativas para todos os envolvidos. 📍

swanhellenic.com

AVENTURA EXTREMA

KILIMANJARO

VIAGEM AO TOPO DA ÁFRICA

A emoção de vencer o trekking que leva ao cume do Kilimanjaro, uma jornada marcada por desafios e grandes momentos diante da soberania da natureza

TEXTO E FOTOS: MANOEL MORGADO



U

m longo voo me leva até Arusha, no norte da Tanzânia, cidade que servirá de base para a escalada do Kilimanjaro, a montanha mais alta do continente africano. Mesmo tendo feito essa viagem outras tantas vezes, meu coração se enche de ânimo e meu corpo de excitação ao me preparar para a jornada que virá.

Meu primeiro encontro com o grupo de 15 pessoas que guiarei é ainda no hotel, onde todos nos hospedamos antes de dar início à aventura propriamente dita. Nossa interação é cheia de entusiasmo, com cada um dos participantes me contando sobre seus anseios e sobre suas dúvidas quanto à aventura que, nos próximos dias, nos levará ao topo da África.

Com a experiência de já ter guiado 17 grupos ao cume do Kilimanjaro, tento passar confiança, mas sei que a ansiedade é um sentimento que vai acompanhar cada um deles. Ninguém no grupo tem experiência em montanhismo, o que me faz admirar sua coragem de encarar esse projeto.

RUMO AO TOPO DA MONTANHA SAGRADA

Chegamos à entrada do parque e encontramos o restante da equipe, que era formada por um grupo numeroso de participantes. Eram 64 carregadores, oito guias, dois cozinheiros e o pessoal que monta o acampamento, no total de 90 pessoas. Se para nós a escalada é um desafio, para a população local o Kilimanjaro é tido como sagrado, a morada dos deuses e de seus antepassados.

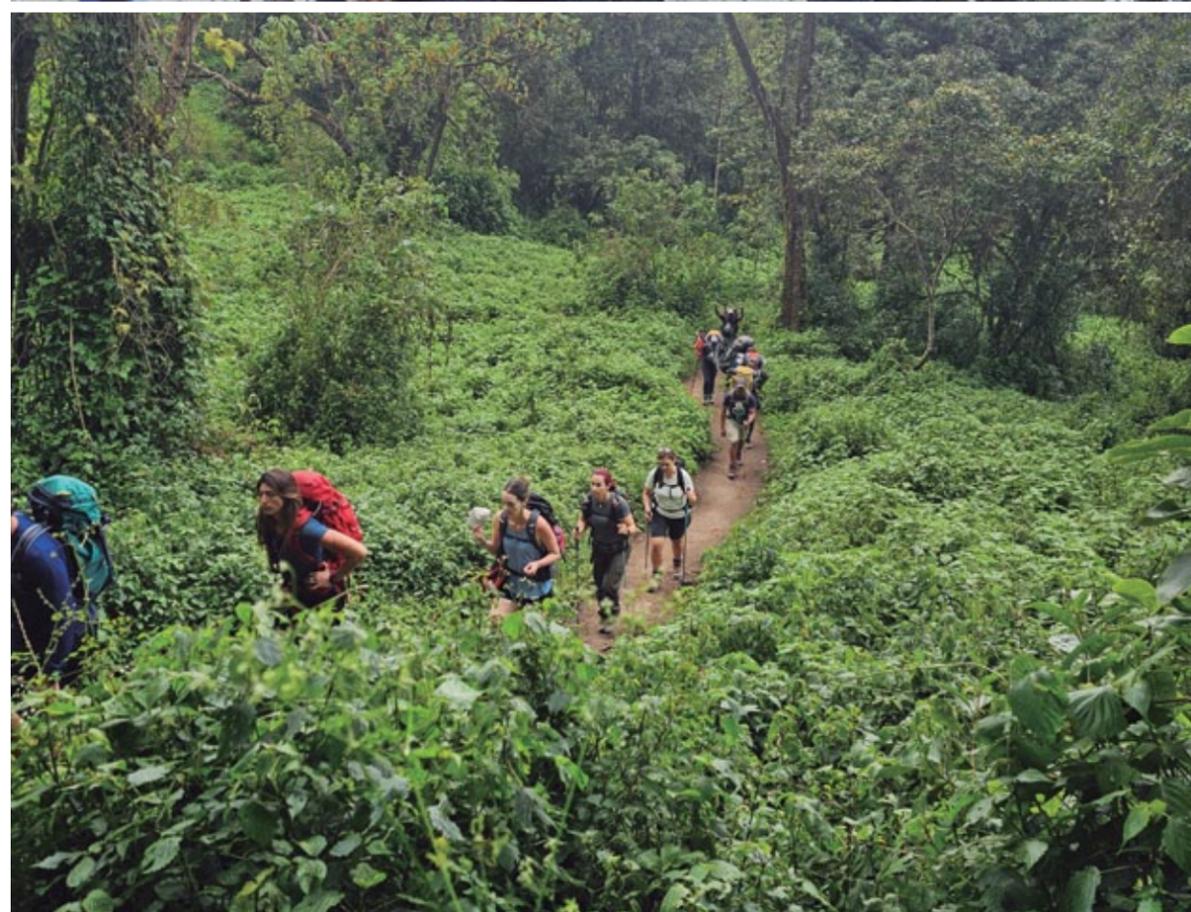
Chegamos ao primeiro acampamento, o Big Tree, a 2.800 m de altitude, após três horas de uma caminhada fácil em uma linda floresta. No trajeto, avistamos os macacos colobus, com suas grandes caudas brancas.

Nosso próximo dia foi em ritmo normal de *trekking*, com seis horas de caminhada em ritmo lento e várias paradas para *snacks* e hidratação. Nesse dia, a altimetria foi mais exigente, subimos 900 m. E tivemos a primeira vista de nosso objetivo, o Kibo, um dos três cumes do Kilimanjaro. Há mui-



O grupo a caminho do topo do Kilimanjaro no terceiro dia de *trekking*

Ao lado, parte da expedição no cume Uhuru, o ponto mais alto do Kilimanjaro, e outro trecho de caminhada. Na página ao lado, um macaco colobus, avistado no primeiro dia de trekking



tas discussões sobre o significado e a origem dessa palavra, com traduções que vão desde Montanha Branca até Montanha das Caravanas, pois aparentemente as caravanas se orientavam pelo cume.

Trata-se de um estratovulcão dormente com três cones vulcânicos, Shira, Mawenzi e Kibo. A última erupção do Kibo aconteceu 150 mil anos atrás. Kibo é o maior dos três cones, com 24 km de largura, o ponto mais alto da montanha e o nosso objetivo: o Uhuru, a parte mais elevada da borda da cratera, a 5.895 m.

NAS ALTURAS

Nosso terceiro dia de *trekking* foi marcado pela chegada ao platô de Shira, onde acampamos a 4.100 m e começamos a solidificação de nosso processo de aclimação. Foram três noites em diferentes acampamentos, mas sempre ao redor da mesma altitude, para que o corpo se acostumassem ao novo ambiente.

Estávamos prontos para o nosso grande dia. A emoção e o nervosismo eram palpáveis.

Na madrugada do dia seguinte, iríamos para o cume. Chegamos ao último acampamento, a 4.700 m, almoçamos e descansamos para o grande momento. O ritual antes da partida aconteceu com um jantar às 18 horas, seguido por algumas horas de sono nas barracas – nem todos conseguiram dormir tamanha a ansiedade – e chamada às 23 horas, quando, após

uma pequena “ceia” (ou café da manhã noturno), partimos na escuridão, iluminada apenas pelos pequenos pontos de luz de nossas lanternas em fila.

Felizmente, à meia-noite, a chuva que vinha caindo desde a tarde parou. Mas, quando chegamos à caverna Hans Meyer (batizada em homenagem ao montanhista austríaco, o primeiro escalar o Kibo), a neve começou a cair.

Nosso grupo, que havia partido unido, agora se espalhava na montanha, e sempre acompanhado de competentes guias. Sabendo que todos estavam curtindo a neve, não fiquei chateado de perder o fantástico nascer do sol na chegada à borda da cratera, no chamado Gilman’s Point, a 5.756 m. Porém, por volta das 4h30 da manhã, a neve cessou e, aos poucos, fomos vendo as estrelas aparecerem. Cerca de uma hora depois, as lindas cores do princípio do nascer do sol apareceram no horizonte: suaves azuis e rosas tingiam o céu. O frio da noite, até então intenso, pareceu amainar com a proximidade da manhã.

Estávamos na borda da cratera. Abraços e lágrimas. O Sol saiu, glorioso, trazendo felicidade e um calorzinho reconfortante. A sensação era de sucesso. Mas ainda tínhamos trabalho pela frente, com cerca de duas horas de caminhada até o Uhuru, 140 metros acima, contornando, dessa vez de maneira gradual, a borda da cratera.

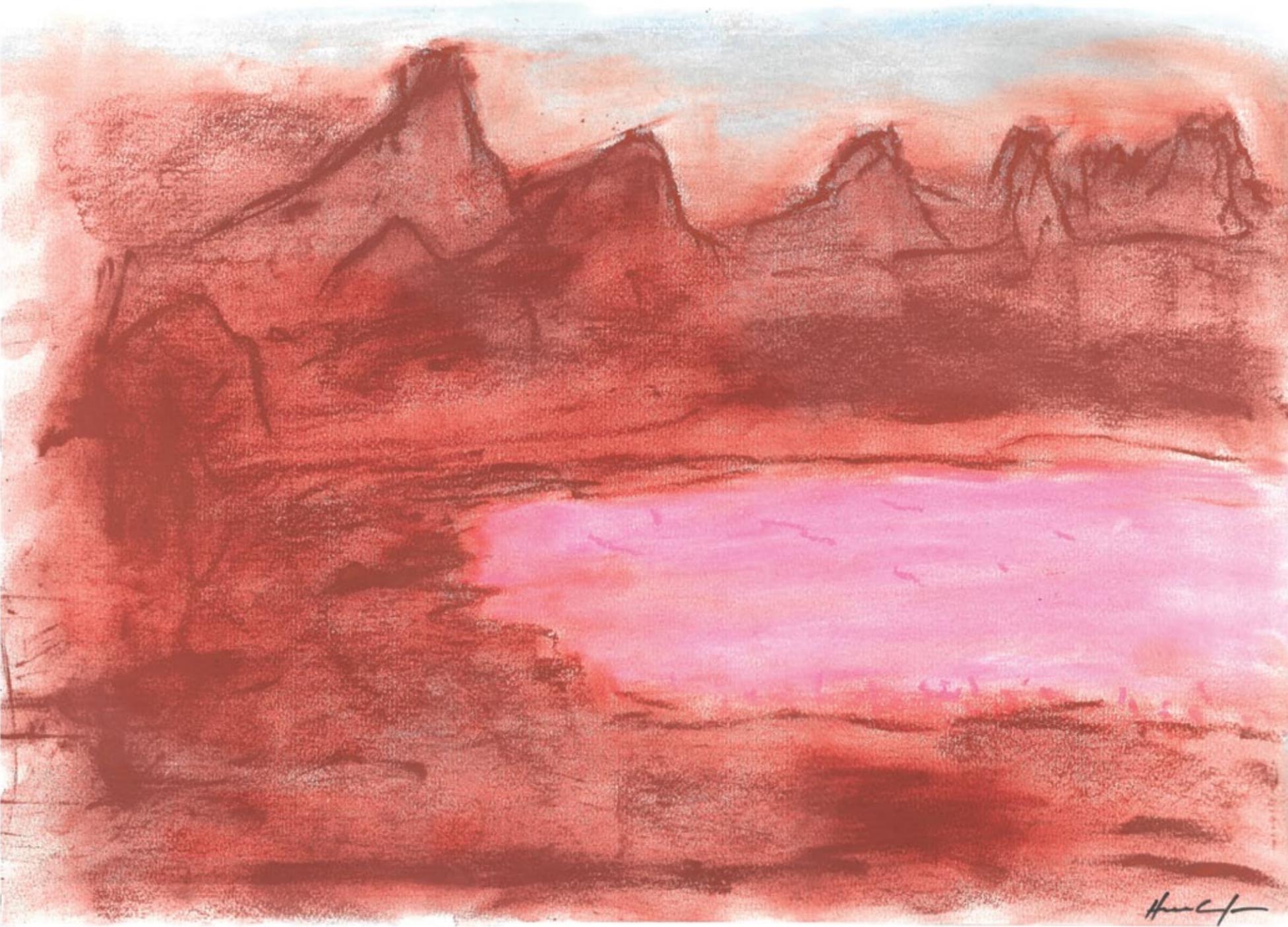
Um desafio para aventureiros, para os locais o Kilimanjaro é sagrado, a morada de deuses e de seus antepassados

Com a luz do novo dia, pudemos ver finalmente a paisagem ao nosso redor. A gigantesca caldeira, completamente coberta de neve. O Mawenzi agora estava delineado contra a luz do sol. A enormidade do que subimos e a grandeza do que tínhamos sonhado e realizado... Faltava mais um pequeno esforço e aos poucos, parando com mais frequência por causa da altitude, fomos nos aproximando de nosso objetivo. E chegamos lá.

De um lado a caldeira, e de outro a África, coberta por uma grossa camada de nuvens. Ao longe o cume do Monte Meru. Pura emoção.

DOCE CONQUISTA

No coração e na alma, tínhamos a certeza de que cada um de nós levou dessa experiência muito mais do que uma foto no cume do Kilimanjaro e um feito para contar aos outros. Levamos ensinamentos sobre nós mesmos. Levamos uma nova confiança, a de que podemos nos desafiar e vencer, desde que nos dediquemos. Levamos novos amigos, com quem dividimos angústias e alegrias. Levamos a musicalidade de nossa equipe, que cantou e dançou conosco na montanha e no almoço de despedida. Levamos o sorriso de um povo que tem uma vida dura, mas que fez de tudo para que nós conseguíssemos realizar um sonho, e que nos ajudou a vencer a cada passo. 📍



CRÔNICA

Meu sangue latino

Como os vazios e os silêncios do Atacama transformaram Joyce Pascowitch

POR JOYCE PASCOWITCH
ILUSTRAÇÃO HUMBERTO CAMPANA



De uns tempos para cá, não sei por quê, comecei a ficar meio que fixada, fascinada pela América Latina, principalmente por lugares fora dos eixos urbanos. Pensava na América Latina “mais natureza”. Meu sonho na verdade era conhecer o Atacama e, durante muito tempo, isso ficou me rondando. Acho que eu não me decidi a viajar para lá porque, na verdade, é tão ao nosso alcance – para quem mora aqui, no Hemisfério Sul – que às vezes o fácil pode passar talvez a imagem de ser desinteressante, ou talvez menos interessante do que outros destinos mais exóticos e mais afastados. Mas eu insisti e finalmente, no início de maio, fui para lá.

Agora que a poeira baixou um pouco, depois que eu voltei para casa e depois de tudo que eu senti, posso até falar como foi uma experiência avassaladora ficar quatro dias naquele deserto, sentindo coisas que eu jamais havia sentido, em cenários que eu jamais havia visto. O primeiro dia, no primeiro passeio que fizemos de manhã, com o nosso guia para a Lagoa Chaxa, cercada de sal por todos os lados (onde vivem os flamingos cor-de-rosa, dos quais eu já tinha ouvido falar com bastante entusiasmo), o silêncio naquele espaço escancarado, vazio, com cores pastel muito sutis, delicadas... Desde esse momento, com o silêncio que tocou fundo na minha alma, eu percebi que aqueles dias seriam transformadores para mim.

Desde o começo da viagem, a expectativa foi totalmente suplantada pela realidade: posso dizer que a vivência no deserto foi uma das mais fortes da minha vida. Mas isso foi só o começo: depois foi uma sucessão de experiências impactantes e sensações fortes a cada mudança de cenário. Meus preferidos foram o Rainbow Valley, com o seu colorido sutil e delicado, o Moon Valley (o Vale da Lua), com a Pedra das Três Marias (uma formação de lítio e minerais), e o Jardim dos Cactos (uma montanha lotada deles). A quantidade de sal e quartzo no deserto mais seco do mundo tornava a cada dia a experiência mais especial. Sou uma mulher movida a emoção. Gosto de ser tocada, impactada. Gosto de sentir na minha alma o que eu estou vivendo. E a sensação da Cordilheira dos Andes misturada com o deserto, e a ausência total de nuvens, torna toda essa experiência muito única.

Dá para perceber que o Atacama é um destino para viajantes que querem ir além, querem ser impactados por uma natureza de imensidão absoluta, tanto que um dos passeios mais celebrados acontece de noite, para ver estrelas, sob um céu incomparável no mundo graças à pouquíssima formação de nuvens. O passeio, que é recomendado só no último dia, em função dos 4.500 m de altitude, é para a região dos gêiseres. Mais uma experiência inesquecível, com a água borbulhando e o vapor saindo de dentro da terra. Não cheguei a ver um nascer nem um pôr do sol completo, e esse é apenas um dos motivos que me fazem querer voltar logo. Quero mais do vazio, do absoluto, do silêncio. Senti estar vivendo uma experiência que eu não conhecia e com a qual fazia tempo sonhava.

Acredito sinceramente que viagens servem para isto: para que a gente volte transformado. Mexido. É bastante raro isso acontecer, mas é muito possível e está bem ao nosso alcance – quase aqui do lado. O Atacama é sonho. A vida também é sonho. 📍

Inspiradores

BAYARD RUSTIN (1912-1987)

Figura central na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos no século XX, Bayard Rustin foi uma pessoa muito à frente de seu tempo, um revolucionário no sentido mais pleno da palavra. Nascido em 1912, desde cedo assumiu uma postura de resistência e de luta pelo direito de ser quem era, um homem negro e gay, diante de uma sociedade impermeável, racista e homofóbica. Incansável no compromisso com a liberdade, usou o pacifismo e o compromisso com a não-violência como a marca de sua trajetória.

Colaborador inestimável da campanha de Martin Luther King Jr., ele desempenhou um papel fundamental em momentos históricos, como na organização da Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade, em 1963, em que King proferiu o seu famoso discurso “Eu Tenho um Sonho”. Suas batalhas, no entanto, muitas vezes encontraram obstáculos e foram solitárias, já que Rustin sofria preconceito, em virtude de sua orientação sexual, por parte de outros líderes do movimento pelos direitos civis. Apesar das adversidades, persistiu em sua luta, trabalhando incansavelmente para promover a igualdade racial, a justiça social e os direitos humanos. Ele foi um defensor dos direitos dos trabalhadores, dos direitos LGBTQIAPN+ e do desarmamento nuclear.

No entanto, a sua contribuição muitas vezes foi subestimada devido à sua sexualidade e ao preconceito da época. Sem jamais desistir, Rustin continuou a batalhar pelos princípios nos quais acreditava, deixando um legado duradouro de coragem, determinação e compromisso com a justiça. Seu ativismo inspirou gerações subsequentes de defensores dos direitos civis e continua a ressoar até os dias de hoje. 📍

**REFUSE
TO BE
DRAFTED**

**PEACEMAKERS
2013 5TH AVE NYC**



**BUENO
BRANDÃO
257**

Perspectiva Ilustrada da Cobertura
de 923m² - 24° e 25° andares

COBERTURA COM VISTA PARA O PARQUE IBIRAPUERA

923M² • 5 SUÍTES • 7 VAGAS

UNIDADES-TIPO

500M² • 5 SUÍTES • 5 VAGAS

RUA BUENO BRANDÃO, 257 · VILA NOVA CONCEIÇÃO

INTERMEDIÇÃO:

TEGRA
Vendas



SAIBA MAIS OU FALE
COM O NOSSO CONSULTOR
DE VENDAS

REALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO:

TEGRA
INCORPORADORA

EMPREENDIMENTO BUENO BRANDÃO 257 - SÃO PAULO-SP. Incorporadora responsável: TGSP-88 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA., pessoa jurídica de direito privado com sede no município de São Paulo, estado de São Paulo, na Avenida das Nações Unidas, nº 14.261, Ala B, 14º andar, Condomínio W Torre Morumbi, Vila Gertrudes, CEP 04794-000, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 34.583.520/0001-96. Projeto Arquitetônico: Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados, Projeto Paisagístico: Cardim Arquitetura Paisagística. Projeto Paisagístico: EDSA Criação Conceitual do Paisagismo, Projeto de Arquitetura de Interiores: Roberto Migotto Arquitetura de Interiores, Memorial de Incorporação registrado em 20.10.2022 sob o R. 06 da Matrícula nº 201.003, do 4º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP e patrimônio de afetação averbado sob Av. 07 da referida matrícula. As informações constantes no Memorial de Incorporação e nos futuros Instrumentos de Compra e Venda prevalecerão sobre as divulgadas neste material. Todas as imagens e perspectivas aqui contidas são meramente ilustrativas. As tonalidades das cores, formas e texturas podem sofrer alterações. Os acabamentos, quantidade de móveis, equipamentos e utensílios serão entregues conforme o Memorial Descritivo do empreendimento e Projeto de Decoração. Os móveis e utensílios são sugestões de decoração com dimensões comerciais e não fazem parte do contrato de aquisição da unidade. As medidas dos apartamentos são internas e de face a face. A vegetação exposta é meramente ilustrativa, apresenta o porte adulto de referência e será entregue de acordo com o Projeto Paisagístico, podendo apresentar diferenças de tamanho e porte. A incorporadora não se responsabiliza pelas construções vizinhas ao empreendimento. Itens como acréscimo nas edificações existentes no entorno, aberturas de janelas, alterações de afastamentos, entre outras condições dos imóveis de terceiros podem ser verificados no local, cabendo ao Poder Público fiscalizar a regularidade das construções vizinhas ao empreendimento. Intermediação: Tegra Vendas. Creci J-28.638.



Visite rimowa.com/br/pt/information-faq Política Garantia Vitalícia.

QUANTOS ANOS LEVAM PARA CONSTRUIR SUA RIMOWA?

Poderíamos dizer que são necessários todos os nossos 126 anos de história.

Além, dos muitos anos de experiência da nossa equipe de engenharia alemã, concretizada pelos nossos artesãos sob a filosofia do Ingenieurskunst: a arte da engenharia.

Na verdade, isso é apenas o começo da jornada.

Porque quando uma mala deixa a nossa fábrica, ela continua em transformação – por você. Sendo construída por suas viagens juntas, através de cada arranhão, colisão, adesivo e até mesmo reparo, graças à nossa Garantia Vitalícia.

O único limite de quanto tempo leva para construir sua mala é até onde você deseja ir.

PROJETADA PARA A VIDA.

RIMOWA

